



A Importância do Calão Mwangolé na Formação da Identidade Sociolinguística e Cultural dos Falantes de Angola

João Paulino João

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Lusófonos
(2º ciclo de estudos)

Orientadores:
Prof. Doutor Paulo Osório
Prof. Doutor Pedro Guilherme

Outubro de 2022

Declaração de Integridade

Eu, João Paulino João, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M10121 de Estudos Lusófonos da Faculdade de Artes e Letras, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 06 / 10 / 22

(João Paulino João)

Dedicatória

À Isabel João Paulino, Mamoite.

In memoriam:

Adelina Olo

Bruno Paulo Kosi

Pedro Vicente Luís

Agradecimentos

Agradecer é um gesto de reconhecimento atribuído às pessoas que carimbam marcas de valor significativo, servindo estas de lições, auxílio de amadurecimento, apoio nas horas menos roseadas, conselhos, orientações, motivações e sobretudo as experiências transmitidas que, cada uma delas, se vão tornando especiais em nossas vidas. Assim sendo, começo por agradecer à minha família e parentes próximos pela paciência de aturar, criar e educar. Sempre terão a minha elevada estima, consideração e amor.

Profunda gratidão aos meus amigos (real soldie's) que a vida e academia me foram presenteando desde a matriz (Angola) e, de igual modo, em Portugal e outros cantos do mundo, a todos companheiros ubianos que constituem a comunidade académica de angolanos na Covilhã.

À Escola de Formação de Professores do Soyo, especialmente ao Professor Garcia Lukombo, Carlos Alberto e a professora Ana Mena.

Aos meus orientadores, Professor Doutor Paulo Osório e Professor Doutor Pedro Guilherme, agradeço a flexibilidade, simplicidade de comunicação, disponibilidade e acima tudo a vontade de serem luz e orientarem esta longa caminhada. Muito obrigado por me servirem de farol que me guiaram até ao escopo.

À Professora Doutora Cristina Vieira, gratidão pelos ensinamentos e pelo apoio quando, numa fase de inconformidades, me encontrei retido em Angola por motivos de investigação e a pandemia me impôs os sentimentos de medo e desânimo. Agradecimentos por me ter levantado o queixo.

À Universidade da Beira Interior, obrigado pelo humanismo, autenticidade, rigor científico e também pelo profissionalismo dos funcionários desta excelentíssima casa do saber. De vocês muito levarei, principalmente a vossa máxima: "*Ubi sapientia, ibi libertas*" ("Onde há sabedoria, há liberdade"). Graças a essa condição é que usufruímos da liberdade como recurso fundamental que nos leva aos caminhos do conhecimento e do esforço para atingirmos propósitos de alta dimensão: "*Scientia et labore atiora petimus*" ("Pelo conhecimento e pelo trabalho, aspiramos às coisas mais elevadas"). Aos ex-colegas de trabalho Correios de Portugal CTT, equipe da Covilhã G. UAO40, especialmente à Dona Rosa Matos, altruísta e exemplo de benevolência por excelência. Aos amigos/irmãos Guilherme Juliano, Fernando Zau, Fernando Agostinho Gomes, Zeferino Caxala, Epeanos, Tabita Tiago, Bubacar Mané, Sanzala, Edna Kosi e todos aqueles que torceram por mim: recebam a minha gratidão.

Resumo

Entre as diversas línguas espalhadas pelo mundo, podemos afirmar que nenhuma delas é regradada na sua plenitude, devido a fatores extralinguísticos; consideravelmente, constituem dentro dos seus repertórios palavras que saltam a corda da regularidade, principalmente em contextos ou ambientes informais. Quanto às línguas, pela heterogeneidade que as caracterizam e as variedades que as distinguem, a probabilidade de total cumprimento normativo tornou-se inverosímil; afinal, utiliza-se léxico de calão no dia-dia.

Sempre que a conceitualização do desvio for vista como sinónimo de sair do bom caminho, não estaremos simplesmente a deixar de acertar, mas a criar tendências de coagir a outras maneiras de comunicar. Por isso, prontificamo-nos em defender um assunto pertinente e real, porém frequentemente criticado pelos puristas linguísticos e por uma sociedade estandardizada, que procura circunscrever e banalizar o calão como uma linguagem alienada utilizada por uma agremiação excêntrica.

A valorização do calão funcionará como um desvio *ipsis litteris* dos rótulos, das normas impostas à língua, atribuindo-o à voluntariedade de se fazer uso e livre-funcionamento de acordo com as realidades e necessidades comunicativas dos falantes, neste caso angolanos, que têm moldado as suas posições linguístico-comportamentais desde que a angolanidade tirou o véu de uma nação inovadora em questões de criatividades; a circulação do calão vem ganhando espaço de suplente modalidade de identificação, cultura, símbolo de pertença e unificação.

Angola e Portugal têm uma relação vetusta, especialmente em vertentes linguísticas. Por isso, preferimos cruzar as duas realidades linguísticas informais para averiguarmos o nível de similitude e discrepâncias porque, de acordo com o trabalho de campo realizado, foi possível constatar a partir dos 144 inquiridos que o calão angolano tem influenciado mais o calão português, sobretudo pelo impacto de respostas recolhidas das expressões em calão selecionadas no inquérito: quase todas eram conhecidas, exceto a expressão “diamba”, que significa maconha ou estupefaciente, assinalado como o vocábulo com maior percentagem de desconhecimento de significação por parte dos inquiridos portugueses, pois em Portugal é mais frequente os termos erva, *weed*, ou ganza. Correspondendo a 72,7% dos 33 inquiridos portugueses, 24 desconheciam-na.

Palavras-Chave: Calão; Desvios; Variação; Norma; Identidade; Cultura; Angolanidade.

Abstract

Among the various languages spread around the world, we can say that none of them is fully regulated, due to extralinguistic factors; they constitute, within their repertoires words that cross the limits of regularity, especially in informal contexts or environments. As for languages, due to the heterogeneity that characterizes them and the varieties that distinguish them, the probability of total compliance with the regulations has become implausible; after all, slang lexicon is used in everyday life.

Whenever the conceptualization of deviance is seen as synonymous with getting off track, we are not simply failing to get it right, but creating tendencies to coerce other ways of communicating. Therefore, we are ready to defend a relevant and real issue, which is often criticized by linguistic purists and by a standardized society, which seeks to circumscribe and trivialize slang as an alienated language used by an eccentric group.

Slang appreciation will work as an *ipsis litteris* deviation of labels, of the norms imposed on the language, attributing it to the willingness to make use and free functioning according to the realities and communicative needs of the speakers, in this case, Angolans, who have shaped their linguistic-behavioral positions since Angola took off the veil of an innovative nation in terms of creativity; the circulation of slang has been gaining ground as an alternate form of identification, culture, symbol of belonging and unification.

Angola and Portugal have an ancient relationship, especially in terms of language. Therefore, we prefer to cross the two informal linguistic realities to ascertain the level of similarity and discrepancies because, according to the fieldwork carried out, it was possible to verify from the 144 respondents that the Angolan slang has influenced the Portuguese slang more, mainly because of the impact of responses collected from the slang expressions selected in the survey: almost all of them were known, except for the expression “diamba”, which means marijuana or narcotic drug, marked as the word with the highest percentage of ignorance of meaning by the Portuguese respondents, because in Portugal the terms *erva*, weed or *ganza* are more frequent. Corresponding to 72.7% of the 33 Portuguese respondents, 24 were unaware of it.

Keywords: Slang; Deviation; Variation; Norm; Identity; Culture; Angolanity

Índice de figuras

Figura 1 - Problemas de variação linguística, inconveniências de contextos situacionais	14
Figura 2 - Relação de indissociabilidade entre sociedade, língua e cultura. Adaptação nossa.	25
Figura 3 - Caracterização fisionómica do grupo Khoisan	36
Figura 4 - Os nganguelas, primeiros bantus em Angola.	37
Figura 5- Mapa etnolinguístico conforme a distribuição geográfica de 1970	40
Figura 6 - Subgéneros do calão angolano influenciados pelo estilo kuduro.	53

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Sexo	67
Gráfico 2 - Profissão	67
Gráfico 3 - Idade	68
Gráfico 4- "Puto, essa bunda não é para o teu camião"	69
Gráfico 5 - "Estar-se / Tar-se a cagar (tô me a cagar, caga nisso)"	70
Gráfico 6 - "Catingueiro do caralho"	70
Gráfico 7 - "Gajo que tchila até às seis horas da matina"	71
Gráfico 8 - "Rata"	71
Gráfico 9 - "Garina um coche atirada"	72
Gráfico 10 - "Bumbar é uma merda"	73
Gráfico 11 - "Diamba"	73
Gráfico 12 - "Perar"	74

Índice de tabelas

Tabela 1 - Neologismos e calão, gíria ou expressões culturais	25
Tabela 2- Os reinos em Angola: Agrupamento, fundação e extinção	38
Tabela 3 - Palavras de origem kimbundu de uso quotidiano no calão e no português corrente [adaptação nossa].	42
Tabela 4- Seleção de catorze vocábulos em calão angolano e suas respectivas traduções em português	46
Tabela 5 - Empréstimos da língua kikongo no português falado em Angola [adaptação nossa].....	47
Tabela 6 - Empréstimos da língua umbundo no português falado em Angola [adaptação nossa].....	48
Tabela 7 - Empréstimos da língua kimbundu no português falado em Angola.	49
Tabela 8- Calão namayer e tradução para português.....	57
Tabela 9 - Inamatu/CA e tradução para português.....	59
Tabela 10 - A inserção do calão na literatura angolana.....	62
Tabela 11 - Recolha de vocábulos em CA e CE.....	68
Tabela 12 - Vocábulos de usos linguísticos correntes versus usos colonizados em texto híbrido de Miller Gomes.....	76
Tabela 13 - Calão angolano / do português europeu.....	77
Tabela 14 - Palavras homónimas.....	78
Tabela 15 - Palavras diferentes com igual significação	79

Lista de siglas e acrónimos

PA.....	Português Angolano
PE.....	Português Europeu
PB.....	Português Brasileiro
LO.....	Língua Oficial
CPLP.....	Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa
PALOP.....	Países de Língua Oficial Portuguesa
VALPA.....	Varição Linguística do Português Angolano
CA.....	Calão Angolano
CE.....	Calão Europeu
MPLA.....	Movimento Popular de Libertação de Angola
UNITA.....	União Nacional para a Independência Total de Angola
FNLA.....	Frente Nacional de Libertação de Angola
EUA.....	Estados Unidos de América
RDC.....	República Democrática do Congo.
FAF.....	Federação Angolana de Futebol

Índice

Introdução	1
0.1. Fundamentação e escolha do tema	2
0.2. Objetivos.....	3
0.2.1. Objetivos específicos	4
0.3. Orientação metodológica.....	5
0.4. Estrutura do trabalho	6
CAPÍTULO I — Da Norma Ao Desvio: O Caso Do Calão.....	7
1.1. Língua, linguagem e compreensão	7
1.2. A Norma	10
1.3. Os conceitos de variação linguística.....	13
1.4. Português, língua pluricêntrica ou bicêntrica?	15
1.4.1. Entre normas e desvios: discrepâncias sociais e linguísticas	18
1.4.2. Relativização do conceito normativo ou desvio como eufemismo de erro? 20	
1.5. Para uma definição do conceito de calão.....	23
1.5.1. Palavras que oscilam entre calão e linguagem corrente	28
1.5.2. O uso do calão e estrangeirismos como nova tendência de comunicação....	30
CAPÍTULO II — O Calão em Angola: Forma de Identidade Linguística e Cultural....	34
2.1- A formação de Angola: o caso de afirmação de angolanidade etnolinguística... 34	
2.1.1. O período arcaico ou pré-histórico e o período de transição (proto-histórica)	
.....	35
2.1.2. Comunidade étnica não-bantu	35
2.1.3. Comunidade étnica bantu	37
2.2. Período de configuração dos reinos.....	38
2.3. O período colonial em Angola.....	40
2.4. Período da independência: O contributo da língua num estado-nação em	
construção.....	43
2.4.1. Influências das línguas nacionais no PA	46
2.4.2. Empréstimos da língua kikongo no português falado em Angola.....	47
2.4.3. Empréstimos da língua umbundo no português falado em Angola.....	48
2.4.4. Empréstimos da língua kimbundu no português falado em Angola.....	49
2.5. O período de pacificidade.....	51
2.5.1. O calão no kuduro: Contributos e impugnações.....	52
2.5.2. Subgéneros e percussores do calão angolano influenciados pelo estilo	
Kuduro.....	54

2.6. O calão na literatura angolana: Frequência de uso e símbolo de pertença em <i>Os transparentes</i> de Ondjaki	60
CAPÍTULO III— Análise de Usos Linguísticos com Calão do Português Angolano vs. Calão do Português Europeu	65
3.1. Os riscos de inadequação nos usos do calão em fase experimental-adolescente.	65
3.2. Gestão estatística de dados e descrição da amostra.....	66
3.2.1-Gráficos e recolhas preliminares:.....	66
3.2.2. Sexo	67
3.2.3. Profissão	67
3.2.5. Recolha de vocábulos em CA e CE (respostas mais frequentes em inquéritos).....	68
3.3—Gráficos de recolhas léxico-semânticas: a carga das palavras e seus significados	69
3.3.1. Caso 1 — “Puto, essa bunda não é para o teu camião”	69
3.3.2. Caso 2 — “Estar-se / Tar-se a cagar (tô me a cagar, caga nisso)”	70
3.3.3. Caso 3 — “Catingueiro do caralho”	70
3.3.4. Caso 4 — “Gajo que tchila até às seis horas da matina”	71
3.3.5. Caso 5 — “Rata”	71
3.3.6. Caso 6 — “Garina um coche atirada”	72
3.3.7. Caso 7 — “Bumbar é uma merda”	73
3.3.8. Caso 8 — “Diamba”	73
3.3.9. Caso 9 — “Perar”	74
3.4. A mudança de paradigma dos usos do calão: Do gueto ao prestígio citadino.....	74
3.5. Relação léxico-semântica entre Mwangolês e Tugas	76
3.5.1. Calão de igual significação em Angola e Portugal.....	77
3.5.2. Palavras homónimas entre CA e CE.....	78
3.5.3. Expressões diferentes entre o calão angolano e o calão do português europeu, mas com significado igual.	79
3.6. Entre Angola e Portugal: as similitudes e os falsos cognatos linguísticos	80
Considerações finais	82
Referências bibliográficas	85
Webgrafia	91
Anexos.....	93
Anexo 1— Entrevista namayer: Fator diferença e ilustração da linguagem disponível in: https://youtu.be/poqhK25RJPQ	93
Anexo 2— Bobany king em entrevista: Da explicação e tradução vocabular à expansão do burguês desde as origens. in:	93
Anexo 3—Inquérito.....	94

Introdução

Uma situação bastante curiosa é que até hoje nenhuma língua, por mais perfeccionista que seja, não passa e não vivencia irregularidades, tão pouco desvios. É inverosímil que qualquer sistema linguístico, por mais circunspecto que seja, não se lime, não se arranje, não ganhe novas formas; por maior que sejam as exigências que disponham formalidades, as línguas não saem imunes das situações informais. Porquê? Os elementos que a fornecem são seres vivos que utilizam línguas vivas, seres sociais pluridimensionais e multifacetados que desempenham variadas funcionalidades. Um presidente de uma câmara municipal (figura formal por excelência) não deixa de ser um elemento (isolado) na sua vida privada, um membro familiar, um indivíduo social que, de vez em quando, frequenta bares ou discotecas com os amigos; não deixa de ser um adepto de uma equipa desportiva ou outras atividades relacionadas com os seus gostos ou critérios de apreciação. Todavia, a maneira de falar num comício, numa reunião plenária ou num discurso, ao desempenhar sua agenda política, obviamente não será pariforme, pois, em meios informais, a linguagem é claramente “não elaborada”, tendo em conta o contexto situacional em que estará inserido o exemplo de ambientes de entretenimento, lazer e intimidade, onde a língua se desenrola de maneira espontânea.

Uma das peculiaridades dos requintes das situações informais suprarreferida é a efetivação do calão, uma categoria de linguagem que quase toda gente usa ou já usou em certa altura ou ocasião, uma linguagem vulgar que se vai fazendo percussora dos recônditos ecos populacionais (como no gueto) É, afinal, uma modalidade ainda tabu, ou seja, (i) que é impedida de livre circulação ainda que em ambientes familiarizados, (ii) censurada por se considerar baixa, grosseira, por isso, assunto evitado por se dizer, (iii) uma temática socialmente entendida como marginal (abrindo parênteses aos preconceitos, estereótipos e discriminações sociais).

A língua, não sendo um sistema unívoco e, tão pouco, uma realidade congénere, é para nós um constante processo variacional que despensa ininterrupções, ou seja, um sistema (em andamento) incessante de criações lexicais e semânticas que se diversifica em ambientes espaço-temporais. No entanto, numa perspetiva sociolinguística, almejamos, por um lado, dar importância às variedades e aos desvios das normas que revolucionam o panorama comunicativo mundial (em especial, o angolano), elevando o pragmatismo livre dos falantes sem que se sintam privatizados em terrenos de vedação normativa porque as influências remetem a indissociabilidades. Ora, tal como a gramática influi a sociedade (falantes), estes também a influenciam significativamente. Por outro lado, pretendemos que o mundo lusófono condescenda o entrave e/ou impossibilidade de uniformização tanto da técnica de representação por meio de sinais

convencionais (escrita/ortografia) como por modalidades de realização da língua concretizada por exposição oral (fala) para que assim possamos transitar da utopia para a observável realidade.

Ora, quer queiramos, quer não, a unificação integral do português em toda a CPLP revelou-se inverosímil, já que cada povo introduziu reformulações à sua maneira, criando variações linguísticas *sui generis*.

Particularmente em Angola, a fusão de contactos surge como pormenor consistente no eco histórico que manteve a repercussão entre dois povos ignotos, com hábitos e costumes diferentes e estruturas lexicais, morfológicas e sintático-semânticas ainda mais distanciadas, no qual uma língua acentuada normativamente (língua portuguesa) entra em convívio com as línguas nativas maioritariamente de origem Bantu em ambiência de imposição idiomática, por um lado, e, por outro, resistência do uso das línguas autóctones em clandestinidade. A hibridização resultou numa língua metaforicamente mestiça com semblante próprio, ou seja, um estilo particularmente angolano de se falar português que, num período de pós-independência (1975) começaram a germinar as sementes do calão de maneira abrangente como emblema de angolanidade.

0.1. Fundamentação e escolha do tema

Em virtude sequencial das notas introdutórias, o presente trabalho baseia-se num dos ramos da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade e que, por sua vez, se reflete em especial na variabilidade social da linguagem como tendência heterogénea. Optamos por um tema bastante desafiante. Uma das razões que nos influenciou a trabalhá-lo consiste no facto de ser um assunto pouco desenvolvido cientificamente e, por tal motivo, urge a necessidade de estudar as razões que motivam certas atitudes, como juízos de valores, preconceitos e estereótipos linguísticos.

Tencionamos incorporar como secção na dissertação o tópico “reflexões sobre o preconceito linguístico nas variedades do português angolano”, que irá ao encontro do fio condutor da investigação. Outrossim do porquê da escolha do tema é o ânimo de expor o outro lado da moeda, porque estimamos demonstrar que o calão não é simplesmente uma linguagem dos irreverentes que demonstram desrespeito, mas sim uma das ricas variedades que complementam o campo social da linguagem, uma vez que a língua não é estática, mas sim dinâmica e sujeita a constantes evoluções e transformações por parte dos falantes: “Os homens fazem a língua e não a língua os homens” (Fernão Oliveira, 1536). Portanto, é natural que os falantes façam reajustes,

adaptações, revisões e outras criações lexicais, introduzindo inovações de acordo com as realidades e as necessidades comunicativas presentes.

Preconizamos o termo *mwangolé*, que transcende a concretização de um simples vocábulo em virtude de atribuição de um sentido emblemático oriundo da língua nacional *Kimbundu*, representando e exprimindo as vozes, os suores, o semblante, a originalidade e as raízes do povo angolano, por isso considerado o gentílico que caracteriza a pátria no seu todo. *Mwangolé* passou a significar, em termos identitários, um indivíduo natural de Angola, relativamente aos aspetos ligados ao país, aquilo que pertence à nação angolana, características especiais referentes a Angola. Em termos gramaticais, alberga valores de topónimo, como por exemplo: “Aqui na *mwangolé*, bandas¹ numas² para visitar são buereré³” (“aqui em Angola, existem vários lugares bonitos para visitar”). O gentílico em destaque funciona também como adjetivo: “Esse *madié* é *mwangolé*” (esse indivíduo é angolano”). Mais adiante, de forma aprofundada, apresentaremos a importância do calão *mwangolé* na formação da identidade sociolinguística e cultural da angolanidade como forma de expressão própria, que terá como principal base de fundamentação contribuições pertinentes que servirão como referências primárias sobre calão, desvios, normas e identidade cultural angolana — tópicos chaves que configuram o tema da nossa tese com particular enfoque epistemológico no trabalho de Osório, Paulo (Coord.), Miguel, Afonso; Kingui, António; Suelela, David.; Adriano, Paulino Soma, e Costa, Teresa, *Da Fonologia à Lexicografia. Elementos para uma Gramática do Português de Angola*, V. N. Famalicão, Edições Húmus, 2022.

0.2. Objetivos

Consideremos os registos preambulares deste trabalho como linhas de encaixe entre três conceitos interdependentes, mas que se relacionam no contexto global, nomeadamente: língua, cultura e identidade. No entanto, um dos objetivos do mesmo é fazer compreender a intrínseca relação entre os três elementos que, por sua vez, influenciam significativamente o uso do calão: no âmbito pragmático, não se pode viver em sociedade sem uma determinada língua, por isso ela é geralmente definida por muitos como um meio primário, fundamental e básico que torna a vida possível em sociedade.

¹ Banda é um termo utilizado no calão angolano referindo-se a lugar, sítio. Também é usado principalmente pelos angolanos na diáspora substituindo a palavra Angola por banda. Ex: Estou a pensar bazar para banda em dezembro. Trad.: Estou a pensar ir para Angola em dezembro.

² Numa em calão significa bom, bonito, agradável, ideal.

³ Bueréré adjetivo quantitativo de origem kimbundu equivalente ao vocábulo bué ambos significando grande quantidade, abundância, muitíssimo.

Tencionamos encontrar um resultado a partir do método cartesiano simulado, partindo do pressuposto de que, se um determinado povo pode ser identificado pela sua maneira de se comunicar e a língua por sua vez consolida a possibilidade harmoniosa num contexto de convivência social e a cultura contribui na configuração epistemológica de qualquer povo ou indivíduos enquanto seres sociais, então deduzimos que língua, cultura e identidade são conceitos indissociáveis. Especificamente, dentro das relações supracitadas, já que está em jogo o elemento-chave que é a sociedade, almejamos quebrar os tabus e os preconceitos linguísticos, passando a ideia de que nem toda a construção frásica ou contexto conversacional desta específica maneira de expressão envolve linguagem forte (palavrões) e muito menos se deve presumir que todo o utilizador desta deve ser considerado um delinquente, marginal, periférico ou fora da lei, entre outros adjetivos pejorativos.

É também nosso propósito aferir as relações existente entre o calão do português europeu e o calão do português angolano e nivelar os distanciamentos semântico-lexicais, assim como as semelhanças em alguns vocabulários que passaram a ter a mesma significação devido aos fatores histórico-culturais e emigratórios, muito influentes nesse processo. Por exemplo, as palavras *bué*, *fixe* e *ya* possuem a mesma carga semântica em ambas as realidades linguísticas (Portugal e Angola). Pretendemos explorar a herança cultural imersa nas expressões idiomáticas de vocabulários oriundos das línguas nacionais e suas influências, tanto no calão como no português padrão e, por conseguinte, ambicionamos elevar o calão angolano como riqueza imaterial e marca de identificação cultural da angolanidade.

0.2.1. Objetivos específicos

Não há quem percorra grandes caminhos sem antes reconstruir inteligíveis fórmulas, e é a partir deste trivial vínculo prossecutivo dos escopos gerais que traçamos significativamente os planos especiais, delimitando uma cadeia lógica, explícita e clara sobre três alíneas em proficiência que almejamos concretizar neste estudo científico que visa examinar, conceitualizar e correlatar os elementos mais pertinentes. Assim, pretendemos:

1. Analisar a oposição do binómio tradição/modernismo da história do quadro linguístico angolano, tendo em conta os aspetos estáticos que representam o tradicionalismo e os aspetos dinâmicos que representam o modernismo, ou seja, desde as referências folclóricas às metamorfoses da era digital (o impacto da tecnologia na criação de novas palavras faladas e escritas);

2. Relacionar as diversidades culturais da esfera angolana e irmaná-las para melhor estruturação da narrativa histórico-política, com a finalidade de construir uma consciência coletiva;
3. Avaliar a relevância da inserção do calão enquanto partícula dos registos linguísticos, assim como as relações entre a língua e a repercussão cultural como ferramentas coadjuvantes ao processo de edificação dos diferentes grupos que compõem a etnografia angolana.

0.3. Orientação metodológica

O *modus operandi* da dissertação projetada basear-se-á num método de consultas, na qual serão aplicadas todas as ferramentas possíveis, desde as investigações bibliográficas físicas até outras fontes referenciais (eletrónicas) que auxiliarão como farol-chave, a fim de nos conduzir aos pontos almejados. Outrossim, a metodologia comparativa similarmente desempenhará um papel importante na aferição entre o calão do PA e o calão do PE, dos quais contrastaremos o nível de aceitabilidade e as linhas que separam tais permissões, desde as vertentes sociais até às académicas.

Pretendemos usar mecanismos que façam um levantamento de estudos aprofundados sobre os prós e os contras do calão. Averiguaremos minuciosamente as influências positivas e negativas nos discursos e nos contextos situacionais que exigem um certo rigor formal, porque se verifica um índice de abuso de linguagem em alguns falantes que, propositadamente, abdicam do equilíbrio emocional em convívios e usam expressões pesadas (obscenidades) que ferem a sensibilidade e a integridade moral do interlocutor.

Por outra, optaremos por uma metodologia mais prática que envolverá pesquisa de campo, inquirindo o nível de domínio lexical do calão quanto a perceção, receção, e impacto do interlocutor recolhendo dados de angolanos e portugueses não só para averiguar as palavras do calão por eles conhecidas como também as diferentes reações dos mesmos tendo em conta aquilo que lhes chega aos ouvidos se são de bom agrado ou o contrário, se são palavras bastante duras, fortes ou leves de se usar.

Equacionaremos outras vantagens para deduzirmos o nível de enriquecimento cultural e linguístico fornecido, como os vocábulos introduzidos através estilos musicais que se expandiram no mundo lusófono e até no mundo, como o *Kuduro*, o *Semba*, a *Tarraxinha* e a *Kizomba*, géneros musicais que possuem uma forte carga semântico-lexical de angolanismo. Adicionalmente, examinaremos o nível de interferências que o

uso do calão pode causar no processo de ensino e aprendizagem principalmente em idade experimental-adolescente.

0.4. Estrutura do trabalho

De acordo a estrutura organizacional, a presente dissertação está sistematicamente constituída em três seguimentos, possuindo cada um as suas respetivas subdivisões e finalidades distintas, porém complementares, dado que alguns tópicos proporcionalmente entrarão em confluência, articulando assim uma ordem de ideias sociolinguísticas que consubstanciam e combinam no auxílio a percetividade científica e simplificação das premissas almejadas.

O primeiro capítulo abarca um conjunto de argumentos teóricos relacionados com a dicotomia linguística entre a força centrípeta da conservação e a força centrífuga da inovação; associaremos o conservadorismo à norma e a inovação aos desvios de linguagens, dois caminhos antagónicos mas de não impossível concomitância. Entre desvios e variedades, subjaz o caso do calão como força centrífuga oponente às noções dos binómios certo/errado, superioridade/inferioridade e a padronização como variante ideal.

Na segunda parte, dissertaremos sobre o calão em Angola como forma de identidade linguístico-cultural, apresentando especificamente alguns detalhes nacionais relacionados com a formação desta especial linguagem, partindo do pressuposto da situação linguística angolana que tem sido considerada como tendo uma estreita ligação com o plano cultural, e que cimenta o plurilinguismo e a união na diversidade. Desta feita, o estudo etnográfico surge então como crucial apetrecho das arestas consultas das línguas nacionais que, por sua vez, influenciaram e continuam a influenciar lexicograficamente o calão.

A terceira e última parte do nosso trabalho (de carácter prático) ocupar-se-á de analisar os diferentes usos linguísticos do calão por falantes angolanos e portugueses, demarcando a transversalidade entre o calão do PA e do PE através de um levantamento de suas respetivas diferenças e semelhanças de significados.

CAPÍTULO I — Da Norma Ao Desvio: O Caso Do Calão.

1.1. Língua, linguagem e compreensão

A sensação não é uma coisa, mas também não é um nada! O resultado foi que tanto podia ser um nada como uma certa coisa acerca da qual nada se pode dizer. Repudiamos apenas a gramática que se quer aqui impor a nós. O paradoxo dissolve-se apenas se cortarmos radicalmente com a ideia de que a linguagem funciona sempre de uma maneira.⁴

A língua pode ser definida como um conjunto de propriedades sistemáticas de signos, uma entidade coletiva de significações, cuja concretização se efetua por intermédio daquilo que Saussure designou de *parole* ou fala, distribuída e partilhada por uma comunidade de falantes que integram um processo de comunicação que cria intercâmbios e relações entre si e que são um meio primário, fundamental e básico que torna a vida possível em sociedade.

Não sendo um sistema unívoco, é importante que nos abstraiamos do conceito, inerte e isolacionista, de que a língua é exclusivamente um instrumento de comunicação, quando em várias circunstâncias vem assumindo as diversas formas como encaramos o mundo. Muito mais que um repertório de palavras, tem sido a representação de uma realidade existencial circunscritível em contextos variados. Onde o camponês vê carvalhos, faias, castanheiras etc., o homem comum da cidade apenas vê árvores.⁵ Onde um crítico literário ou especialista em análises literárias discerne o género, identifica as linguagens figuradas e seus respetivos valores semânticos, a constituição do poema quanto aos aspetos internos, as classificações quanto à sonoridade, sílabas tónicas, escanções métricas, entre outras classificações, um leigo leitor apenas observa um texto que, muitas das vezes subjetivo e opaco, encerra a compreensão do mesmo sem que tenha acesso ao pano do fundo ou intenção do sujeito poético.

Os acontecimentos enigmáticos, as revelações divinas/espirituais, as condições metafísicas, os rituais, os valores, as crenças, as culturas, a configuração e a compreensão do mundo em si concretizam-se mediante a língua. Entretanto, parte da visão que temos sobre ela é fornecida por essa herança de significações, por este processo inacabado que

⁴ António Marques, *O Interior: Linguagem e Mente em Wittgenstein*, Braga, Fundação Calouste Gulbenkian-Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003. p. 91.

⁵ Augusto Mesquita Lima, Benito Martinez e João Lopes Filho, *Introdução à Antropologia Cultural*, Lisboa, 8ªed., Editorial Presença, 1990. p. 151.

nos proporciona o ensejo de folhear as partes incompreendidas a convite da ininterrupta compreensão como exercício de infinita busca.

Compreender é assim acontecer e não reconstruir; é fazer com que o outro entenda o que a mediação dos símbolos nos transmite, em termos de organização ética e social dos assuntos humanos[...] Os signos simbólicos são opacos, têm um sentido literal e outro existencial ou escondido; uma dimensão semântica outra não semântica que é absolutamente impossível separar. São os testemunhos mais fidedignos da estrutura de antecipação própria do humano. Expressam o conflito originário ("desejo de ser na falta do ser") que dá origem ao próprio ato de significar e interpretar. Revelam, em suma, a distância em que radica a linguagem. Por isso mesmo, suscitam a interpretação, ou melhor, são o seu verdadeiro espaço de experiência.⁶

Para Breal, a catedral da linguagem situa-se na nossa cognição, constituindo um espaço de armazenamento que permite salvaguardar a linhagem humana desde as ancestralidades, considerando-a por isso um património imaterial herdado, um constante devir histórico alojado no intelecto que, em função disso, é como uma herança que subjaz ao engenho dos nossos contemporâneos (e concidadãos), assim como no nosso interior, uma modalidade que se viu acontecer antes do nosso existir (nos nossos pais) e que acompanha e testemunha a missão hermenêutica da nova geração, que por esse motivo perdura por meio da compreensão⁷.

Benveniste acredita que a linguagem é o ponto de reencontro do homem consigo mesmo, e é por ela que o mesmo se define como sujeito, na medida em que transcreve a sua realidade e o configura como um ser da linguagem — conforme Kelly Werner, dependente de um fluido de respostas provenientes de um elemento complementar que é o outro, uma vez que, deste modo, viabilizam a existência de eu-tu como sujeitos mediante o respeito a condição de interação.⁸

Francis Vayone soma a ideia de Benveniste e Kelly e o resultado é fundamentado em expressão e personalidade, na qual define a linguagem como um campo viável em que o indivíduo procura manifestar o ato de existência; “se comunico é porque existo”: é pela linguagem que nos sentimos visitados pelos nossos desejos, que nos encaminham à exteriorização das nossas construções ideológicas, a estruturação dos nossos pensamentos, a maneira como nos posicionamos no mundo.

Vayone declara que a linguagem é um aglomerado de hipóteses, um conjunto de atividades humanas indissociavelmente eficazes desde as expressões e manifestações verbais e não verbais. Tudo importa, tudo se interlaça no ato de comunicar no qual as

⁶ Maria Luísa Portocarrero Silva, *Conceitos Fundamentais de Hermenêutica filosófica*, Universidade de Coimbra, 2010, p.6-11.

⁷ Érica Daniela de Araújo, *A Linguística Geral de Benveniste Como um Acontecimento no Espaço Político-Simbólico da Linguística: Língua, Cultura, Personalidade*, Uberlândia—Minas Gerais, 2019, p.72.

⁸ Kelly Cristini Granzotto Werner, “A Intersubjetividade Antes da Subjetividade na Teoria da Enunciação de Benveniste”. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2006. p. 2.

aspirações de falar e escrever surgem da necessidade de exprimir, contactar, transmitir alguma coisa a alguém (outro), mesmo que seja a própria existência do eu como ser falante para que assim se revele e se afirme perante os semelhantes do indivíduo falante. Para o autor, comunicar é também manifestar o domínio sobre as coisas, pela demonstração das capacidades inatas. A linguagem como faculdade humana concretiza a organização do universo pela distinção e classificação dos seus variados elementos, permitindo a sua fixação na memória, esta cada vez mais maneável e útil.⁹

Segundo Acílio Rocha, a linguagem não é apenas o meio onde se dá a compreensão, mas que a torna possível: é um instrumento de comunicação, mas, acima de tudo, uma experiência do mundo; ela revela a pertença do sujeito à tradição em que se insere, que se configura mediante as interpretações que vão produzindo ao longo da história pelas peculiaridades de cada época.¹⁰ Quando o autor declara que a linguagem é a matriz viável que revela as experiências do mundo e em questões de identificação reiteradamente, revela em simultâneo a pertença do sujeito à tradição em que se insere. Surgimos como consequência de uma inserção global de complexidades, no qual a experiência não nos vem de um processo pariforme, isto é, cada grupo configura as suas convicções, interpretações, valores, conceções e apreciações. Ademais, se fragmentarmos o carácter grupal, observaremos que cada sujeito, dentro da sua tradição, além da consciência coletiva, possui as suas singularidades, nas quais ambiciona preservar as peculiaridades que o definem.

⁹ Francis Vayone, “Expressão e Personalidade” in: Haquiara Osakabe (Coord.), *Usos da linguagem, Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita*. São Paulo, Martins Fontes, 7ªed, 1987, p. 205.

¹⁰ Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, “Da Linguagem à Cultura: Globalização e Diversidades Culturais” Universidade do Minho, 1998, P.465.

1.2. A Norma

A palavra norma deriva dos adjetivos “normal” e “normativo”, que, semanticamente possuem valores distintos, sendo que “normal” designa aquilo que é comum, usual, habitual, regular, aquilo que ocorre ou se efetua com frequência, ao passo que “normativo” diz respeito ao ponto de referência, aquilo que é prescritivo, imperativo, estandardizado, padronizado, modelo, ideal.¹¹ A norma, segundo o *Dicionário de Didática das Línguas*, é um conjunto de prescrições, consignadas em gramáticas, dicionários classificados normativos e que correspondem “ao que se deve e ao que não deve dizer” para estar em conformidade com o perfeito uso linguístico da boa sociedade (a parte mais sã da corte), representando uma escolha *a priori*, baseada em preconceitos socioculturais e na noção de níveis de língua hierarquizado: as classes dominantes (cultas, prestigiadas) e os “bons autores” empregam uma língua de qualidade que é necessário considerar um modelo a seguir, enquanto as classes baixas utilizam uma língua má (mediocre) que tem que se proscrever.¹² Bagno aponta o provimento da hierarquização da norma como singelas atitudes que suscitam hegemonia perante outros níveis, quando lhe é atribuída uma cédula “cultura”, adjetivo qualificativo que alimenta ainda mais o ego nos jornais, redes televisivas, estações de rádios, internet, nas academias, nos manuais didáticos entre outros, com finalidades de assinalar aquilo que Marina da Silva Gonçalves designa por supervisionamentos, na medida em que nos acomodamos num campo de constantes avaliações do “outro”, do que é considerado certo ou errado. Por outro lado, há um certo afastamento do modelo considerado padrão. Portanto, o preconceito linguístico é também um preconceito social¹³. Conforme Faraco:

Há na designação norma culta um emaranhado de pressupostos nem sempre claramente discerníveis. O qualificativo “cultura”, por exemplo, tomado em sentido absoluto, pode sugerir que esta norma se opõe a normas “incultas”, que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. Tal perspectiva está, muitas vezes, presente no universo conceitual e axiológico das falantes da norma culta, como fica evidenciado pelos julgamentos que costumam fazer dos falantes de outras normas, dizendo que estes “não sabem falar”, “falam mal”, “falam errado”, “são incultos”, “são ignorantes” etc.¹⁴

¹¹ Márcio Edu da Silva Undolo, *Caracterização da Norma do Português em Angola*. Universidade de Évora, 2014. p. 57.

¹² R. Gallisson e D. Coste, *Dicionário de Didática das Línguas*, Trad. (Adelina A. Pinto, Custódio L. dos Santos, Fernanda I. da Fonseca, José Sampaio, Maria I. Paiva Boléo, Maria Manuela A. M. Sampaio e Telmo Verdelho), Coimbra, Livraria Almeida, 1983, p. 513.

¹³ Marina da Silva Gonçalves, *O Calão no Português Europeu: Tendências e Utilizações*, Universidade de Minho, 2016. p. 6.

¹⁴ Carlos Alberto Faraco, *Norma Culta Brasileira Desatando Alguns Nós*, São Paulo, Parábola Editorial, 2008. p. 56.

Vale frisar que a realidade normativa não está a ser aqui despojada da sua proficiência ou importância, e tão pouco da sua utilização, até porque tem sido utensílio orientador no âmbito organizacional e no estabelecimento de unidade na adversidade, evitando transgressões ou libertinagens (uso abusivo da língua para ferir sensibilidades). Num sentido menos ofensivo (sem o apriorismo sociocultural), a norma equivale à normalidade mencionada na primeira definição, ou seja, refere-se ao emprego corrente vivenciado em determinada comunidade de falantes, representando então a lucidez, o encanto e refletindo, por isso, a língua mais ouvida, mais refinada, mais prevista e, portanto, a menos censurada, e que permite tomar consciência do anormal.¹⁵ Entretanto, a sua função e utilidade permanecem imprescindíveis. Quando referimos ela não ser o quebra-cabeça em causa, queremos com isso afirmar que a radicalidade imposta sobre a mesma é o ponto da situação, uma vez que instala balizas, a permissividade de reinvenção, reinserção e recriação. Bagno acrescenta que a maior dificuldade em lidar com a norma culta é precisamente o facto de ela possuir dupla personalidade, o facto de, por trás desse rótulo, se esconderem conceitos opostos. É este o caso do senso-comum, tradicional ou ideológico, que, por disseminação, tem tido maior prestígio e circulação social quando, na verdade, se trata de mais de um preconceito do que conceito propriamente dito, na medida em que define, institui e assume a homogeneidade da língua, uma única maneira “certa” de falar a língua e que será gerida por um conjunto de prescrições gramaticais.¹⁶ Tomemos como exemplo as noções dos binómios certo/errado, superioridade/inferioridade, melhor português (padronizado)/pior português (desviado): “esse tem sotaque”, “aquilo é tudo menos português” “povianos”, “provincianos”, “sabe a pretuguês” ou “os das províncias mandam cada broa¹⁷” são frases comumente usadas pela população luandense.

A língua, sendo um agregado de normas, apresenta a possibilidade de, numa realidade linguística, existirem ou poderem existir várias normas de acordo com as variedades e diferentes formas de regularização, articulação pragmática e das preponderâncias (valores) que cada comunidade linguístico-cultural lhes vai atribuindo. Algumas implicações surgem das nomenclaturas que vão alimentando individualismos ao extremo, como é o caso da veredita “cultura” de teor absolutista, que Faraco designou “fazedora do imaginário social”, no sentido de se comportar como a modalidade que se faz amiúde, elitista, destacada por classes que tiveram acesso a escolaridade, e,

¹⁵ R. Gallisson e D. Coste, Dicionário de Didática das Línguas, Trad. (Adelina A. Pinto, Custódio L. dos Santos, Fernanda I. da Fonseca, José Sampaio, Maria I. Paiva Boléo, Maria Manuela A. M. Sampaio e Telmo Verdelho), Coimbra, Livraria Almeida, 1983, p. 513

¹⁶ Marcos Bagno, A Norma Oculta, Língua e Poder na Sociedade Brasileira. São Paulo, Parábola Editorial, 2003. p. 42-43.

¹⁷ Broa— é um verbo (broar) do calão angolano que significa errar, daqueles erros que suscitam risos e zombarias.

consequentemente, o registo que ocorre em falantes letrados que manuseiam a língua em estratégias mais elaboradas da fala e da escrita¹⁸.

A modalidade que estabelece vínculos entre esses usos monitorizados e as práticas culturais que representam o pensamento por meio de sinais convencionais,¹⁹ que visam afinar os paletós vocabulares, fazem o imaginário dos falantes, atribuindo-lhes o valor e a idoneidade que os vem revestindo um sobretudo (seda) de prestígios sociais; por se consolidarem num registo predominante de estudo, de civilização e cultura e de representação de um todo coletivo social, esses fatores consequentemente vieram a produzir no imaginário da comunidade falante a norma que representa a autoridade, considerada por muitos como a variante superior e melhor das demais.²⁰

Outro dilema que vem causando alvoroços, segundo Carlos Alberto Faraco, tem sido o problema que consiste em confundir a norma culta com a língua propriamente dita, ou seja, imaginar, associar e acreditar que a norma elaborada é a língua. Apresenta-se uma santíssima díade, que funciona não só como singela representação, mas que é ela mesma, e as restantes variedades são tingidas de deturpações, de corrupções, degradações e agentes patógenos que têm infetado a verdadeira língua.²¹

Entre o ideal e o real, na visão de Márcio Undolo o normal suprarreferido “habitual” representa o português de Angola, que tem como espelhação normativa “ideal” o português europeu, que assume um constante devir arquetípico de sublimidade²². Assim, o estabelecimento do vínculo entre o conceito abstrato espelhado e o conceito concreto que apresenta ampla frequência de uso-comum é uma simbiose frutífera, sendo porém fundamental que não nos esqueçamos de que existem, sobretudo na comunidade de falantes do PA, duas linhas divisórias entre alienação e afirmação: a primeira consiste em esforçar rever-se em perspectiva alheia e consequentemente camuflar-se nela e a segunda (afirmação assente à aceitação da realidade linguística subscrita) em admitir que o PA já se fez normalizar e existe como concretização real, perceptível aos concretos sentidos, que alavancam o português falado em Angola e suas peculiaridades. A questão de alienação ou imitação do modelo em causa é mais observável na tentativa de imersão ao nível de pronúncia ou sotaque, o que também não chega a ser homogêneo, porque, quanto aos outros níveis, sobretudo morfossintáticos, a muito que se vêm revelando distanciados. Um exemplo concreto é a problemática da supressão das desinências de pluralização [s] referentes às

¹⁸ Carlos Alberto Faraco, *Norma Culta Brasileira Desatando Nós*, São Paulo, Parábola, 2008, p.73.

¹⁹ Infopédia, Definição de Escrita, Dicionário da Porto Editora, Disponível in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/escrita> (acesso 23/05/2022).

²⁰ Carlos Alberto Faraco, *Norma Culta Brasileira Desatando Nós*, São Paulo, Parábola, 2008, p.73.

²¹ *Ibidem*, p. 73.

²² Márcio Edu da Silva Undolo, *Caracterização da Norma do Português em Angola*. Universidade de Évora, 2014. p. 57.

concordâncias quer nominais (“*as casa de banho pública com pouca higiene*”), quer verbais (“*aqueles casal não são feliz*” ou “*os alunos são empenhado [-s] nos estudos*”) ou mesmo em pronomes de tratamento, principalmente quando o sujeito frásico é “você” “*você também achas que para vencer na vida precisas trabalhar?*”²³ “ou “você saís teimoso”, em vez de “você é teimoso”). Este último exemplo é fortemente marcado por influência dos regionalismos do norte, incluindo Luanda, mas, regra geral, o problema de concordância é bastante frequente no português geralmente falado em Angola.

1.3. Os conceitos de variação linguística

Variação, para nós, é entendido como um processo de transmutação típica das línguas, um fenómeno de alternância manifestada pela veemência e dinamismo que consistem em embolsar as distintas vertentes que impulsionam os ziguezagues que servem como despistes à unilateralidade linguística. Em consonância com a conceitualização de Banza²⁴, a variação continua a ser um facto que não se desapega das esferas linguísticas, não existindo, assim, uma escada de valores que saltita ou agacha um melhor ou pior exercício de articulação nesse domínio. Ademais, as línguas variam não só no tempo e no espaço, mas de acordo as sociedades e suas respetivas necessidades; variam consoante as circunstâncias e contextos situacionais, alternam-se tendo em conta as faixas etárias, os géneros sexuais, graus de escolaridades e estratos ou posições sociais.

²³ *Ibidem*, p. 192

²⁴ Ana Paula Banza, “O Português em Angola: uma questão de política linguística “O Português em Angola: uma questão de política linguística”. In Fiéis, Alexandra, Maria Lobo & Ana Madeira, orgs. O Universal e o Particular. Uma vida a comparar. Homenagem a Maria Francisca Xavier. Lisboa: Edições Colibri; pp. 29-38.



Figura 1 - Problemas de variação linguística, inconveniências de contextos situacionais²⁵.

A figura acima apresentada é um exemplo cabal do que acima referimos. A nosso ver, o problema não se restringe à indestreza variacional, muito menos no linguajar refinado e formal, mas à indevida postura apresentada, que é para nós desnecessária, revelando a falta de adequação, a ausência de encaixe ao ambiente, e má gestão do contexto situacional.

Banza²⁶ conceitualiza a variação como um fenómeno inerente às línguas, que, por natureza, são sistemas dinâmicos: variam no tempo (variação diacrónica) e, sincronicamente, no espaço (variação diatópica), na sociedade (variação diastrática) e ainda em função das diferentes modalidades expressivas (variação diafásica). Além disso, as diferentes variedades são linguisticamente equivalentes, não existindo variedades intrinsecamente melhores ou piores do que outras. No entanto, o próprio processo de codificação que conduz ao estabelecimento de uma norma implica dois exercícios de base que contrariam estes factos linguísticos, nomeadamente, a abstracção da variação e a escolha de uma das variedades em detrimento das demais. Invariavelmente, a escolha da variedade que funciona como padrão em cada língua é determinada não por aspetos linguísticos mas por aspetos sociopolíticos,

²⁵ Bianca Ferraz Bitencourt. <https://www.professoresdeplanta.com.br/blog/post/127/como-identificar-as-variedades-linguisticas-em-uma-prova-de-portugues>.

²⁶ *Idem, ibidem*.

socioeconómicos e socio-históricos, estabelecendo-se entre a norma e as demais variedades uma relação de diglossia.²⁷

Tal como havíamos referido numa das alíneas introdutórias, que faz jus à questão variacional, vale consolidar que nenhuma língua (pelo menos até agora) é uma entidade absoluta e intangível, por mais que se celebre como invicta, inexplorada, que não se tenha despedido do radical grego “*homo*” e efetivado “*hétero*” na sua essência.

Na visão de Alice Ribeiro, as línguas variam por causas internas (imanescentes à própria língua) e por causas externas (contacto com outras línguas e com outras realidades sociais, políticas, culturais). Estas alterações ocorrem no campo lexical (as palavras alargam ou restringem o seu significado; surgem neologismos e outras palavras são esquecidas – os arcaísmos), na sintaxe, na fonética e nos demais domínios linguísticos²⁸.

1.4. Português, língua pluricêntrica ou bicêntrica?

Por incrível que pareça, há quem considere o português uma língua bicêntrica, pela simples existência de duas normas: a brasileira (PB) e a norma europeia (PE)²⁹. A questão é que há uma série de normas presentes ou emergentes em África, mas que não devem ser agrupadas como uma simples norma africana. A comunidade PALOP é constituída por Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, cinco países que possuem realidades sociais, culturais, e comunidades de falantes absolutamente diferentes. Assim, colocar todas as normas emergentes destes países numa só bitola revela desrespeito e desinformação. Ora vejamos: se partirmos da premissa de que são as normas que definem, classificam, aprovam e determinam a existência e sustentabilidade das línguas, numa perspectiva sociolinguística estaríamos a assumir a perda de contacto com a realidade, porque uma coisa é reconhecer que Angola ou qualquer outro país africano de expressão portuguesa seguem a norma do Português Europeu e outra é restringir os seus panoramas linguísticos num integral decalque.

O pluricentrismo é uma questão relacionada com a disposição linguística, ou seja, às políticas aplicadas a dilatação/canalização de uma língua que, durante o seu processo

²⁷ Ana Paula Banza, “Variação Linguística e Ortografia: das regras renascentistas ao AO90”. In: Sónia Duarte e Rogelio Ponce de León (coord.), *Estudos de Historiografia Linguística Portuguesa*, Porto, CLUP Editora, 2019, p. 11.

²⁸ Alice Maria Granjinho Ribeiro, *Variação Linguística e Normatização em Contexto Escolar: O Caso do Verbo Meter*. Universidade de Minho, Braga, 2012. p. 15.

²⁹ Augusto Soares da Silva, “O português no mundo e a sua standardização: entre a realidade de uma língua pluricêntrica e o desejo de uma língua internacional”. In: Henrique Barroso (coord.), *O Português na Casa do Mundo, Hoje*. Edições Húmus, V.N. de Famalicão, 2018. P. 112.

de configuração, vai adquirindo várias centralidades em que cada uma delas visa proporcionar a variedade predominante no seu território sem que necessariamente constitua uma norma. A situação linguística do português angolano, como antes referido, ainda não tem uma norma certificada; contudo, o português falado em Luanda configura a variedade predominante (pseudonormativa) em termos de singularidades.

Sob outra perspectiva, o português de Angola, segundo Márcio Undolo³⁰, vem revelando uma norma em construção, afastada do padrão europeu tendo em vista a demonstração de suas características específicas. Embora não oficializada, as aspirações de exteriorização da sua existência sugerem cada vez mais a evidência de que as suas idiossincrasias linguístico-normativas têm abrangido diversos domínios da língua.

De acordo a tese testada por Undolo, os resultados evidenciam a coexistência de duas normas no português escrito e falado em Angola, sendo uma real (a do PA) e outra ideal (a do PE), confirmando-se, em levantamentos de dados obtidos que permitem evidenciar que o domínio da norma europeia em Angola não está relacionado simplesmente aos fatores extralinguísticos como os níveis socioeconómicos ou status social dos seus falantes, uma vez que se tem verificado, com raras exceção, de modo genérico, uma grande compostura e domínio da norma do PE (ideal) muito reduzida, traçando-se uma linha ténue de egressão até mesmo em documentos oficiais, atos administrativos e formais — que vêm revelando um feitio do (real). Este é um facto que permite constatar um processo de institucionalização em andamento de uma nova norma em construção, efetivando-se assim as influências que a comunidade falante tem exercido na língua.

Na visão de Clyne, para que uma língua se considere pluricêntrica, há que obedecer aos seguintes critérios:

1. Ocorrer em pelo menos dois países.
2. Apresentar suficiente distância linguística.
3. Ser língua oficial em pelo menos dois países.
4. Ser aceite pela comunidade como língua pluricêntrica.
5. Ser relevante para a identidade social.
6. Possuir codificação em curso ou completa.
7. Ser ensinada, promovida e disseminada.³¹

³⁰ Márcio Edu da Silva Undolo, *Caracterização da Norma do Português em Angola*. Universidade de Évora, 2014. p. 283.

³¹ Ana Paula Banza, “Uma Língua; Muitas Vozes: para uma Política Linguística Pluricêntrica do Português” Évora, 2020, p. 3-4. In: Clyne, Michael: *Pluricentric Languages. Differing Norms in Different Nations*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. 1992.

De forma concisa, o português é um caso de “pluricentrismo total”, na medida em que cumpre não apenas um parâmetro mínimo para se assumir o estatuto de língua pluricêntrica ou alguns, mas todos os sete critérios enunciados por Clyne.³²

Manuel Célio Conceição, em “Português na casa do mundo: terminologias e políticas linguísticas”, disserta a ideia de que o progresso da língua se tem notabilizado de forma gradativa desde que se consagrou língua oficial de diversos pontos geográficos do mundo lusófono, desde que se validou língua de cientificidade, veículo de verbalização, língua de aquisição e transmissão de conhecimento e em valores históricos, (colonização e ou expansão marítima) e se efetivou língua de descoberta. Este último fator concretiza o pluricentrismo como símbolo de enriquecimento por causa das interações com outras realidades linguísticas, que também impulsionaram a amplificação vocabular³³:

A concepção de que a língua portuguesa é língua de ciência deve ser um elemento estruturalmente da política da língua, visando realçar a imperiosa necessidade vocabular, em geral, e dos estudos terminológicos em particular. A língua portuguesa sobretudo por via da sua pluricentricidade a da sua difusão no mundo, enriquece-se permanentemente e assimila estruturas de muitas outras línguas com quais contacta.³⁴

Segundo o autor, o pluricentrismo tem dividido alas (opiniões) de falantes do português europeu, sobretudo alguns cidadãos portugueses conservadores que não recebem de bom-grado o pluricentrismo linguístico pela estagnação temporal, ufanismo, apego as concepções pseudo-puristas de que a língua deve unicamente obedecer à norma-matriz de onde ela nasceu.

O que nos devia preocupar não seriam as implicações de centralizações linguísticas, muito menos os lugares ou países em que a língua portuguesa se devia espelhar, mas sim teses mais trabalhadas, artigos mais desenvolvidos, com gramáticas bem elaboradas, contribuições normativas bem delineadas das quais se devem paramentar acólitos que a seguem. Pouco importa o apego histórico da sala de parto onde a língua deu os primeiros gritos, onde foi amamentada e na qual alguns parentes próximos vêm adiando o seu desenvolvimento diversificado por uma condição exacerbada de patriotismo. Sem desmerecer os contributos acima mencionados, porém, o cerne da questão é o porvir que nos chama à razão, a uma causa maior que é a revolução massiva quanto ao prestígio internacional do português, o crescimento face à valorização política da língua dentro e fora do espaço lusófono porque o fator económico e o poder de compra direta ou indiretamente têm asfixiado e limitado a língua na sua natural

³² *Ibidem*, p. 4.

³³ Manuel Célio da Conceição, “Português na Casa do Mundo: Terminologias e Políticas Linguísticas”. In: Barroso, Henrique (coord.), *O Português na Casa do Mundo, Hoje*, Braga, Humus, 2018, p. 31

³⁴ *Ibidem*, p. 31

veiculação. Um dos exemplo de fatores internos é o dilema da região algarvia e não só; existem diversos sítios e situações em que os requisitos e exigências, sobretudo em setores de hotelaria, turismo e restauração remetem para a obrigatoriedade da língua inglesa, por exemplo. Não é que esta seja a única, mas é a mais compulsória, abrindo parênteses à primazia do estrangeiro. Ressalvamos desde já que esta afirmação não se reveste de tons xenófobos. Somente descreve e comenta uma realidade constatada que tem chamado a nossa atenção pela insistência, da parte dos “não falantes do português”, não se sentirem na necessidade de aprendê-la quando um cidadão nacional do país que o recebe, quer seja empregado, quer não, é obrigado a falar a língua do visitante, tendo normalmente de sair da sua zona de conforto.

Desta maneira, como é que atingiremos níveis mais altos? Quando é que alcançaremos isomorfos estatutos? Se a nossa luta ainda é interna, ela continua a restringir-se em comparativismos de qual variedade ou norma é a maior ou melhor. Quando é que transitaremos para a tão desejada internacionalização? Se em conferências, congressos ou reuniões plenárias dos países membros de diversas organizações que os de expressão portuguesa integram, a sua língua não se faz sentir. Um caso concreto é o da União Europeia, que tem Portugal como membro. Será que o português, tal como outras, é tida como língua de comunicação?

Na visão de Manuel Célio Conceição, rejeitamos o pluricentrismo do português, anulamos neologismos e empréstimos de línguas dos países lusófonos que, durante séculos, se familiarizaram com a língua portuguesa, não obstante a existência de línguas autóctones. Em contraste, aceitamos empréstimos anglófonos, francófonos e outros, talvez por causas que sabem a preconceitos sobre os quais também deveríamos refletir...

35

1.4.1. Entre normas e desvios: discrepâncias sociais e linguísticas

As sociedades são tão complexas como o dinamismo das línguas. Estas, sendo constituídas por indivíduos que formam comunidades, não agem, reagem e interagem de forma homogénea. São processos de adaptações contínuas às legislações não de maneira radical e mecânica, mas gradativamente sistemática cumprindo preceitos e usufruindo de liberdades. Este campo social de direitos e deveres aplicam-se nos contextos linguísticos quando nem um nem outro interferem nos funcionamentos, porque quando acontecem interpelações, imergimos em objeções entre o normativismo

³⁵ *Ibidem*, p. 31.

e o variacionismo, entre normas e desvios que constantemente entram em discrepâncias pragmáticas como se tivéssemos duas línguas numa mesma, em disputa de legitimidades racionais. De acordo com Mira Mateus:

A nossa língua muda como mudam os nossos conceitos de vida, a nossa forma de estar, a arquitetura, a moda, o pensamento filosófico e científico e até a própria natureza. Por vezes tudo muda lentamente sem que, durante a vida inteira nos apercebamos disso. Assim sucede em tempos de calmaria, quando o poder dos conservadores prevalece sobre os que acreditam na mudança. Então a língua muda devagarinho como as demais formas de comportamento humano, introduzindo aqui a acolá uma inovação temerosa, logo combatida ferozmente pelos guardiães do templo.³⁶

Rocha Lima (gramático-normativo) e Bagno (sociolinguista-variacionista) entram em dissonância quando Lima, na sua obra *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, afirma que a imagem da plenitude linguística é espelhada nos “clássicos”; por isso, a fundamentação das regras deve ser reverenciada e referenciada nas grandes obras da literatura, cuja linguagem dos escritores é aprovada pelas classes ilustres que lhes atribuem o “ideal de perfeição”, porque neles/as estão refletidas o uso idiomático consagrado. Em contrapartida, Bagno questiona o perfeccionismo e admoesta o carácter estático das linguagens quando as sociedades, os tempos, as vontades, as exigências e as realidades mudam e evoluem. No entanto, a língua, na perspectiva conservadorista, devia manter-se intacta como um elemento intangível por excelência:

Mas quem é que diz se um determinado escritor é ou não o correto? E por ainda quem define se este ou aquele gramático é ou não esclarecido? O autor não explica, o que pode levar a gente a pensar que ele próprio quem vai atribuir a si mesma autoridade bastante para esclarecer esse critério de classificação. [...] Ao se interessar exclusivamente pela língua dos grandes autores do passado, ao desprezar completamente língua falada considerada “caótica”, “ilógica”, estropiada” [...] e também ao classificarem a mudança da língua ao longo do tempo como ruína ou decadência.³⁷

As línguas não são sistemas estáticos, sedentários, sem vivacidade e imobilidades. Pela vitalidade que possuem e o dinamismo que as realizam, tornam-se gradativamente proativas, efetivando, assim, um constante processo de evolução e modificações. Como qualquer efeito de passagem evolutiva apresenta prós e contras, como é o exemplo da acentuada aparição tecnológica que trouxe consigo benefícios e vantagens significativas. Porém, têm transbordado hecatombes, pelo menos para os conservadores, dos conteúdos em formato de papel, dos manuais (livros) físicos, que se encontram em perigo de extinção tendo em conta a velocidade e sagacidade da era digital, que muito contribui para as situações de afastamento a norma.

Identificamos dois públicos-alvo: por um lado, os conservadores / tradicionalistas, e por outro, os evolucionistas. Os primeiros, mormente, são apologistas

³⁶ Mira Helena Mateus, *Variação e Variedades: O Caso do Português*. Maputo, 2002. P. 1.

³⁷ *Ibidem*, p. 45-46.

da moda antiga, defensores da autenticidade, do respeito aos direitos autorais, da consideração da classe editorial, do combate ao plágio, da distorção de informações em sites não fiáveis, apontando os riscos da disponibilização de obras fotocopiadas sem prévio conhecimento ou autorização do autor, e procuram resgatar os bons hábitos de leitura acompanhada de folheação manual de páginas. O segundo grupo, sem desmerecer o primeiro, acompanha e segue tendencialmente novos modelos inseridos pela tecnologia, afilia-se da era digital, preferencialmente em dispositivos de navegação *online*, em plataformas virtuais, porque acham mais prática e simplificada esta maneira de aceder à informação.

A variabilidade ocorre também com o passar dos tempos, já que a língua de ontem já não é a língua de hoje, uma vez que a modernização trouxe consigo coisas novas e realidades desiguais, conforme reforça Serafim Neto, que afirma que a história de uma língua não se delineia por um plano de intransigência pré-estabelecida, tão pouco a língua deve ser entendida como um problema algébrico. As variedades e as suas respetivas mudanças acompanham as linhas temporais similarmente como um processo e não como uma elipse do latim.

Alice Ribeiro sustenta a ideia de minidiacronia: a vida permite a um falante adulto perceber a mudança linguística; os mais idosos, por exemplo, revelam alguma inadaptação (ou completa incapacidade) na utilização de palavras de áreas próprias da vida moderna, como a das novas tecnologias, até porque muitos deles não as “experimentaram”, não podendo organizar o seu léxico mental com significados empíricos e mais tarde proceder à sua categorização. Alguns destes idosos dirão também que “no seu tempo” não tratavam os pais por tu, porque era falta de educação, e este exemplo da pragmática é o também da variação diafásica da língua.³⁸

1.4.2. Relativização do conceito normativo ou desvio como eufemismo de erro?

O desvio, muito mais que um afastamento da norma-padrão, é a própria padronização funcional de ser o que se pode querer ser, estimulando as múltiplas hipóteses de reinvenção, a premissa imersão do pragmatismo liberal, um espaço de emergência vital de inovação. É o desvio da carruagem, que não se desapega da diacronia, mas que não se retém estagnada nela; um desvio não se mantém imune à variação sincrónica, mas acompanha o seu itinerário de evolução. Numa perspetiva

³⁸ Alice Maria Granjinho Ribeiro, *Variação Linguística e Normatização em Contexto Escolar: O Caso do Verbo Meter*. Universidade de Minho, Braga, 2012. p. 26.

sociolinguista, o desvio não pode ser diretamente associado ao erro, como se analogicamente estivéssemos num campo de recrutamento onde os soldados desertados passam pelo processo de severas punições. Mesmo que assim fosse, há que se procurar entender as razões limiáres por que existem erros oriundos do desconhecimento ou conhecimento incompleto, ou de inaptações e dificuldades de assimilação de naturezas sociais ou genético-biológicas. Além do mais, fazem parte destes dilemas os lapsos, os defeitos de pronúncias, a falta de organização, das ruturas de construção³⁹, entre tantos outros fatores. Contam-se, por exemplo, crises das absorções dos bilinguismos, da aquisição vigente de novas realidades linguísticas, onde os hábitos enraizados da língua materna se transladam para as línguas oficiais e são considerados “erros de sotaque”, como é o caso de Angola, na região centro (propriamente, a comunidade etnolinguística Ovimbundo, povo que tem como língua nacional/materna o umbundo. Os erros de sotaques ou pronúnciação são principalmente observados em classes menos letradas e gentes dos musseques⁴⁰.

Observemos o que geralmente ocorre: a consoante oclusiva bilabial sonora /b/ é comumente antecedida de uma consoante oclusiva bilabial surda /m/, formando assim um dígrafo (mb). Acontece que, se a escrita à portuguesa dispensou tal combinação, não dispensou sua pronúnciação, tanto nos nomes próprios como nos nomes comuns, como, por exemplo, “mbailundo” em vez de “bailundo”⁴¹; “mboa” em vez do adjetivo qualificativo “boa”⁴².

O mesmo acontece com a consoante nasal /n/ antes da oclusiva linguodental sonora /d/, que se combinam e formam o dígrafo (nd), pronunciado em português semelhante à palavra “onde”⁴³, como se verifica em exemplos como “nduas ngalinhãs” em vez de “duas galinhãs”, “ndobrar” em vez de “dobrar” ou “ndoís” em vez de “dois”.⁴⁴

Os erros de pronúncia não passam de um caso particular do erro em geral, uma vez que resulta da transgressão duma norma fonemática e prosódica. Essa transgressão é geralmente dividida a uma interferência com a língua materna. Se o erro de pronúncia constitui o objeto de todas as atenções do pedagogo, é porque a intervenção deste é ainda mais necessária do que na gramática ou no repertório/vocabular do aluno, assimilando os fonemas estrangeiros aos da sua língua materna,

³⁹ R. Gallisson e D. Coste, *Dicionário de Didática das Línguas*, Trad. (Adelina A. Pinto, Custódio L. dos Santos, Fernanda I. da Fonseca, José Sampaio, Maria I. Paiva Boléo, Maria Manuela A. M. Sampaio e Telmo Verdelho), Coimbra, Livraria Almeida, 1983, p. 247.

⁴⁰ Musseque— Palavra oriunda do português angolano significando bairros ou zonas suburbanas.

⁴¹ Bailundo é um povo banto do grupo umbundo, instalado no planalto central de Angola. Dicionário Porto Editora, “Bailundo” Infopédia, Disponível in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/repercussão> (acesso 20/04/2022).

⁴² P. José Francisco Valente, *Gramática Umbundu a Língua do Centro de Angola*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar. 1964. p. 25.

⁴³ *Ibidem*, p. 25.

⁴⁴ Ezequiel Pedro Bernardo, “Norma e Variação Linguística: Implicações no Ensino da Língua Portuguesa em Angola”. ISCED-Cabinda, Revista Internacional em Língua Portuguesa nº 32, 2017. p. 46.

não ouve, não diagnostica o seu erro, e não põe, portanto em funcionamento processos de autocorreção.⁴⁵

A ocorrência das desvinculações em relação a rigorosidade normativa não pode exclusivamente revelar solecismos ou incorreções de linguagens quando o desvio em si é uma categoria de linguagem.⁴⁶ Margarete Von Mühlen Poll fundamenta que a relativização do conceito de norma trouxe consigo questionamentos, indagações e perplexidades sobre o que constitui erro linguístico. Segundo a autora, se noutrora o conceito de erro se concebia o não seguimento das regras prescritas pela gramática normativa, atualmente ele pode não se definir do mesmo jeito, pois a norma apresentada pela gramática é perfeitamente capaz de significar o cumprimento de outra norma. Assim sendo, o uso linguístico considerado errado agora pode pertencer a um outro conjunto de regras equivalentemente válidas na língua.⁴⁷

Se assumirmos a posição de que, em certas situações de emprego da língua, há que se seguir a norma prescrita por alguma entidade (referimo-nos à sociedade e ao Estado) via gramática, então o erro é aferido com base no conjunto de normas prescritas pela gramática. Por outro lado, se tomarmos como norma os mais diferentes falares próprios de nosso idioma, o erro constitui a fuga àquela norma ali empregada. Ou seja, a noção de erro toma outra forma. Esse parece ser o quadro que se instala a partir dos estudos da Ciência da Linguagem, quando, juntamente com o conceito de norma explícita, concorre o conceito de norma implícita, própria e natural a cada ser humano da comunidade linguística a que pertence e, por isso, variável de falante para falante.⁴⁸

A repreensão ou reparo realizado sobre juízos de valores e normativismos não significam o afastamento integral da gramaticalidade e suas respectivas considerações e análises, e muito menos a anulação da inculcação do processo de aprendizagem referente à norma-padrão enquanto correspondência de unidade. Faraco confirma que a reflexão, relativamente à estruturação linguística e no que concerne ao pragmatismo empregue em sociedades é uma fundamental atividade que contribui para o domínio da realização da oralidade e da convenção escrita. Contudo, a noção de norma-padrão é parte integrante do amadurecimento das competências sociolinguísticas e culturais. Entretanto, filosoficamente, o lema que devia ser aqui estabelecido seria “reflexão gramatical sem gramatiquice e estudo da norma sem normativismo”⁴⁹. O autor define gramatiquice e normativismo sob esta perspectiva:

Chamamos de gramatiquice ao estudo da gramática como um fim em si mesmo; e entendemos por normativismo a atitude diante da norma padrão que não consegue apreendê-la como apenas uma

⁴⁵ R. Gallisson e D. Coste, *Dicionário de Didática das Línguas*, Trad. (Adelina A. Pinto, Custódio L. dos Santos, Fernanda I. da Fonseca, José Sampaio, Maria I. Paiva Boléo, Maria Manuela A. M. Sampaio e Telmo Verdelho), Coimbra, Livraria Almeida, 1983, p. 248.

⁴⁷ Margarete Von Muhlen Poll, *O erro Linguístico e Seus Eufemismos* “Revista Memento” V.1, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. p. 28.

⁴⁸ Ibidem, p. 28-29.

⁴⁹ Carlos Alberto Faraco, “Ensinar X não Ensinar Gramática: Ainda Cabe essa Questão?” Universidade Federal de Paraná, Calidoscópio, vol.4 2006. P.25.

das variedades da língua, com usos sociais determinados. Em consequência, toma-a como um monumento pétreo (invariável e inflexível) e condena como erro todas as formas que não estão de acordo com aquilo que está prescrito nos velhos manuais de gramática.⁵⁰

Numa conceção nossa, o problema não se restringe à existência da norma, muito menos na sua aplicação; o descontentamento funde-se, grosso modo, na tentativa de situar linhas de fixação que consistem nas circunscrições, restrições que a língua cada vez mais básica, artificial e limitada dada a sua elasticidade variacional de diversas comunidades de falantes. De igual modo, Coseriu reconhece a importância da linguagem tendo em conta aos polos de variedades equivalentes a realização das expressões de acordo as individualidades, mas não descarta o papel da norma enquanto símbolo de unidade orgânica que efetua a comunicação entre indivíduos e garante a compressão entre eles de maneira veicular e identitária. A linguagem expressa o indivíduo pelo seu carácter de criação, mas também expressa o ambiente social e nacional pelo seu carácter de repetição, aceitação de uma norma.⁵¹

1.5. Para uma definição do conceito de calão

O que entendemos por calão? De acordo com o dicionário da origem das palavras de Orlando Neves, “calão”, tomando em consideração a língua castelhana, que sofrera significativa influência de palavras provenientes da fala dos ciganos, provém de “caló”, que significa “preto”, designação que eles atribuem a si próprios, dada a tez escura. O castelhano adaptou “caló” (no plural, calé) para atribuir qualidades muitas vezes com sentido depreciativo e racista. O termo chegou a Portugal, e a sua pronúncia tendeu para *calón*, que com o passar dos tempos, se alterou para “calão”. Desta denominação dos ciganos passou a definir a sua linguagem, daí para gíria ou modo de falar de origem baixa, de larápios, vagabundos, o que acentua o racismo oculto.⁵²

Rocha Lima e Dazaut definem o calão de uma maneira mais adjacente a gíria, porquanto apontado como linguagem “peculiar aos de dentro”, aos membros pertencentes a uma determinada organização secreta, metaforicamente maçons pelo carácter bloqueado de acesso ao público, guiado por confidencialidade e intimidade, uma linguagem artificialmente inventada para fins marginais.

“Calão é a língua especial das classes que vivem à margem da sociedade, de carácter acentuadamente esotérico, artificialmente ‘fabricada’ – diz Dauzat – para se poderem compreender entre si os indivíduos de certo grupo, sem serem entendidos pelos não-iniciados. Inspirada na dissimulação

⁵⁰ Ibidem, p.21.

⁵¹ Eugenio Coseriu, *La Geografía Lingüística*. Montevideo, Universidade de la Republica, 1956. p. 44-45. In: Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática do português contemporâneo*. Lisboa, JSC editora, 2º ed. 1984. p. 7.

⁵² Orlando Neves, *Dicionário de Origem das Palavras*, Lisboa, Noticias Editorial, 2001. p. 73.

dos malfeitores, cria um conjunto de convenções que a estremam da língua-comum a que pertence, posto que nesta se desenvolva e emaranhe. [...] calão é a língua especial dos delinquentes, a fala das mais baixas camadas sociais, por exprimir a vida desses grupos, é naturalmente disfémica, a palavra adquiriu a acepção vulgar de uso de termos chulos, gravosos, pouco limpos.⁵³

Numa perspetiva mais valorativa do conceito de calão, enaltecendo o seu papel e contribuição no que concerne ao enriquecimento lexical, o *Dicionário de Didática das Línguas* define o calão como um dialeto próprio de um grupo social que mantém, em princípio, as características de um idioma secreto – uma modalidade linguística que respeita a sintaxe e, com rara exceção, os hábitos morfológicos da língua em que se integra. A sua única originalidade é de natureza lexical. Entretanto, por essa natureza, as formas de calão evoluem e renovam-se ou diversificam-se rapidamente. As suas criações apoiam-se em imagens ou metáforas ou também em deformações e modificações sistemáticas das palavras da linguagem corrente. Diacronicamente, as formas de calão contribuem para alimentar a língua comum, particularmente as suas variedades orais e familiares.⁵⁴

Relativamente ao enriquecimento vocabular e o contributo do calão com relação à criação de novidades, Armando Nezinga engloba junto do calão a gíria e a cultura como elementos que fazem parte dos processos neológicos repercutidos pela variação diastrática, que conhecemos por variação sociocultural e nos convida a consolidar o ponto 2 da introdução do presente trabalho, ponto esse que assinala a relação indissociável entre sociedade, língua e cultura, acentuando a linguagem humana como principal veículo transmissor de cultura, sendo esta, esta por sua vez, um dos elementos basilares que caracteriza, proporcionalmente, os fatores identitários; ambos funcionam porque o homem linguístico-cultural é essencialmente um ser social por excelência que existe entre língua, sociedade e cultura.

⁵³ Rocha Lima, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49 ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2011. p. 37-38

⁵⁴ R. Gallisson e D. Coste, *Dicionário de Didática das Línguas*, Trad. (Adelina A. Pinto, Custódio L. dos Santos, Fernanda I. da Fonseca, José Sampaio, Maria I. Paiva Boléo, Maria Manuela A. M. Sampaio e Telmo Verdelho), Coimbra, Livraria Almeida, 1983, p. 103.

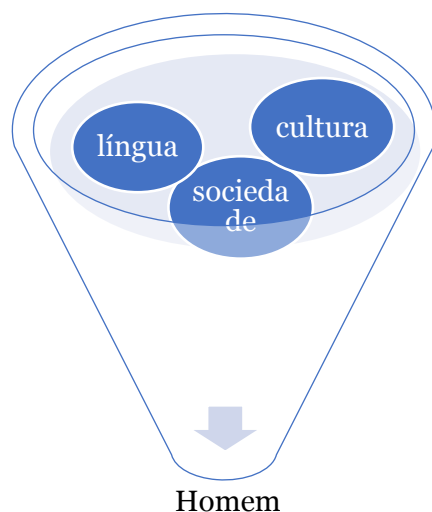


Figura 2 - Relação de indissociabilidade entre sociedade, língua e cultura. Adaptação nossa.

Relativamente à confluência entre os elementos acima ilustrados, reportando os argumentos de Armando Nezinga, a variação sociocultural é uma das modalidades do homem inserido em determinado grupo constituído por estratificação social (idade, sexo, posição económica, profissional etc.); linguisticamente, é motor de encadeamento e, culturalmente, vetor idiossincrático de comportamentos, costumes, valores e conhecimentos transmitidos por meio do ato de comunicar. A camada juvenil, por razões de atualização e criatividade, pautadas pela variação diastrática, progressivamente cria terminologias novas, um cenário que posiciona a variação sociocultural como uma das responsáveis pelos neologismos, frequentes inserções de palavras – quer gírias, quer calões – e outras influenciadas culturalmente dentro das comunidades linguísticas⁵⁵. No caso do português angolano, uns significativos números de neologismos foram introduzidos via calão tais como:

Tabela 1 - Neologismos e calão, gíria ou expressões culturais⁵⁶

Neologismos	Calão/Gíria/cultura	significados	Exemplos
Avilo	Calão	Amigo, companheiro, comparsa	<i>Os meus avilos são podres de bufunfa.</i> Trad: Os meus amigos são bastante ricos
Bufunfa	Calão		<i>A bufunfa dos meus avilos me dá stalo de fazê minhas pambalas.</i> Trad: As riquezas dos meus

⁵⁵ Armando José Nezinga, *A Presença de Neologismos em Jornais Públicos e Privados de Angola: Verificações de Frequências*, Universidade de Évora, 2019, p 54.

⁵⁶ *Idem, ibidem* [adaptação nossa].

		Dinheiro, riqueza, valores monetários	amigos motivam-me a correr atrás, a desenrascar o que é meu.
Samakaka	Cultura	É uma palavra atribuída a um modelo de tecido de pano em Angola, em memória de Soba “Samakaka Samba Yo Londungo” antigo conselheiro do comandante militar Mutuya- Kevela do reino do Bailundo ⁵⁷ .	<i>A família Anacleto celebrou o alambamento⁵⁸ de uma das sobrinhas e todos—quer os anfitriões, quer os convidados. Estiveram trajados de samakaka.</i>
Camanga	Gíria	Diamante. Camanga é um Vocábulo da região Kwanza Norte e Lundas de (garimpeiros de negócios clandestinos de diamantes).	<i>Vai sangrar jabakulé⁵⁹ quando paiarmos⁶⁰ as camangas que cavamos. Trad: Teremos bastante dinheiro quando vendermos as pedras de diamantes que andamos a cavar.</i>

Em contextos menos valorativos, enquadram-se as linguagens populares, as gírias e o calão como vias linguísticas desfeitas e insurgentes de “gentes” de um povo que tem como escudo uma linguagem ilegítima e espontânea no seu quotidiano, aquela que não respeita e demonstra rebeldia à gramática, aquela que é corrompida e degenerada de plebeísmo, revelada por vocabulários infames e vulgares, recheada de expressões de gírias, de desvios. É tanto mais incorreta quanto mais incultas as camadas que a falam,⁶¹

⁵⁷ *Ibidem*, p. 55.

⁵⁸ De acordo a infopédia, dicionário da Porto Editora: Alembamento é um termo proveniente do kimbundu “ilembo, de kilembu” que significa <<dote>> é um tributo de honra que homem presta à família da noiva. Disponível in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/alembamento> (acesso 19/05/2022).

⁵⁹ Jabakulé=jabá, o mesmo que bufunfa, massa. Vocábulos do calão angolano que significam dinheiro.

⁶⁰ Paiar: verbo paiar do CA significa vender, comercializar.

⁶¹ Domingos Paschoal Cegalla, *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, São Paulo, Companhia Editora Nacional 32º ed., 1989, p. 535.

assumindo-se não só o preconceito da modalidade linguística mas também a vertente social jogada a baixeza. Conforme Paiva:

Há muita gente que julga que o povo só sabe “falar mal” (...)
É um dos erros mais espalhados,
filho de lamentável ignorância e da falta de contacto com o povo.⁶²

Coelho abre aspas e engloba o calão e a gíria ou geringonça, por um lado, como linguagens específicas que contêm um vocabulário de cariz bandoleiro e de difícil entendimento, aproveitando-se da confidencialidade destas, para as fazerem suas. Vale assinalar que a geringonça é definida pela *Infopédia*, dicionário da Porto Editora⁶³, como qualquer coisa ou ideia engendrada de improviso e que funciona com dificuldades, dada a origem da palavra que provém do provençal antigo *gergons*, de *gergon*, que quer dizer “linguagem difícil”. Destas linguagens de difíceis acessos é que o autor acredita ser um conjunto de palavras utilizadas por indivíduos envolvidos no mundo do crime e que efetuam as suas operações clandestinas de maneira ilicitamente profissional, uma linguagem de fadistas (não como cantores de fado, mas fadistas no sentido pejorativo de desordeiros, arruaceiros, bárbaros e vadios, de contrabandistas), uma linguagem jovem para jovens e gentes de hábitos refutáveis e duvidosos que por aquela via procuram não serem entendidos pela sociedade em geral. Por outro lado, Coelho, numa versão menos discriminatória, aborda esta linguagem (mais ligada à gíria) como uma modalidade cujas terminologias especiais são utilizadas por membros de uma determinada organização que, pela força da convivência, vão criando os seus próprios códigos linguísticos. Diferente da primeira perspetiva, nesta, as profissões são credíveis e lícitas, cujos integrantes buscam um conjunto de termos particulares, muitas das vezes de caráter cômico/humorístico, para recriar um ambiente jovial e empolgante, como é o caso de grupo de estudantes, pintores, pedreiros, soldados entre outros.⁶⁴

Quanto à clandestinidade como um dos fatores que definem o calão como um método dos usuários não serem entendidos pela sociedade em geral, dissertada por Coelho, Sílvio Elias sustenta uma posição diferente quanto ao secretismo e fundamenta que o calão, sobretudo o português, simboliza a má educação caracterizada por uma linguagem rude, munida de obscenidades, mas aberta para o entendimento e não fechada. Não se trata de uma linguagem secreta, pelo contrário; todos nós sabemos da sua plena existência e é grosso modo conhecida pelos integrantes de qualquer

⁶² Manuel de Paiva Boléo, *O Interesse Científico da Linguagem Popular*. in: Daniela Patrícia Moreira Vieira, *Tiro e Queda Fanzine de Vocábulos do Saber Popular Tradicional Português*. Porto, 2017, p. 4.

⁶³ Porto Editora, “geringonça Infopédia. Disponível in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/geringonca> (acesso 17/05/2022).

⁶⁴ F. Adolfo Coelho, *Os ciganos de Portugal: Com Estudos Sobre o Calão, Memória Destinada a X Sessão do Congresso Internacional dos Orientais*. Lisboa, Imprensa Nacional. 1892. p. 55.

comunidade linguística e suas respectivas camadas sociais. É uma linguagem facultativa (não obrigatória) que cabe a cada um, tendo em conta as orientações, educação e consciência, utilizá-la ou preservar-se dela. Acrescenta o autor que ela é aberta, mas evitada em circunstâncias e lugares em que a formalidade e boa educação a repelem em questões de permissividade, por isso ainda considerada um assunto tabu.⁶⁵

Conceitualizando o calão de primeira como linguagem que fere sensibilidades, estaremos a tomar partido daquilo que poderíamos considerar unilateralidade e tendenciosidade, porque em dadas circunstâncias estamos todos cientes de que qualquer língua e níveis de linguagens, desde as mais refinadas, sofisticadas, cultas, padronizadas, formais, entre outros adjetivos qualificativos que as vêm descrevendo como linguagens de maiores prestígios, lesionam e ultrajam. A diferença reside nas figuras estilísticas de pensamentos que as regularizam. Em congruência com Fiorin, todas as línguas ferem, porém existem vias de fuga para se evitar. Portanto, as mesmas oferecem recursos para solucionar tais problemas por intermédio de eufemismos que visam reduzir a carga semântica escolhendo vocábulos atenuantes para se poder dizer algo desagradável ou que não soa bem.⁶⁶ A questão é: será que todas as palavras desagradáveis, grosseiras e impactantes reportam ao calão? Será que as diversas formas em que ferimos, anulamos, atacamos, discriminamos, preconceitualizamos, desprezamos, manifestamos sentimentos de agitação, irritação, ou todas as palavras proferidas quando saímos de controle são linguagens provenientes do calão? Será que em contextos de bate-bocas um “vai para vida” refinado não é equivalente a um “vai-te lixar” dos vulgarismos? Ou será que “vai-te lixar, “vai à merda” e vai “p’ro caralho” são as frases que manifestam incivilidade e “vai para vida” a boa educação?

1.5.1. Palavras que oscilam entre calão e linguagem corrente

As modificações sistemáticas dos termos pertencentes às linguagens correntes, mediante a contribuição lexical de palavras em calão, já começam a criar um espaço incógnito relativamente às identificações de acordo com o alargamento dos sentidos semânticos e frequência de uso; muitas delas deixam de ser calão e conseguem ultrapassar o estatuto de tabu dadas as suas índoles pacíficas de articulação e consonância. São disso exemplo as palavras “banga” (vaidade/estilo), “bizno” (negócio, assunto, combinado, tratado, como corruptela de *business*) e “boss” (patrão, chefe).⁶⁷

⁶⁵ Sílvio Elias, *Sociolinguística: Uma Introdução*, Rio de Janeiro. Padrão Livraria, 1987. p.72.

⁶⁶ José Luis Fiorin, *Figuras de retórica*, São Paulo, Editora Contexto, 2014. p. 78.

⁶⁷ Elsa Josina António, *Criação e inovação lexical nos textos literários: o caso do romance Os Transparentes de Ondjaki*, Universidade da Beira Interior, Covilhã. 2018. p. 43.

Outras amostras são os vocábulos portugueses de origem cigana que oscilam a meio termo entre calão e/ou linguagem corrente, como “chalado” (idiota), que verte do indicativo sânscrito *džala* “ir”, “chingar” (aborrecer, insultar). Segundo o DRAE (*Diccionario de la Real Academia Española*), é indicada a origem cigana. Além do mais, Adolfo Coelho, na sua obra *Os Ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão*, aponta “*chulé* (cheiro dos pés/ sujidade nos dedos dos pés), que provém do cigano “*chulló*” (gordura de porco).⁶⁸

Victoria Fromkin e Robert Rodman, em *Introdução à Linguagem*, apresentam a mesma dificuldade de distinção em algumas palavras — se pertencem à linguagem corrente ou ao calão. Os autores dissertam que, na verdade, nem sempre é fácil estabelecer a fronteira entre palavras que são calão e palavras de linguagem corrente, na medida em que as expressões em calão vão ganhando, de forma significativa, terreno no panorama linguístico, sendo amiúde adaptadas para acompanhar ideias e hábitos novos, correspondendo efetivamente às necessidades criadas pelos tempos modernos. Facto é que, num passado recente, a expressão “*hot dog*” fazia parte do calão pornográfico, atualmente trasladado para a linguagem corrente gastronómica de origem estadunidense, significando “cachorro quente”⁶⁹

Entre as diversas línguas espalhadas pelo mundo, podemos afirmar que nenhuma delas é regrada na sua plenitude, devido aos fatores extralinguísticos; consideravelmente constituem dentro dos seus repertórios palavras que saltam a corda da regularidade, principalmente em contextos ou ambientes informais. Quanto às línguas, pela heterogeneidade que as caracterizam, e às variedades que as distinguem, a probabilidade de total cumprimento normativo tornou-se inverosímil; entretanto, utilizam-se léxicos de calão no dia-dia. Longe de ser uma tendência inventada pela mundividência contemporânea, esta modalidade vem acompanhando diacrónica e sincronicamente as línguas e, por ser uma linguagem de margem, continua a ser um assunto que constitui uma incessante problemática de difícil consenso entre os linguistas, mas que não deve passar de um “fazer de conta” ou por um processo de ignorância pelos estudiosos. É um assunto tabu por natureza e objeto de estudo da sociolinguística.⁷⁰ Uma temática torna-se tabu quando se ditam proibições sobre determinadas palavras sujeitas a ponderações ou supressões, dependendo da situação e ou ambiente que revelará.

⁶⁸ Géraldine Chantal Moureau, *Influência do Calão Cigano nas Línguas Portuguesa e Castelhana em Contextos de Comunicação de Massa*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2010. p. 23.

⁶⁹ Victoria Fromkin e Robert Rodman, *Introdução à Linguística*, Trad. (Isabel Casanova), Coimbra, 1993. p. 288.

⁷⁰ Marina da Silva Gonçalves, *O Calão no Português Europeu: Tendências e Utilizações*. Universidade de Minho, Braga, 2016. p. 6.

Quanto à transitabilidade da norma ao desvio precisamente do calão como objeto de estudo, tendo em conta a situação do português angolano, existem peculiaridades na sua configuração. Queremos com isso explicitar que o calão falado pela população angolana é um caso especial, na medida em que a formação do mesmo é resultado de uma amplitude de fatores socio-históricos, consequências das relações entre variedades, frutos do multiculturalismo, seguimentos do plurilinguismo e produtos da singularidade criativa dos falantes.

A fusão de contactos surge como pormenor consistente no eco histórico que manteve a repercussão entre dois povos ignotos, com hábitos e costumes diferentes e estruturas lexicais, morfológicas e sintático-semânticas ainda mais distanciadas, no qual uma língua acentuada normativamente (língua portuguesa) entra em convívio com as línguas nativas maioritariamente de origem Bantu numa ambiência de imposição idiomática, por um lado e resistência do uso das línguas autóctones em clandestinidade, por outro. A hibridização resultou numa língua metaforicamente mestiça com semblante próprio, ou seja, um estilo particularmente angolano de se falar português, ou angolês, se quisermos.

1.5.2. O uso do calão e estrangeirismos como nova tendência de comunicação

As mudanças da era digital trouxeram consigo uma nova maneira de comunicar em redes sociais: surgiram nova tendências, novas gírias, novos estilos de calões, hibridizações frásicas entre expressões portuguesas com vários estrangeirismos. Um caso concreto é o da palavra retirada do anglicismo “*show*”: o mundo lusófono utiliza-a para se referir a um espetáculo ou uma atividade de entretenimento que envolva palcos e artistas em atuações, mas, no caso do calão angolano⁷¹, o termo pode significar um evento, como também uma situação crítica, complicada, meter-se em apuros, dificuldades e outros sentidos equivalentes a problemas. Estar no *show* pode transmitir a ideia de participação num evento, de presença *in loco*. Entretanto, sob outra perspetiva, “estar no *show* ou ficar no *show*” significa estar numa condição de aflição ou situação problemática.

As novas tendências de abreviações e técnicas de economizar a língua verificada nos estrangeirismos e as manifestações do conhecimento da língua inglesa, entre outras, é ainda a noção de prestígio linguístico que o inglês possui que leva a que, por exemplo,

⁷¹ “Show” está também presente no calão português como sinónimo de algo “espetacular” ou “espantoso”, embora esse uso tenha caído, geralmente, em declínio.

a forma mais frequente de tratamento seja ppl (*people*) em vez das formas do calão “matanga, *squad*, as tropas”, equivalentes ao português de Portugal “pessoal ou malta” ou as variantes *pple* ou por extenso *people*. Existem também outras formas que usam números a valer apenas pelo seu valor fonético, e que o inglês internacionalizou, que são particularmente apreciadas: SLB *4ever* (Benfica para sempre), SCP *4ever* (Sporting Clube de Portugal para sempre). Mesmo quando o conhecimento da língua inglesa é pequeno, é grande o desejo de se mostrar a usá-la.⁷²

Outro exemplo de empréstimo é a palavra pipoca proveniente do tupi guarani que significa “estalando a pele”, formada pela junção de dois termos: “pira”, que em tupi significa “pele” e “poka”, que significa “estourar”, “rebentar”.⁷³ Em Angola, pipoca não deixa de significar um conjunto de grãos de milhos estalados ao calor do lume. Todavia, na linguagem informal, propriamente o calão angolano, utiliza-o categoricamente como um verbo (“pipocar”), escamoteando o seu sentido semântico. Muito se tem visto em publicações de angolanos nas redes sociais frases como “aquele mambo pipocou.”

Ieda Maria Alves realça a importância dos neologismos por empréstimos e sustenta a conceção da linguagem humana como um constante devir de criação e inovação lexical, a única capaz de influenciar, alterar, adicionar, adaptar e sofrer influências mediante contactos de outras géneses. Entretanto, a velocidade das etapas, sobretudo dos tempos modernos, deve ser encarada como um conjunto de fenómenos enriquecedores e não como malefícios a evitar:

O sistema lexical de uma língua está constantemente se inovando[...] que se tornou evidente para a maioria dos usuários que uma língua de cultura moderna, necessariamente científica e técnica não deve ver na neologia lexical apenas um mal inevitável. É a primeira condição a partir da qual o idioma pode permanecer um instrumento de comunicação nacional, mesmo internacional e não apenas uma língua viva. Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela sua riqueza imediata, como sinal evidente da sua vitalidade. Uma língua que não conhece nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e em suma a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia.⁷⁴

Ieda Maria Alves refere ainda, em *Integração de Estrangeirismos à Língua Portuguesa*, que estrangeirismo e empréstimo são dois conceitos ligeiramente distintos, transcritos de forma diferenciada quer em obras lexicográficas (dicionários) quer em géneros textuais de diferentes naturezas⁷⁵. Todavia, por não ser focalização nossa, escusamos imergir nesta senda de especificação e associamos ambos os conceitos por se tratarem de coisa alheia importada à nossa língua; por serem elementos infiltrados, nela

⁷² José Teixeira, “O q é q é + Importt N1 Msg?” Universidade de Minho, Braga. 2003.p 15.

⁷³ Emílio do Clube das Pipocas, “Você Sabe Qual é a Origem da Pipoca?” Disponível in: <https://clubedapipoca.com/blog/origem-da-palavra-pipoca/> (acesso 06/04/2022).

⁷⁴ Ieda, Maria Alves, “A Integração Dos Neologismos por Empréstimo ao Léxico Português”, Alfa Revista Linguística, vol.28, São Paulo, 1984, p. 119.

⁷⁵ Ieda, Maria Alves, “Integração de Estrangeirismo à Língua Portuguesa”, UPS- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana, São Paulo, p. 1

acabam por influenciar as suas nomenclaturas conforme exemplos apresentados pela autora, onde se verificam constantes hibridizações frásicas que já não causam estranheza por se normalizarem: “[a]o final do show, Michele no <backstage> (bastidores) esperava com outras crianças a hora de embarcar no ônibus de volta para o orfanato onde vive há cinco anos”⁷⁶, ou ainda:

Depois de quase dois anos de espera, a Apple finalmente vai soltar a tão esperada versão 8 do sistema operacional— o programa básico para fazer um computador funcionar — para Macintosh, não é nada revolucionário, mas o <upgrade> corrige a estabilidade do sistema atual, deixa a máquina funcionar mais rápida e permite execução de tarefas simultâneas, coisa que a Windows 95 já faz há tempos.⁷⁷

A língua, quando realizada oralmente, e pela espontaneidade e suscetibilidade para entrada de elementos extras, acaba por experienciar uma significativa inserção e importação de objetos novos, e as suas respectivas nomenclaturas surgem frequentemente de duas formas: por via de moda em criar uma tendência de importação lexical ou pela necessidade de recorrência a empréstimos pela inexistência de equivalência vocabular no português. Assim, palavras ou objetos de outras realidades influem nas nossas e vão ganhando espaço de emprego, sendo por isso o estrangeirismo considerado a aplicação vocabular que consiste em influenciar uma língua vernácula sem que esta a incorpore como elemento de pertença, tanto que o termo “estrangeirismo” se aplica para todas as palavras de fora que não fazem parte do léxico da língua portuguesa. No entanto, são empregues como elementos adicionais à realidade através do impacto de uso, força de hábito e velocidade modernística influenciados por campos semânticos diversos, que listamos com alguns exemplos:

- **Impacto Tecnológico:** *upgrade, windows, ecrã, print, password, party, net, site, link roaming, software, homepage, check-in, scan, delete*⁷⁸;
- **Gastronomia:** *fast-food, hot-dog, pizza, muamba, crepe, döner kebab hambúrguer; ketchup;*
- **Vestuários:** *outfits, tennis=ténis, t-shirt, lingerie, soutien-gorge=sutiã, fashion, jeans, jaquette, crocs, swag;*
- **Bebidas:** *barman, shot, vodka, cocktails, sangria, mojito, tequila, cognac/conhaque;*

⁷⁶ *Ibidem*, p. 6.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 11.

⁷⁸ Tiago, Freitas; Maria, Celeste Ramiro e Elisabete, Soalheiro, “O Processo de Integração dos Estrangeirismos no Português Europeu, Instituto de Linguística Teórica e Computacional” Lisboa, 2012, p. 2-10.

- **Música:** *backstage, show, microfone, slow, playlist; tourné, CD, D.J., popstar, pbm;*
- **Outros:** *abajur, surf, stress, ranking, meeting, network, hater, hacker, sunset, disco-club.*

Outro caso é o das novas vias de propagação informativa, que exigem rigor formal: em muitos casos, por discordância entre os intervenientes, surge um ambiente de extrema informalidade, pelo que a classe jornalística vem enfrentando constantes desafios em transmitir tal e qual uma situação de troca de palavras que envolva uma carga semântica menos própria (palavrões). Pode ser disso exemplo uma discussão política, em que ambas as partes utilizam obscenidades. Como noticiar *ipsis verbis* o acontecimento? Como parafrasear cada elemento envolvido em matérias por publicar num jornal quer físico ou eletrónico? Numa situação normativa que apresenta desvios por motivos como estes, de acordo Marina da Silva Gonçalves, as equipas de redação dos jornais, blocos e sites informativos, em casos de agressões verbais proferidas em calão, utilizam normalmente reticências como técnicas de disfarce das inconveniências. Vejamos o exemplo abaixo:

Em 2011 o jornal Público publicou uma notícia sobre alegados insultos proferidos por Jaime Ramos, Secretário-geral do PSD regional, a um jornalista do Diário de Notícias da Madeira. “Disse que não convivia com “paineiros”. A partir daí foi um conjunto alargado de agressões verbais, com predominância do calão e de acusações pessoais”. Conta ainda o jornalista que o também líder parlamentar do PSD-Madeira lhe chamou “filho da p...a”, “mentiroso”, “corrupto”, de estar “feito com eles” e de ter recebido dinheiro para escrever. Depois convidou o jornalista a “ir para o c...”. Mais à frente lemos o seguinte, ainda na mesma notícia: “Também não são inéditas as expressões usadas por Ramos que no parlamento já chamou “filho da p...” ao deputado Bernardo Martins (PS), “cabra” a Rita Pestana (PS), “chulo” e “vadio” a Edgar Silva (PCP) a quem ameaçou de “um tiro nos cornos”, “gatuno” e “burro” a Jacinto Serrão (PS). Também “mimoseou” Violante Matos (BE) com um “vai à merda” e até ao presidente do parlamento “convidou” a que fosse “para o c...”⁷⁹

Sem dúvida, as palavras com maior carga ofensiva e negativa foram disfarçadas com reticências, como em “filho da p...a” e “para o c...” As restantes palavras, com uma carga menos obscena (“cabra”, “gatuno”, “burro”, entre outras), foram escritas por extenso, sem qualquer tabu.⁸⁰

⁷⁹ Marina da Silva Gonçalves, O Calão no Português Europeu: Tendências e Utilizações. Universidade de Minho, Braga, 2016. p. 41-42.

⁸⁰ Ibidem p. 42.

CAPÍTULO II — O Calão em Angola: Forma de Identidade Linguística e Cultural

2.1- A formação de Angola: o caso de afirmação de angolanidade etnolinguística

A afirmação da angolanidade é marcada por uma delicada demanda como é do conhecimento geral. Foi algo trabalhoso montar um painel de peças diferenciadas e compilá-las para uma configuração una, dada a complexidade cultural que cada uma delas apresenta. Entretanto, foi necessário deixar as diferenças de parte para imersão num um processo de enquadramento, adaptação, ajustamento, de dançar a mesma música, como se tem dito em adágios populares que vão ao encontro ao lema utilizado pelos EUA e pelo clube desportivo Sport Lisboa e Benfica, proveniente do latim (*e pluribus unum*, que significa “entre vários, um.”) Ademais, a construção da angolanidade foi uma situação congénere, na medida em que a composição do angolanismo surgiu de vários pontos para um, de vários grupos étnicos para um só povo que trilha os mesmos caminhos de reconstrução incessante do perfil *mwangolé*. Este termo é proveniente da fusão *mwana* + *Ngola* (filhos de Angola)⁸¹, combinação de dois vocábulos *mwana* em kikongo, significando filho e *Ngola* (da língua kimbundu), em alusão ao rei *Ngola kiluanji* que liderava o reino do *Ndongo*. *Ngola*, em termos gramaticais, é um substantivo próprio que sofreu um processo de adição (prótese), acrescentando o fonema /a/ no início da palavra, resultando no vocábulo que etimologicamente deu origem ao topónimo Angola.

Descrever a configuração narratológica e etnográfica de Angola envolve uma amplitude de antecedências e fatores que implicam a sua periodização. Resumidamente, destacamos cinco fases ou períodos de estruturação histórica: (i) o período pré-histórico e proto-histórico; (ii) o período da configuração dos reinos; (iii) a era da ocupação colonial; (iv) a época da independência; (v) o período de pacificidade (era da paz) até aos dias de hoje. Este, dada a velocidade da contemporaneidade, tem sido o maior impulsionador do calão, mas, antes de lá chegarmos, seguiremos sumariamente o percurso histórico e linguístico cultural do país em estudo.

⁸¹ Armando José Nezinga, *A Presença de Neologismos em Jornais Públicos e Privados de Angola: Verificação de Frequências*, Universidade de Évora, 2019, p. 56.

2.1.1. O período arcaico ou pré-histórico e o período de transição (proto-histórica)

Entre a fase arcaica e a história propriamente dita, deveremos apontar as comunidades primitivas, ou seja, os primeiros nómadas, que viviam em grupos avulsos, nomeadamente os Khoisan e os Vátuas (grupos não bantus), considerados os primeiros a habitarem o atual território angolano. Posteriormente, surgem os povos bantus, que apareceram em maior número em relação aos primeiros citados.

2.1.2. Comunidade étnica não-bantu

Da comunidade étnica não bantu, tendo em conta o reduzido número e escassez de registos que servem como fontes históricas, pouco se sabe. Entretanto, existiram dois importantes grupos étnicos, os *Khoisan* e os *Vátuas*. Os *Khoisan*, ou bosquímanos (termo considerado pejorativo, do holandês *boschiman*, que significa homem do bosque, das florestas, dos campos), dedicavam-se a atividades campestres (agricultura) e captura de animais que arpeavam utilizando diversos materiais feitos manualmente por eles, como é o caso das azagaias.⁸² Quanto aos aspetos fisioantropológicos, são um povo originariamente nómadas, indivíduos não negros, de cor acastanhada,⁸³ pequena estatura (pigmóides), com olhos tipicamente orientais⁸⁴; os pés e as mãos são minúsculos, por isso confundidos com frequência com pigmeus.

⁸² Luís Pacheco, Paulo Costa e Fernando Oliveira Tavares, “História Económico-Social de Angola: Do Período Pré-Colonial à Independência” *População e Sociedade*, Porto, Vol. 29, 2018. p. 85.

⁸³ Gonzaga, *História de Angola*, 1963. In: Domingos Gabriel Dele, *A Língua Portuguesa em Angola um Contributo Para o Estudo da Sua Nacionalização*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011. p. 47.

⁸⁴ Fernandes e Ntongo, *Angola: Povos e Línguas*, Luanda: Editorial Nzila, 2002. In: Domingos Gabriel Dele, *A Língua Portuguesa em Angola um Contributo Para o Estudo da Sua Nacionalização*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011. p. 47.

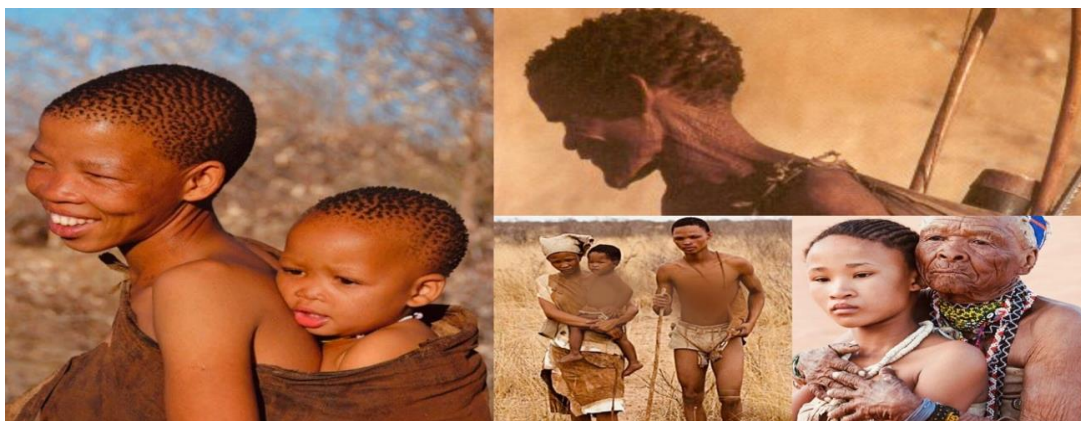


Figura 3 - Caracterização fisionómica do grupo Khoisan⁸⁵

Segundo os estudos realizados por Domingos Zau, os *Khoisan* são considerados um dos povos mais antigos do mundo e, juntamente com os *Vátuas*, marcados como os primeiros povos que habitaram o território angolano:

Os Khoisan costumam ser apontados como os primeiros povos primitivos da África Equatorial e Austral (Cruz, 1940). Juntamente com os Vátua, considerados os primeiros habitantes do território angolano na fase proto-histórica (História de Angola, 1965) do paleolítico. Quer o grupo khoisan, quer o vátua, constituem o que genericamente se designa por povos não-bantu e pré -bantu. Oriundos de várias raças localizadas a sul do Equador [...] Os khoisan são vistos por alguns investigadores como dos mais primitivos povos da humanidade, e descendentes dos homens de Grimaldi. Presume-se que terão chegado à África, passando pela Ásia e Europa Ocidental, provavelmente há perto de 50 000 (cinquenta mil anos) a.C.⁸⁶

Os *Vátuas*, comunidade etnolinguística considerada não bantu localizada no sul de Angola de acordo com Miguel Manuel Melo, vivem das atividades peculiares dos homens primitivos: dedicam-se à caça e à colheita de alimentos fornecidos pela natureza, como os frutos silvestres. A comunicação entre eles, segundo Melo, realiza-se por intermédio de estalidos linguísticos (linguagem onomatopeica), a passo que as particularidades das línguas de origem *Khoisan* se distinguem conceitualmente por características fonético-fonológicas, ou seja, por emprego de cliques. Conforme Lupenha e Neto, funcionam contrariamente às demais línguas, nas quais, regra geral, os sons da fala são produzidos na expiração. No caso dos cliques utilizados pelos Khoisan, a produção de sons realiza-se no ato da inspiração. Reza a lenda que foi por este pormenor linguístico-identitário que originou o gentílico hotentote relacionado a “gagos”.

A poligamia não é frequente entre os vátuas, comunidade que dificilmente aceita cruzamento com outros grupos⁸⁷ e pela proximidade de costumes com os *Khoisan*, uma minoria étnica não aderente ao evolucionismo, pela estagnação tradicional aos modelos

⁸⁵ <https://theafricanhistory.com/2161>

⁸⁶ *Ibidem*, p. 47.

⁸⁷ Miguel Manuel Melo, *Diversidade Genética nos principais grupos populacionais em Angola —aplicação Forense*, Universidade do Porto, 2010. p. 29.

primitivos, têm sofrido ao longo dos tempos, exclusões e preconceitos sociais, linguísticos, encontrando-se em vias de extinção, uma vez que se vão reduzindo cada vez mais esses grupos étnicos, que não deixam de ser importantes uma vez considerados os primeiros povos que habitaram o atual solo angolano.

2.1.3. Comunidade étnica bantu

Os bantus, segundo a teoria religiosa maometana, eram conhecidos por *cafres* (infiéis) no mundo antigo muçulmano pela recusa de adoção e adoração a Maomé.⁸⁸ Eram nómadas, mantinham as suas relações conjugais mormente por poligamia, ao contrário dos povos não-bantus supramencionados, e eram conflituosos, bélicos e invasores territoriais. São povos negroides; julga-se terem vindo da região de Benué, entre as superfícies camaronesas e territórios nigerianos. Estenderam-se à bacia do Kongo, planalto Luba, região de *Baluba*. Grupo etnolinguístico indígena da República Democrática do Congo, os bantus expandiram-se até as regiões dos grandes lagos e alcançaram o sul de África, incluindo o extremo oriental e extremo meridional, incluindo Angola.⁸⁹



Figura 4 - Os nganguelas, primeiros bantus em Angola⁹⁰.

⁸⁸ Gonzaga, *História de Angola*, 1963. In: Domingos Gabriel Dele, *A Língua Portuguesa em Angola um Contributo Para o Estudo da Sua Nacionalização*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011. p. 48.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 48.

⁹⁰ <http://kandimbafilms.blogspot.com/2013/01/os-nganguela-os-primeiros-bantu-de.html>.

A formação da palavra bantu vem da junção do prefixo ba= (as) + a palavra primitiva ntu= (pessoas), formando o termo que literalmente significa “as pessoas ou os seres humanos”. O morfema ba é simplesmente uma marca de pluralização, equivalente à flexão numeral do determinante artigo definido “a” (no plural, “as”). O singular desta partícula linguística é “mu”, isto é a combinação, mu+ntu=*mntu*, que significa “a pessoa”.

2.2. Período de configuração dos reinos

Angola era composta por diversos reinos, que serão ilustrados a seguir numa adaptação nossa que teve como fonte de pesquisa a tese de doutoramento de Domingos Zau *A língua portuguesa em Angola: Um contributo para a sua nacionalização*:

Tabela 2- Os reinos em Angola: Agrupamento, fundação e extinção⁹¹

Agrupamento de reinos	Fundação e extinção
Reino do Kongo	Século XIII a XVI
Reino do Ndongo e Matamba	Século XVI a XVII
Reino da kissama	Século XVI a XVII
Reino de Cassange	Século XVI a XVII
Reinos do planalto	Século XVI a XVIII
Reino do Sudoeste	Século XVI a XVII
Reino da Lunda Tchokwe	Século XVI a XIX
Região de comunidades pouco fixadas ⁹²

⁹¹ Domingos Gabriel Dele Zau, *A Língua Portuguesa em Angola: Um Contributo Para o Estudo da sua Nacionalização*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011.

⁹² *Idem*, p. 49.

Angola, antes da chegada dos portugueses, era um território composto por reinos estruturalmente sólidos e organizados hierarquicamente de acordo as realidades de cada grupo étnico. Por exemplo, o reino do Kongo era representado pelo rei Nzinga-a-Nkuvo, que governava uma sociedade categorizada por duas classes: os aristocratas (os manis) e o povo. O reino tinha como filosofia governamental a monarquia-absoluta, na qual, em casos de morte ou incapacitação psicomotora, a transição da autoridade e poderio dava continuidade à mesma linhagem familiar, respeitando a veracidade genológica, passando o poder para um irmão ou para o filho mais velho da irmã (sobrinho)⁹³.

Era um reino sistematicamente feudal, onde se prestava vassalagem, e a política económica baseava-se em trocas de diferentes produtos de prestígio, embora na época possuíssem uma moeda própria (*zimbo*)⁹⁴.

Cada região reinada configurava as suas particularidades étnicas e linguísticas com observáveis distanciamentos, sendo essa uma das razões que fazem com que Angola, segundo muitos estudiosos, seja analogicamente considerada um arquipélago que constitui diversas ilhas linguístico-culturais diferenciadas umas das outras. O panorama étnico-linguístico angolano de origem bantu foi classificado por José Redinha em nove comunidades autóctones:

1. Grupo Etnolinguístico kikongo (Kikongo ou Conguês)
2. Grupo Etnolinguístico Quimbundo (Kimbundu)
3. Grupo Etnolinguístico Lunda-Quioco (Lunda-quioco ou Lunda-Tchokwe)
4. Grupo Etnolinguístico Umbundo (ou ovimbundo)
5. Grupo Etnolinguístico Ganguela (ou Ngangela)
6. Grupo Etnolinguístico Nhaneca-Humbe (ou Nyaneka-Lumkumbi)
7. Grupo Etnolinguístico Ambó (ou ovambo também designado xikwanyama)
8. Grupo Etnolinguístico Herero (ou Tjiherero)
9. Grupo Etnolinguístico Xindonga (ou Oshindonga).⁹⁵

⁹³ Luis Pacheco, Paulo Costa e Fernando Oliveira Tavares, “História Económico-Social de Angola: Do Período Pré-Colonial à Independência” *População e Sociedade*, Porto, Vol. 29, 2018. p.86.

⁹⁴ Samba Tomba Justes Axel, *Cosmogonia Bantu: Nzambi a Mpungu (Deus Supremo) A Criação da Natureza e do Homem Muntu*, Uíge, Wizi-kongo. 2016. p. 1. Disponível in: <http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/cosmogonia-bantu-nzambi-a-mpungu-deus-supremo-a-criacao-da-natureza-e-do-homem-muntu/> (acesso 29/04/2022).

⁹⁵ José Redinha, *Etnias e Culturas de Angola*, Instituto de Investigação Científica de Angola e Banco de Angola, 1975. In: Virgílio, Coelho, “A Classificação etnográfica de Angola”, (1º parte) Mulemba, Vol. 5, Rio de Janeiro, 2015 p.6.

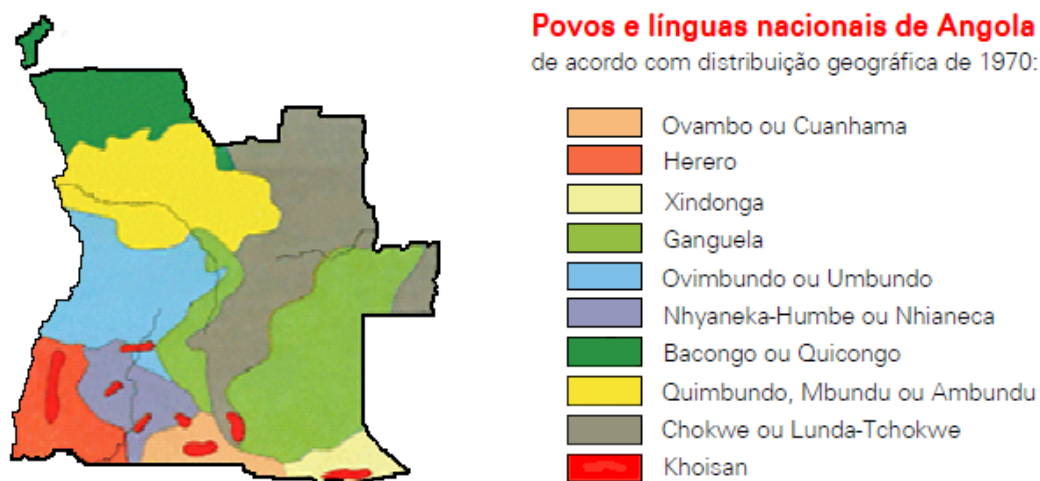


Figura 5- Mapa etnolinguístico conforme a distribuição geográfica de 1970⁹⁶

2.3. O período colonial em Angola

Quando já se cimentaram determinados hábitos, costumes e valores, que definem identidades culturais, é estranho quando, de repente surgem culturas totalmente diferentes, que penetram no território de maneira brusca e invasiva, impondo e anulando um todo existencial, já para não mencionar interferências linguísticas causadas e distorções estruturais de um povo num autêntico ato de desumanização.

Angola, durante o regime, viu os seus filhos esforçados a despirem-se das suas reais proveniências, pois foram, grosso modo submetidos à resignação das suas naturais individualidades, sofrendo assim uma alteração mecânica dos seus valores, procedimentos sexuais, maneiras de se sentar à mesa, rir, vestir, comunicar, verificando-se inclusive uma metamorfose religiosa, já que eram considerados homens sem fé que acreditavam em meras imaginações irrealis. Sendo assim, a política do batismo não eliminava somente o tradicionalismo espiritual dos autóctones como lhes removía os nomes originais para atribuição de uma nova cédula pessoal. Conforme disserta Aimé Cesaire em *Discurso sobre o colonialismo*, “eu falo de pessoas esvaziadas delas mesmas, de culturas pisoteadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas”.⁹⁷

⁹⁶ <https://ventosdalousofonia.wordpress.com/2012/12/24/as-linguas-nacionais-de-angola-uma-vitoria-sobre-o-preconceito/>.

⁹⁷ Aimé Cesaire, *Discurso Sobre o Colonialismo*, Trad. Anísio Garcez Homem, Letras Contemporâneas Livros e Livros 2ªEd, Florianópolis, 2020, p. 28.

A catequização utilizou-se como método de ensino adequado para a imposição da língua. Daí a importância do clero na cooperação/companhia do império Luso. A língua, no contexto clerical, serviu como instrumento de imposição passiva porque, na verdade, os missionários foram essencialmente os agentes que desencadearam a concretização das ambições do Rei e da Santa Sé.⁹⁸

A situação linguística em Angola na era colonial, na visão de Amélia Mingas, funcionava em séries de proibições de comunicação através de línguas nativas, sendo a única língua vigente-veicular que poderia se aprender e dominar em escolas estatais principalmente para os assimilados, o português. Caso não se cumprissem as regras estabelecidas e um dos aprendizes “assimilado” infringisse a lei, falando à maneira da terra, não poderia mais ter acesso aos serviços público-administrativos e, por consequência, os seus progenitores teriam graves problemas com a polícia política portuguesa.⁹⁹

Vale ainda destacar um dos caminhos que fizeram com que as línguas locais prevalecessem para além das vias clandestinas de articulação e resistência do povo ao não se deixarem levar pelas técnicas de extermínio e extinção das línguas nacionais. Embora proibidas em tudo quanto fossem atividades e, apesar dos entraves, se se mantiveram intactas é porque elas faziam parte da essência dos povos. Citando Louis-Jean Calvet, “pode-se tirar a um homem muitas coisas, não se poderá contudo, nunca, nem mesmo em nome da língua de outros, tirar-lhe a sua própria língua com sua anuência”¹⁰⁰ Foi o lapso que a política de implementação linguística portuguesa efetivou em promover o ensino intrinsecamente aos assimilados enquanto se realizava a livre circulação das línguas autóctones em zonas recônditas e nos musseques, conforme a declaração de João Serrote:

A língua portuguesa não se fixou em todo o território angolano, porque estava limitada aos assimilados, isto fez com que, nas zonas rurais, as línguas locais permanecessem intactas, fenómeno que atualmente já não se verifica devido ao contacto com os meios de comunicação e as influências de outras culturas ocidentais.¹⁰¹

Destacaremos neste tópico a língua kimbundo, pelo facto de os ambundos serem o povo que manteve maior contacto com os portugueses, razão pela qual se afirma que é a língua nacional que mais influenciou lexicograficamente a língua lusa. Por ser uma língua falada

⁹⁸S/P. Ana Silva Leitão, *A língua Companheira do Império: Significados de Educação Ameríndia*, Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2015.

⁹⁹ Amélia A. Mingas, *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Porto, Campo das Letras Editores, 2000, p.49.

¹⁰⁰ Louis-Jean Calvet, *Linguistique et colonialisme*, Paris, Payot, 1974, p. 236. In: Amélia A. Mingas, *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Porto, Campo das Letras Editores, 2000, p. 52

¹⁰¹ João Major Serrote, *Antroponímia da Língua Kimbundu em Malange*, Universidade Nova de Lisboa, 2015. p. 19.

pelos cidadãos luandeses, conhecemos as capacidades das capitais em influir novas tendências (“novas *vibes*” como se diz em linguagens juvenis). Assim, palavras como “dikota”, do kimbundo, surge na variante do português angolano como “kota”, que significa alguém mais velho e é frequentemente usado como calão além-fronteiras, abrangendo os restantes Palop e Portugal. O mesmo acontece com o termo “kasule”, aportuguesado para “caçula”, cuja significação é convergente na lusofonia toda.

Adaptamos uma tabela de dez palavras de origem kimbundo, extraídas da obra de Amélia Mingas; algumas são consideradas calão quer no PA como no PE, ao passo que outras simplesmente tidas como palavras de linguagem corrente normalmente utilizadas em faixa etária mais jovem:

Tabela 3 - Palavras de origem kimbundo de uso quotidiano no calão e no português corrente [adaptação nossa].¹⁰²

Kimbundu	PA	PE
Dikota	Kota	Cota
Kukoxila	Cochilar	Cochilar
Kafune	Kafune	Cafuné ¹⁰³
Kasule	Caçula	Caçula
Dika	Dica	Dica
Kaxingi/Katinga	Catinga	Catinga
Ngola	Angola	Angola
Mbunda	Bunda	Bunda ¹⁰⁴
Nhende	Dendê	Fruto do dendezeiro, palmeiras
Dikamba	Camba	Amigo; companheiro ¹⁰⁵

¹⁰² Amélia A. Mingas, *Interferência do Kimbundo no Português Falado em Lwanda*.

¹⁰³ Cafuné: significa acariciar suavemente a cabeça de alguém para o fazer adormecer ou relaxar

¹⁰⁴ Bunda: nádegas

¹⁰⁵ Amélia A. Mingas, *Interferência do Kimbundo no Português Falado em Lwanda*, Porto, Campo das Letras Editores, 2000, p.99-100.

2.4. Período da independência: O contributo da língua num estado-nação em construção.

Muito se tem reprovado o trajeto da imposição da língua pelas drásticas vias a que teve que recorrer para chegar até nós, sublinhando-se assim as desvantagens. Esquecemo-nos, apesar disso, dos prós relativamente à protagonização credível em prol da alfabetização dos povos que não tinham acesso ao mundo global, o ingresso à civilização e acesso à educação universal e a herança patrimonial que canoniza a língua como símbolo unificador de uma nação nova, cujas partes que a constituem possuem linhas miscelâneas agrupadas em virtude da contribuição da língua numa época em que a demanda exigia um elemento que vinculasse a unidade na adversidade.

Angola é um país que se vem revestindo de guerras, conflitos e constantes problemas, a contar desde o momento das invasões dos povos bantus aos primeiros grupos étnicos, desde os enfrentamentos entre reinos, contando com longos anos de colonização. Curiosamente, até mesmo em tempos em que se transpareceu uma nação isenta à subalternação (Independência), surgiram novas conflagrações políticas de lutas de poder entre três forças políticas e as línguas desempenharam um papel crucial porque os três movimentos de libertação nacional representavam, cada um deles, uma determinada região linguística e culturalmente diferente. Eram estas (i) a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), que ocupava a zona norte, isto é, a região dos povos Bacongus que falam a língua kikongo; (ii) o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), que assumiu a zona capital e arredores representados pelos ambundus, povo que tem como a língua nacional o kimbundu e (iii) a união nacional para a Independência total de Angola (UNITA), que se fixou de modo abrangente na zona centro-sul, região geopoliticamente considerada maioritariamente ovimbundo. Em termos linguísticos, a disputa entre essas três agremiações políticas, desvinculadas pelas rivalidades e concorrências para um só movimento reger o país, fomentou preconceitos e estereótipos linguísticos nutridos pelos regionalismos que, em consequências sociais resultaram em tribalismo ainda hoje notável. O MPLA, sendo supostamente vencedor (dizemos “supostamente” porque a história contada por eles cisma dubiedades e divide opiniões), coincidentemente controlou a zona ambundo (Luanda e arredores deste grupo étnico), que era, como vimos anteriormente, a região mais europeizada. Foram-se criando sentimentos de superioridade, instituindo-se o PA falado na capital como a variante predominante. Dizem certas vozes que “o melhor português é falado em Luanda”, que “os do Sul falam tipo mbais¹⁰⁶, ou que “os do norte se expressam como

¹⁰⁶ Mbais: Referente aos bailundos, mas de maneira pejorativa cujas dificuldades linguísticas foram destacadas no capítulo primeiro tópico 1.7—Relativização do conceito normativo ou desvio como eufemismo

*zaikós langa langas*¹⁰⁷” A difusão do conceito “*langa*” em Angola foi veiculada por intermédio da música, quando a banda musical angolana Semba Masters compôs *Retró*, uma canção no qual transfigura de forma genérica o referido termo como gentílico dos cidadãos do antigo Zaire, onde o pano de fundo desta elaboração artística é trajado de escárnios e maldizeres, à semelhança das cantigas medievais. Nestas, o *langa* é ridicularizado como incivilizado em versos como: “Primeiro me diz que é *retró*/ depois me diz que é *Zaza* (zairense, termo pejorativo) também me diz que é *Zaikó*/ agora é *langa langa*/ que não toma sopa/ *langa* não come salada/que inventou micate que agora chamam bola de Berlim/*langa* não chupa gelado.¹⁰⁸ Relativamente aos aspetos linguísticos, importa sublinhar que, durante a composição, verificam-se demasiados preconceitos; quanto ao desenrolar dos versos, vai-se imitando, com intuito de ridicularizar, o excessivo carregamento da consoante vibrante alveolar /r/, fator que se influenciou por causa do francês, língua oficial do Congo, outrora colonizado pelos belgas. Extrapolamos assim que o processo de aprendizagem do português provoca barreiras nestes aspetos, pois acabam reiteradamente invertendo os valores entre a consoante vibrante alveolar /r/ (por, exemplo “areia” é pronunciado “arreia”). Por seu turno, a consoante vibrante velar /R/ (com valor de duplo rr) acaba por não ser carregada, ou seja, ao invés de “arroz, pronunciam “aroz”, o que em Angola é motivo de zombaria:

São inúmeros os angolanos, e não apenas aqueles que se exilaram no exterior, que se exprimem com dificuldade a língua portuguesa. Falar a língua de Camões não pode ser o critério principal para se aferir a legitimidade dos filhos de Angola. Tão grave quanto isso é questionar a nacionalidade de alguém por ter nascido em Maquela do Zombo, no Uíge, ou noutra localidade fronteiriça. [...] Uma maneira diferente de identificar congolese e angolanos provenientes do país vizinho. Uma maneira discriminatória, diga-se em abono da verdade, de os tratar. Embora a maioria dos visados não se ofenda, a palavra *langa* carrega conotação pejorativa. Como se fossem os congolese e qualquer um que com eles se confunda, cidadãos de categoria inferior. Pessoas com o mínimo de informação.¹⁰⁹

Além dos preconceitos sociolinguísticos apresentados, existia uma outra situação que preocupava tanto o norte como o sul que constatavam um significativo desfalque das

de sotaque na seção que aborda os erros de sotaques e erros de pronúncias causados pelo bilinguismo que provoca interferências na região centro-sul.

¹⁰⁷ *Langa* é um gentílico depreciativo utilizado para cidadãos da República democrática do Congo e associado também aos angolanos refugiados para aquele país aquando dos conflitos dos movimentos políticos acima destacados.

¹⁰⁸ Semba Master, *Retro Langa Langa*, “Youtube”, Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=IcxD7k1MgkA&list=WL&index=5> (acesso 21/04/2022).

¹⁰⁹ *Ser ou não ser Langa*, Jornal de Angola, 2018. Disponível in: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=409305> (acesso 26/04/2022).

línguas locais devido o prestígio e notoriedade do português reimplementado pela nova elite que vigorava a aproximação da país a partir de uma língua que servisse como mediadora e unificadora das adversidades, mas o impacto não foi assim tão favorável porque os movimentos destas duas regiões pressentiam uma nova onda de sujeição que se abeirava e a reconstrução de uma nação recém-libertada tinha que rebrotar as línguas nacionais e não as desvanecendo, conforme Heloísa Tramontin de Oliveira:

A língua portuguesa desempenhou um papel diferente em relação a esses modelos de angolanidade, pois enquanto o partido do MPLA concebia sua adoção como forma de unificar o país, evitando possíveis “tribalismos”, os partidos FLNA e UNITA, por sua vez, encaravam tal adoção como atitude submetida a uma possível neocolonização por parte da elite burguesa angolana, que já não dominava mais os usos das línguas locais.¹¹⁰

A escassez de divulgação e utilização das línguas locais face à problematização do português como língua oficial permitiram diferentes nuances, de entre as quais a modalidade infiltrada que é o calão. Dado o peso de seu desempenho, atrever-nos-íamos a considerar que é quase impossível falar da formação de identidade linguístico-cultural angolana sem fazer menção ao calão, uma vez que se tem comprovado cada vez mais em situações pragmáticas que, para além de o português assumir o estatuto de língua oficial, há muito que se vem verificando um elemento alternativo de identificação e unificação que é o calão, embora surjam casos excepcionais de províncias que recriam termos próprios. Ainda assim não são isentos da abrangência e pertença da modalidade em geral. Assim, expressões idiomáticas em calão como “nas calmas”, “tá baté”, “tá numa”, “tá tribal”, “tá baril”, “tá *fixe*”, são apercebidas em Angola, na sua generalidade, como sinónimos de “estar tudo bem”.

Diferente de outras realidades, e apesar do plurilinguismo exacerbado, o calão angolano funciona como um dispositivo cuja banda larga se expande para o país inteiro; querendo assim explicitar afora de identificar um *mwangolê* através do calão, existe uma facilidade em agregar e comunicar com a população de diversos pontos do país sem ter que recorrer à língua oficial em variados contextos ou até às línguas nacionais, quando o calão surge como um meio-termo que simplifica o ato de comunicar.

Fernando¹¹¹ acredita que o calão angolano surgiu da experiência dos povos autóctones utilizarem um método clandestino na era colonial, mesclando uma tríade lexical de palavras inventadas por eles com palavras das línguas nacionais juntamente como o português, simulando e camuflando os códigos a fim de os agentes colonizadores,

¹¹⁰ Heloísa Tramontin de Oliveira, *A Relação das Línguas Com a Construção do Estado-Nação Angolana*, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 229.

¹¹¹ C. Fernando, “Calão, uma Língua Viva”, *O Patifundio Observador Multicultural do Mundo em Língua Portuguesa*, 2008. In: Ermelinda Hígino Dade, *O Plebeísmo na Obra Os Cães e os Caluandas de Pepetela*. Disponível in: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-plebeismo-na-obra-cao-os-caluandas-pepetela.htm> (acesso 07/05/2022).

alguns que já entendiam minimamente pelas convivências as línguas locais não se aperceberem na íntegra do que eles comunicavam.¹¹² Mesmo nos dias de hoje, continuam os secretismos, pelo que os indivíduos que não convivem com a realidade angolana e não imergem em contextos *mwangolé* dificilmente conseguirão decodificar frases como “bazei no mbanji daquele madié fazer uma balumuca pra vê se o wi me paga o quilápi” (fui à casa daquele homem pressionar para que ele me pague a dívida); “esta mboa é bué rija ya, mesmo com este cauele num quer me banzelar com um abraço” (esta mulher é muito difícil, apesar deste frio não quer me dar um abraço); “não há maka, não estragou nada, vamos bazar no Bona com o papoite” (não há problemas, iremos para cidade capital (Luanda) com o senhor.)¹¹³ Apresentamos, na tabela abaixo, a significação do calão empregue nas frases acima:

Tabela 4- Seleção de catorze vocábulos em calão angolano e suas respetivas traduções em português

Calão angolano	Tradução em Português
Mbanji	Casa
Wi	Individuo, sujeito, amigo
Madié	Individuo, sujeito, amigo
Balumuca	Confusão, atrito, briga.
Quilápi	Dívida
Banzelar	Acalmar, tranquilizar, pacificar
Mboa	Mulher, dama
Bué	Muito
Caele	Frio
Maka	Problema
Não estragou nada	Expressão idiomática do calão angolano que significa literalmente “sem há problemas”
Bazar	Ir, deslocar-se.
Bona	Luanda
Papoite	Pai, senhor, pessoa maior de idade

2.4.1. Influências das línguas nacionais no PA

O impacto das línguas nacionais é de tal importância que não deixaríamos de recolher informações pertinentes sobre como influenciaram o português falado em

¹¹² *Idem, ibidem*

¹¹³ *Idem, Ibidem*

Angola por razões alheias. Referenciando especificamente três delas, convém frisar que a seleção feita não é por prestígios, e muito menos por índoles de hierarquização, até porque todas línguas nacionais possuem a mesma dimensão, a mesma relevância, iguais funções e, por conseguinte, similares méritos. No entanto, por motivos de oportunidade e questões de acesso, coligimos em especial as línguas *kikongo*, *kimbundu* e *umbundo*. Na perspectiva de maior impacto, segundo o levantamento feito por Abelina Marcos, a língua kikongo, veiculada por quatro províncias do norte do país, e o umbundo, língua falada nas regiões centro-sul de Angola, em termos de estatísticas pelo menos em estudos realizados até hoje, foram as que coletaram menos subsídios¹¹⁴. Entretanto, o kimbundu vem-se confirmando a língua nacional que mais influenciou o PA, conforme os quadros de empréstimos de cada uma delas.

2.4.2. Empréstimos da língua kikongo no português falado em Angola

Tabela 5 - Empréstimos da língua kikongo no português falado em Angola [adaptação nossa]¹¹⁵

Língua kikongo	Classe gramatical	Empréstimo no PA	Equivalência no PE	Exemplificações
Malembe	Verbo	Malembe	Ir devagar; sem pressa	Malembe malembe estamos sempre a subir
Mpemba	Nome	Pemba	Feitiço; bruxaria	O Carlito foi no quimbanda ¹¹⁶ pegar pemba de jabá ¹¹⁷
Mwamba, muhamba Ou kuambuka	Nome	Muamba	Molho guisado geralmente de galinha.	Kuia bué fazer sentir uma muamba de galinha com funje aos finais de semana. Tradução: É sempre bom e prazeroso preparar muamba de galinha aos finais de semana.

¹¹⁴ Abelina Marcos, “Empréstimos das Línguas Bantu no Português Falado em Angola: Kikongo, Kimbundu e Umbundo”, *Njinga e Sepé*, São Francisco do Conde, vol.1, n°2, 2021. p. 155.

¹¹⁵ Abelina Marcos, “Empréstimos das Línguas Bantu no Português Falado em Angola: Kikongo, Kimbundu e Umbundo” p. 158.

¹¹⁶ Quimbanda é praticante de atividades obscuras; macumbeiro, bruxo.

¹¹⁷ Jabá é uma palavra do calão angolano que significa verbas, dinheiro.

Tsaka	Nome	Kizaka; sacafolha	Folhas de mandioqueira	A kizaca preparada pela dona Isabel é de outro nível
Salu	Nome	Salo	Trabalho; serviço; tarefas.	Wy estou no salu depois te aciono. Tradução: Amigo estou no serviço, darei um sinal assim que sair.
Buala	Nome	Buala; ¹¹⁸	Aldeia; povoações; lugarejo	Na buala da avó Minga não se precisa de muito para ser feliz.

2.4.3. Empréstimos da língua umbundo no português falado em Angola

Tabela 6 - Empréstimos da língua umbundo no português falado em Angola [adaptação nossa].¹¹⁹

Língua umbundo	Classe gramatical	Empréstimo no PA	Equivalência no PE	Exemplificações
Ocisonde	Nome	Quissonde	Formiga de mordedura dolorosa	Quissonde quando morde, dá coceiras.
Olombi	Nome	Lombi	Verduras, hortaliças; folhas comestíveis	No sul de Angola, lombi com peixe seco é um prato muito apreciado.
Akunde	Nome	Macunde	Feijão frade	Entre o macunde e o espera cunhada, eu prefiro o feijão manteiga.
Olambula	Nome	Lambula	Peixe sardinha espinhosa	Todos os dias a tia Minga passa a zungar lambula.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 158.

¹¹⁹ Teresa Manuela Camacha José da Costa, *Umbundismos no português de Angola: proposta de um dicionário de umbundismos*. p. 104-170.

Okabuenha	Nome	Cabuenha	Peixe miúdo	Um bom funje com cabuenha, descansas a vontade.
Olombongo	Nome	Lombongo	Dinheiro	de lombongo estou gato no saco. Tradução: sobre dinheiro, estou sem tostão.
Ombumbi	Nome	Mbumbi ¹²⁰	Hérnia testicular	Na minha aldeia tem um quimbanda que remove mbumbi.

2.4.4. Empréstimos da língua kimbundu no português falado em Angola

Tabela 7 - Empréstimos da língua kimbundu no português falado em Angola.

Língua kimbundu	Classe gramatical	Empréstimo no PA	Equivalência no PE	Exemplificações
Kamabwinhi	adjetivo	Camabuim	Desdentado; alguém desprovido de dentes	O Adilson desde que caiu de patins, se tornou camabuim
Kambuta	Adjetivo	cambuta	Baixinho; anão	A irmã mais nova da Márcia é tão djompila, ¹²¹ já ela é cambuta.
Makulu	Nome	Maculo	Hemorroide	Nos musseques a medicina tradicional funciona para o tratamento de maculo.
Kusabula	Verbo	Sabular	Falar atoa; trair um segredo	Ti zé quando chupa a mbeta começa a sabular. Tradução: Tio Zé quando consome álcool em

¹²⁰ Teresa Manuela Camacha José da Costa, *Umbundismos no Português de Angola: Proposta de um Dicionário de Umbundismos*, Universidade Nova de Lisboa, 2015, p. 104-170.

¹²¹ Djompila: vocábulo do calão angolano que significa alto/a,

				demasia, começa a falar atoa.
Kassumbula	Verbo	Cassumbula	Usurpar; tirar a força	Cassumbular o choco do avilo é uma atitude malaique. Tradução: Usurpar a namorada do amigo é atitude vergonhosa.
Ngonguenha	Nome	Ngonguenha	Resultado da mistura de farinha, leite e açúcar ¹²²	Na kuzú, ngonguenha tira do show. Tradução: na prisão a ngonguenha, safa (tira fome).
Dipanda	Nome	Dipanda	Independência	Por coincidência o dia da dipanda, é também meu aniversário.
Kandandu	Verbo	Candando	Abroço ritual mútuo dado na passagem do ano (réveillon)	Todos os finais do ano a família Nlombo reúne-se para dar candando a matriarca Paulina.
Kuzunga	Verbo	Zunga(r)	Vaguear; vender nas ruas, vendedor ambulante	Pedrito não para quieto, toda hora zungar.
Kuxinguila	Verbo	Xinguilar	Cair em transe	Descobrir traição causa xinguilamento.
Kuzongola	Nome	Zongola	Foqueiro; espião; tagarela	As vizinhas que passam o tempo a observar tudo pela janela são zongolas.
Dilamba/kulamba	Nome	Malambas	Tormentos; desgraças; problemas	Matias Damásio já disse: “canuca são malambas da vida”.

¹²² Amélia A. Mingas, *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Porto, Campo das Letras Editores, 2000, p. 99.

2.5. O período de pacificidade

A era da pacificidade é a consumação de um todo histórico caracterizado pelo belicismo não muito longe da Independência, que conseqüentemente apresentou défices na tentativa de consolidar a nação, uma palermice provocada por interesses políticos hipnotizados pela ganância dos umbigos e alimentaram discórdias que vieram resultar em conflitos armados que custaram milhares de vidas angolanas iniciados pouco depois da proclamação da *dipanda*¹²³, e que terminaram em 2022, ano em que se instaurou a paz em Angola. De lá para cá, as mudanças linguísticas foram fortemente perspicazes, marcadas pelos bilinguismos (português + línguas nacionais); também por um considerável número de população que já começava a ter a língua portuguesa como a do primeiro contacto (língua materna). Devido os benefícios da paz, é observável o crescimento significativo de falantes do português, sendo esta a língua veicular e de escolaridade. Esta nova era trouxe consigo uma geração nova com mais acessibilidade de informações e educação escolar. Ademais, dentro das interações e convivências sociais, a ascensão musico-cultural originária de Angola teve influência na propagação do calão, como se pode observar em títulos de músicas do estilo semba como “O Kambuá” (termo utilizado no calão, que significa cão), do músico Bonga Kuenda, “O Bajú” (bajulador), de Paulo Flores ou a kizomba “Mboa Ana” (recapitulando, mboa significa mulher, dama), de Matias Damásio.

Dentre os estilos *semba*, *quizomba* e *tarraxinha*, o *kuduro* foi o estilo que mais revolucionou o calão angolano, caracterizado como género musical do povo, das periferias, dos marginais, de indivíduos pouco instruídos, o que nos remete para a mesma conceção que se tem sobre o calão.

¹²³ Dipanda é um termo do PA que significa Independência

2.5.1. O calão no kuduro: Contributos e impugnações

A relação entre o calão, um estilo de linguagem e o kuduro, um estilo musical, é deveras estreita, tendo em conta os vários pontos em que convergem. O kuduro é um estilo erroneamente associado à marginalidade, geralmente relacionado ao vandalismo. É, por isso, uma temática controversa porque, por um lado, vários marginais, *staffs*, placas¹²⁴, grupos de pouca reputação artisticamente foram ou continuam a ser fazedores dessa arte. Tal como o calão, muitos gângsteres, grupos de delinquentes, traficantes e tantos outros utilizam-no, mas a questão que vem à ribalta é: será que todo o fazedor de kuduro é marginal? Ou ainda, todo o falante de calão é contrabandista? Acreditamos que não. Generalizar é que é uma ação marginal, um erro que subjaz na limitação e falta de pesquisa para chegar perto e apurar factos. O kuduro é um género musical com variados subgéneros, diferentes temáticas conforme Wakala e Wilper:

O Kuduro trata de vários assuntos (união, apelo a justiça, sofrimento, obscenidade, etc.), porém, é sobre a obscenidade de certa linguagem usada que se baseiam os argumentos que o recusam. Outros fundamentam essa rejeição baseando-se numa suposta pobreza temática, falta de criatividade, mediocridade, carácter efémero, linguagem e mensagens agressivas, associando-o à violência verbal ou delinquência¹²⁵.

O contributo de Martalanca visa conceitualizar o estilo. Cu+duro é a fusão de dois vocábulos que veio a resultar num movimento musico-cultural urbano de Angola durante as últimas décadas da guerra civil. Após a conquista da paz, foi-se difundindo em festas noturnas, discotecas e raves nos centros da cidade da *Nguimbi*.¹²⁶ Devido à combinação de estilos como techno, batidas *afro-house*, marimba e ritmos tradicionais angolanos, transbordou da urbe para as periferias e posteriormente expandiu-se por Angola inteira, tocado e apreciado em vários cantos do continente africano e, nos dias que correm, vai triunfando no mundo, abrindo caminhos para sua internacionalização.¹²⁷ O kuduro é mormente cultivado em português intrinsecamente da variante angolana. Todavia, existe uma tendência de hibridização nas composições musicais, rebuscando palavras ou expressões idiomáticas do PA incorporando com as do CA. Em outros casos, há composições em que se constata 90 % das letras escritas em calão, outras ainda de subcategorias do mesmo. Entretanto, é importante destacar essas afiliações para se fazer entender que a evolução e enriquecimento desta linguagem falada em Angola foi também revolucionada pelos kuduristas Pelo impacto que o estilo teve em todo território

¹²⁴ Placa: é um termo do calão angolano que significa: pousada, lugar onde os jovens se reúnem para apreciar o dia ou realizar atividades como: jogos de azar, divertimentos, consumo de drogas ou álcool, lavagens de carros, vendas informais e até mesmo assaltos.

¹²⁵ Wakala Isaac Manuel Muzombo, *O Kuduro Concretizações Literárias à Margem*, Universidade de Évora, 2020. p. 3.

¹²⁶ Nguimbi: vocábulo utilizado no calão angolano para se referir a cidade capital, Luanda.

¹²⁷ Martalanca, I Love Kuduro— From Angola to the World, Revista Buala, 2013. Disponível in: <https://www.buala.org/pt/da-fala/etiquetas/kuduro> (acesso 17/05/2022).

nacional, funestamente a base elementar da regência cultural angolana é movediça de se guiar e inconsequentemente vem apresentando ineficiência relativamente aos cumprimentos das suas reais tarefas, porque não é possível um ministério deixar escapar ou obliterar-se das pertinentes contribuições musicais, literárias e das diversas artes que sobrevivem sem impulsionamentos e se mantêm graças ao esforço incansável, à entrega dos próprios artistas. O kuduro é dos géneros musicais mais afetados, não lhe sendo dado o devido reconhecimento quando, na verdade, é uma das manifestações rítmicas que contribuíram para o arranque da internacionalização da angolanidade, assumindo-se como meio de identidade e identificação; contribui como música de intervenção social combatendo atitudes ostracistas e atos discriminatórios que insemینam tribalismos entre angolanos e que, desde cedo que vem se apresentando, tal como o calão, como um estilo de unidade e unificação, uma união muitas vezes entretida e apreciada na famosa “dança da família”. É. por conseguinte, uma forma diferente de comunicação que originou diversas tendências de linguagens em que os artistas, devido à sua criatividade, foram implantando subgéneros no calão, conforme ilustração abaixo:

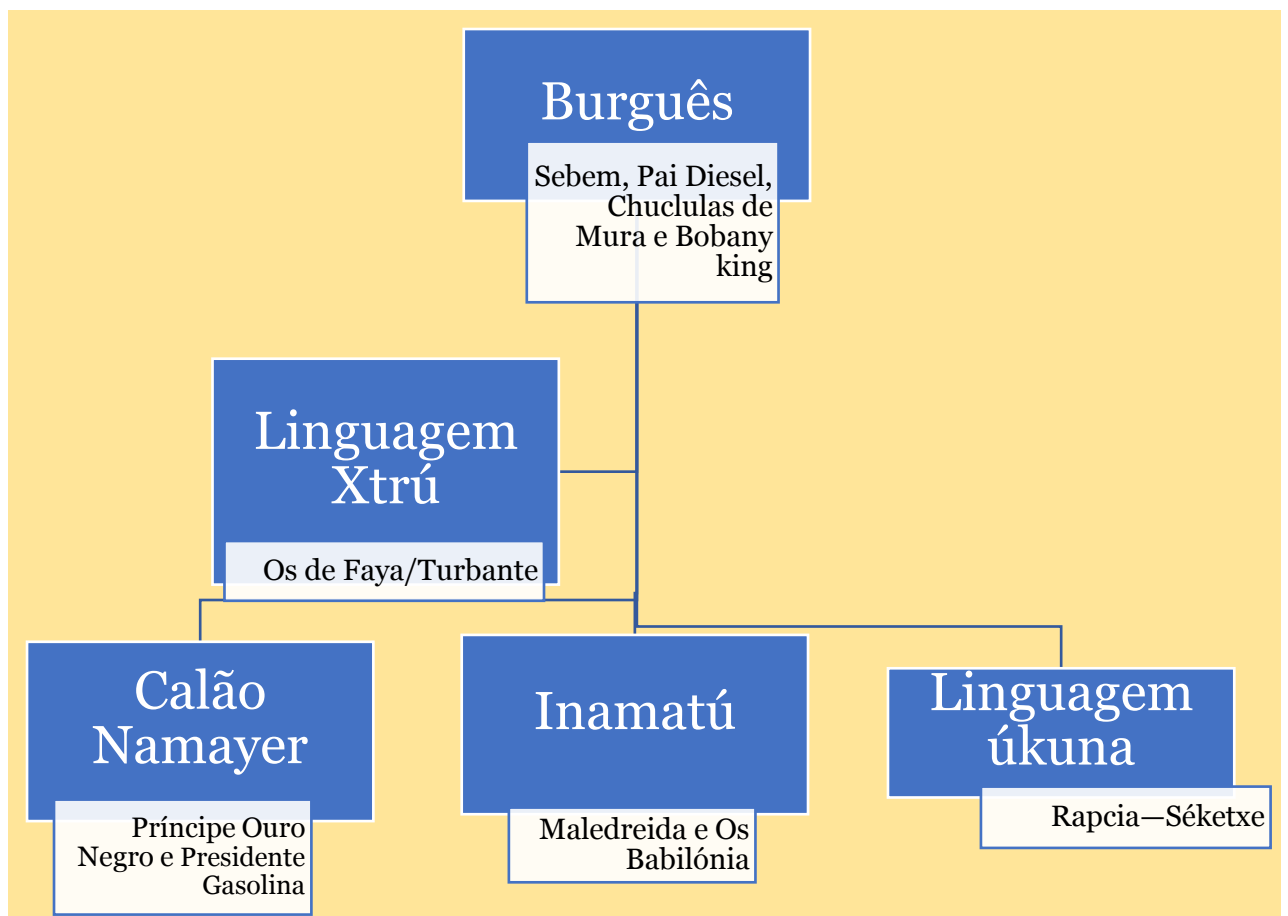


Figura 6 - Subgéneros do calão angolano influenciados pelo estilo kuduro.

2.5.2. Subgêneros e percussores do calão angolano influenciados pelo estilo Kuduro

2.5.2.1. Calão Burguês

O burguês é um subgênero do calão angolano que tem como percussores Sebem, co-fundador do estilo kuduro, juntamente com Tony Amado, pela criatividade do calão falado por Sebem, Pai Diesel, Chuclulas de Mura e, na altura, pelos bailarinos Luz que Brilha e Bobany King, que rebuscavam as dicas do Sebem e inventavam termos. Era como segurar os diamantes do Sebem e lapidá-los em preciosidade. O kudurista Bobany King deu continuidade ao burguês, não só como música, mas como uma língua que acompanha o seu estilo de vida. É, por isso, considerado por muitos o rei do burguês, criando uma linguagem que consiste em aplicar um português avulso, adulterado lexicograficamente, utilizando palavras e frases hibridizadas com neologismos, estrangeirismos germânicos e lexemas das línguas nacionais com estilos de linguagens improvisadas e inventadas pelo próprio artista. Apresentamos um exemplo da linguagem Bobaniana (burguês): “diu escalindorio pá todo pipogare que fez o acordilho e agradeceu ao Nzambial, mbora fazer o buliskoyo neralebo¹²⁸ de kunanguska (dia entusiasmado para todo pessoal que acordou e agradeceu a Deus, vamos embora fazer as atividades laborais. Não vale ser desocupado). Nesta frase, a hibridização ocorre em palavras de um português visível como “todo pessoal” e um português avulso, modificando “diu” em vez de “dia” e “acordilha”, em que é escamoteado o pretérito perfeito do indicativo do verbo “acordar”, acrescentando partículas na sua terminação natural. Verificam-se também os estrangeirismos de origem germânica como *people* (pessoas), transfiguradas em burguês “pipogare”. Sublinhe-se a terminação em “gare” que influenciou a Família Agre, um grupo de kuduristas que tem uma música intitulada “Sotogare”, a não confundir com a relação semântica das técnicas de pernas, “*o-soto-gari*” uma das quarenta técnicas básicas da arte marcial judo¹²⁹; sotogare, nesta linguagem, quer dizer soltura relativamente a prisioneiros, já que as penitenciárias eram bastante frequentadas por praticantes desse estilo, como fundamenta Rosa Camolaquenda: [...]alguns kuduristas não passam de delinquentes[...] andavam em caminhos nada saudáveis e tinham a cadeia como sua segunda casa, encontraram no Kuduro o conforto, a melhor forma para expressarem-se e acima de tudo passar o seu testemunho para que outros não se envolvam

¹²⁸ Neralebo: Expressão em calão-burguês que quer dizer “não vale a pena, de jeito nenhum, de modo algum”

¹²⁹ O que é o-soto-gari, Treinamento 24, Disponível in: <https://treinamento24.com/library/lecture/read/114766-o-que-e-o-soto-gari> (acesso 10/05/2022).

no mundo da confusão.¹³⁰ Observam-se ainda palavras oriundas das línguas nacionais, como “nzambe” (proveniente da língua kikongo, que, em burguês se pronuncia “nzambial”) e “kunanguska” (de origem kimbundu, “kunanga” é um termo utilizado para identificar uma pessoa desocupada – aquele que não tem ocupação, desempregado, preguiçoso) e outras extraídas do CA, como a palavra “mbora”, que sofreu o processo de supressão do fonema /e/ no início da frase, a que gramaticalmente designamos por aférese na conjunção concessiva “embora”. Aponta-se também “bulir”, que significa “trabalhar”, transfigurado para “buliskoyo” em burguês.

2.5.2.2. Linguagem Xtrú

Em conformidade com Wakala Isaac Muzombo, a linguagem xtrú é uma maneira de se expressar peculiar de um grupo fazedor do estilo kuduro localizado no município do Sambizanga, que se designava “Os Turbantes”. Estes foram os que, por intermédio da música intitulada “De Faia”, que teve bastante sucesso a nível nacional, divulgaram e popularizaram esta linguagem. No entanto, a invenção da linguagem xtrú é atribuída ao Rei Panda, membro dos Defaia, que escrevia as letras d’Os Turbantes).¹³¹ O impacto de um código minoritário teve um impressionante *boom* Por consequência, todo o país acabou por aprender esta variante do CA, que em homenagem à popularidade alcançada, o grupo Os Turbantes passou a designar Xtrubantú, que revolucionou uma simples gíria de um grupo musical para um calão veiculado no seio juvenil de Cabinda ao Cunene.¹³²

Disserta Wakala Isaac Muzombo, na sua tese *O Kuduro – Concretizações Literárias à Margem*, que a origem da linguagem xtrú não é derivada do português padronizado, mas do calão angolano, funcionando como variante peculiar que nasceu de outra linguagem peculiar. Regra geral, a linguagem xtrú aplica-se ou identifica-se quando os vocábulos auferem os sufixos “obra, ntú e ndú”. Observemos os seguintes exemplos:

Do português: Sai daqui. Há conspiração contra ti!

Do calão: Tira/sai voado porque estão a te lember.

Da linguagem Xtrú: Titari xú, tão ti lambú.

A linguagem Xtrú serve também para designar nomes comuns:

¹³⁰ Rosa Camolaquenda, “O Kuduro e a Moda” Mwelo Weto, 2018. Disponível in: <https://mweto.wordpress.com/2018/08/07/o-kuduro-e-a-moda/> (acesso 12/05/2022).

¹³¹ Wakala Isaac Manuel Muzombo, *O Kuduro Concretizações Literárias à Margem*, Universidade de Évora, 2020. p.170.

¹³² *Ibidem*, p. 170.

Do Português: Pai

Do calão: Padilo,

Da linguagem xtrú: Padilobra

Do Português: Panda

Da linguagem Xtrú: Katipandobra, Katipandú.

Do Português: fala então;

Da linguagem Xtrú: Fala intú.¹³³

2.5.2.3. Linguagem namayer

A linguagem namayir teve como fundadores os kuduristas Príncipe Ouro Negro e Presidente Gasolina. O kuduro, como realçámos anteriormente, é caracterizado pela versatilidade, uma originalidade acompanhada pelo espírito de diferença. Desse modo os seus praticantes usufruem da liberdade artística para enraizar princípios de “mandar lixar”, expressão idiomática do calão matriz que literalmente significa “não se importar” com os julgamentos que a sociedade tem feito, pelo feitio desigual que cada kudurista apresenta; para eles, quanto mais distanciados dos *clichés*, aspetos, vestuários, linguagens e visuais comuns, melhor, uma vez que a peculiaridade é o pormenor que os define. Deste modo, nasceu a linguagem namayir, ridicularizada aquando do seu surgimento (linguagem bizarra), e que atualmente transcendeu para um calão que encanta, cativa e transmite alegria pela sua índole humorística. Por intermédio da música e pela força da internet, o namayir rompeu barreiras, sendo hoje também falado no Brasil. Diferente da linguagem Xtrú, é derivada do português padrão, embora os seus vocábulos sejam adulterados fonética e morfológicamente ocorrendo mudanças em trocas de vogais frequentemente marcadas por hiatos e ditongação. Vejamos:

¹³³ *Ibidem*, p. 170.

Tabela 8- Calão namayer e tradução para português¹³⁴

Calão namayer	Tradução em português
A nuaite é tão escuaira, no vuaiju nenhuma estruaila no *çueu, mes olhando para o *çueu eu vuaiju uma estruaila na tuairra ¹³⁵ .	A noite é tão escura, não vejo nenhuma estrela no céu, mas olhando para o céu eu vejo uma estrela na terra.
Hoje é meu aniversério, tô de parabuais... ai minha vuaida!	Hoje é meu aniversário, estou de parabéns...ai minha vida!
Tudo pelo kuduairo	Tudo pelo Kuduro
As selvas de pelmas	As salvas de palmas

2.5.2.4. Linguagem Inamatú

A linguagem inamatú foi uma forma de expressão nas zonas do Murro Bento, que popularmente ficou conhecido por Murrão e se estendia até ao Kina, bairro trivialmente conhecido por Kinaxixi. É uma forma de linguagem inventada por grupos fazedores de kuduro gângueter MD (maledreida) e os Babilónias, divulgada pelos cantores Baga Fox e Jayz-P, que tinham como rivais os Alamedas de Bruno M, duas alas melindrosas que movimentavam a cidade de Luanda em termos de lutas de gangues. Um dos motivos que faz quem que o kuduro seja visto como um estilo marginal é, conforme Rosa Camolaquenda:

O Kuduro é também conhecido como um estilo de música repleto de emoções, desde divisão de bairros, polémicas, beefs, à confusão entre Municípios e lutas. O Kuduro é um estilo de dança e música que foi quase sempre marginalizado, tudo isso devido aos antecedentes dos seus fazedores. Muitos dos Kuduristas antes de começarem a cantar eram delinquentes.¹³⁶

As características desta linguagem gangster são fortemente marcadas não só pela influência da linguagem xtrú em terminações em ntú e atú (como o próprio nome indica) mas por palavras rebuscadas do calão matriz¹³⁷. Outra característica da linguagem em destaque são os frequentes anagramas, ou seja, a inversão ou transposição em forma de jogos de letras que acabam por resultar em outro léxico. Podemos observar isso nos casos de ave/Eva; marreta/aterram,¹³⁸ deste jeito exemplificando frases em inamatú como:

¹³⁴ Fonte: Príncipe Ouro Negro em Fly podcast.

¹³⁵ Príncipe Ouro Negro, Para Xofela com muito amor, Fly Podcast, Luanda. 2022 Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=qjkUSCGMcBU&list=WL&index=4> (acesso 12/05/2022).

¹³⁶ Rosa Camolaquenda, "O Kuduro e a Moda" Mwelo Weto-Literatura, Linguística e Cultura Africana, 2018. Disponível in: <https://mweto.wordpress.com/2018/08/07/o-kuduro-e-a-moda/> (acesso 13/05/2022).

¹³⁷ Tendo em conta aos subgéneros do calão, designamos por calão matriz ao calão angolano em geral.

¹³⁸ S/L. António Galrinho, *Palíndromo e Anagramas*, Grafismo, 2010. p. 4-7.

Lobo fofo= bolo fofo, frase em CA geralmente usada para designar um indivíduo pouco inteligente zombado por outros e usado como fantoche, marionete. “Isa dovoa” (sai voado) é uma expressão sinónima do verbo “bazar” (ir-se embora; deslocar-se) em calão. Porém, esta usa-se em casos especiais que envolvam infrações ou crimes como técnica de fuga ou então consiste em esquivar “makas” (problemas), retirando-se sem que os envolventes percebam (evitar ser cúmplice).

Influência da linguagem xtrú: Xé! ti mantú, ferida prá nós é tatú

Tradução: Oi mantenha-te calmo, ferida para nós é como se fosse tatuagem.

Do calão matriz (CA): Tô bem trabucado meto condeco bem debandado.

Tradução: Estou armado, meto os tolos desatentos a correrem dispersos.

Recolha de vocábulos organizados em ficha lexicográfica

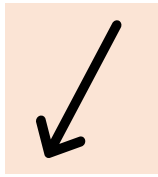
Tabela 9 - Inamatú/CA e tradução para português

Inamatú/ CA	Significação em português
<ul style="list-style-type: none">• Xé!• Ti mantú• Prá• Tatú• Tô• Trabuco• trabucado• Condeco• Mantegar• Borrachar• Kebe	<ul style="list-style-type: none">• Interj. Oi, oié! ei!• v. manter-se• Prep. para• estrangeirismo: tattoo; tatuagem• v. estar• n. arma, pistola; revólver• adj. Munido; armado• adj. Tolo, desatento, totó; burro.• v. manter-se• v. trans. Idiotizar, tratar alguém por burro• n. coisa, objeto

2.5.2.5. Linguagem úkuna

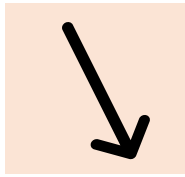
A linguagem úkuna é a mais recente variante do calão angolano, sendo a única que não provém do kuduro, mas do rap, mais especificamente, do grupo Séketxe, que surgiu no mercado angolano no ano 2020. Julgamos ser esta linguagem a mais acessível em termos de compreensão porque são palavras do português que sofrem ligeira modificação, substituindo-se simplesmente as terminações por “-úkuna”. Por exemplo: “Tropa” é equivalente à “tropúkuna”, “partir equivale a “partúkuna”, “bater” verte para “batúkuna”, assim sucessivamente (ex.: “ninguém para a tropúkuna porque a matanga no tá desistúkuna, Ngana tá protejukúna”, o que significa “ninguém para a tropa, porque a malta não desiste. Deus tem protegido”).

Calão



- Linguagem marginal
- Falantes: pouco instruídos
- Desvio à norma
- Periféricos, povo
- Linguagem informal

ku duro



- Música marginal
- Praticantes: classe social baixa
- Carácter obsceno
- Estilo dos guetos
- Música informal, vulgar

2.6. O calão na literatura angolana: Frequência de uso e símbolo de pertença em *Os transparentes* de Ondjaki

A literatura angolana é historicamente linear no que se refere aos aspetos de periodização, assim como tantas outras literaturas existentes no mundo. Em síntese, os primeiros ecos desta originaram de uma literatura tradicional de veiculação oral (oratura) de cariz educativo e transmissão de valores, hábitos e costumes, sendo posteriormente marcada por uma escrita de temática relacionada ao país num panorama histórico-político colonial, como a renúncia às práticas de imposições retratadas no poema “Renúncia impossível”, de Agostinho Neto, que exprime a realidade repressiva da colonização recorrendo à negação como tática de resistência e à necessidade de fixação da consciência, libertação e reconhecimento. Outras temáticas de coadunação de denúncias e resistências verificam-se em “Monangamba”, de António Jacinto, bem como em diversos contributos da literatura de militância e nacionalismo, que vieram dar resposta a uma pátria desprendida que consistiu nos enseios da construção da nação e sua respetiva afirmação identitária. Entretanto, num período pós-independência, vários autores desta época não descartaram o estilo anterior de se fazer arte literária; pelo contrário, deram continuidade à mesma veia, tanto que muitos da geração de 70 também escreveram, em línguas nacionais, contos, fábulas, romances e poemas que reivindicavam os hábitos do passado regime colonial, que se viriam a repetir no regime neocolonialista. Aborda-se, nessas obras literárias, a questão interna da má gestão do erário público e a prepotência de um governo que era suposto ser por Angola. Figuras da literatura angolana, como Ondjaki, praticam uma literatura de intervenção social face

a dificuldades como fome, desorganização, corrupção, ostracismos e o distanciamento abismal entre ter em abundância e nada ter.

“Os Transparentes”, de Ondjaki, é um exemplo de romance que descreve Angola tal como ela é, sem filtros. Traça um autêntico retrato social da realidade quotidiana, na medida em que Luanda, assim como as urbes de outras províncias, está cercada de guetos, periferias e muitas centralidades que aparentam ter uma infraestrutura saudável mas acarretam défices como problemas de águas potáveis, constantes cortes de energias, escassez de higiene, necessidades de alimentação que levam a furtos, pouca iluminação nas ruas, elevado índice de criminalidade, negócios clandestinos, estradas esburacadas e a sorte de alguns moradores que calham em circunvizinhança de políticos supostamente importantes, porque zonas habitáveis por estes são às que mais se presta atenção, raramente se verificando as anomalias e dificuldades que as personagens de *Os Transparentes* vivem. São transparentes porque, por exclusão, ninguém os vê. Refletindo a descrição realística e autêntica da sociedade, o aspeto que mais nos chamou atenção foi o recurso, sobretudo, a uma linguagem com semblante angolano de se falar português, com a inserção do calão na conversação entre personagens a apimentar a originalidade de se fazer literatura nacional:

— Eu sei, Baba: estou a ficar transparente!

CienteDoGrã, o filho mais velho de Odonato, há já alguns dias que dormia na casa do seu amigo ZéMesmo, lá iniciavam o dia com um longo cigarro de liamba dividido entre sorrisos e café não ficava longe do prédio o anexo que ZéMesmo alugava do outro lado do Largo Da Maianga, perto do Palácio Presidencial

Era num outro prédio, mais baixo, habitado sobretudo por pessoas da comunidade rasta de Luanda, ZéMesmo já havia pertencido a essa comunidade, no tempo em que ainda não era delinquente profissional

— Meu — começou ZéMesmo — viver aqui ao pé do chefe é que cuia, nunca falta água nem luz, qual gerador é esse? nem precisamos! é só a luz bazar, toda a cidade às escuras, e nós nada!, tamos se bem mesmo. quando o kota veio morar aqui no palácio, batemos palmas, nossa fezada

— Ya, ouvi dizer... — CienteDoGrã abria os olhos com dificuldade

— Maka só, que estou com ela, é o azar, num sei se é de nascença ou quê, o azar anda a me acompanhar, os biznos num andam a dar certo. gamo, sou apanhado, tento gamar, me dão porrada. gamo, num consigo despachar o material. ara chiça, omé!

— Ya, tou a ver

— Num tás a ver merda nenhuma, porque você num sabe fumar, fica logo liambado, mas num tem maka, agora eu vou te orientar num mambo que tenho aí... puro bizno, mas tu é que vais comandar as operações

— Pode ser

— Mambo duma loja... tenho lá os putos que lavam os carros, já me passaram as informações, o dono da loja vai passar fim de semana a Benguela, dois guardas boelos, a malta faz o golpe nas calmas

— Gamar comida?

— Qual comida, não fica boelo também... a loja é só dum coro, o gajo lá dentro faz câmbio de dólares, e agora o euro é que tá a ficar doce, tás a ver a coisa?

— Ya, tou a ver

— Num tás a ver merda nenhuma, mas não tem maka. dou-te as orientações, e ficas doze horas sem fumar, para estares nos conformes da “Operação Cardoso”

— Ah, mas já são doze horas?

— Epá, tás muito grosso, depois falamos, mas vais ter de conseguir uma baba

— Ya, num tem maka, falo com uns primos

CienteDoGrã há meses que não aparecia em casa antes, num período um pouco mais equilibrado, pontuado aqui e ali por pequenos furtos, telemóveis, pneus, grelhas de jipe, roubos na praia, era comum aparecer na casa do pai aos domingos para fazer uma boa refeição, aos poucos a

situação piorou e os membros da comunidade rasta, que sabiam da existência do pai, preveniram Odonato da degradação de Ciente foi expulso da comunidade por não cumprir grande parte das regras e por ter desviado fundos destinados às comemorações anuais, ninguém lhe tocou, apenas foi expulso sob fortes ameaças, por respeito, sobretudo a Odonato

– O kota sabe, nós temos respeito pelo kota, mas ele não pode mais aparecer lá.¹³⁹ ~

Neste pequeno excerto, Ondjaki poderia ter utilizado uma linguagem literária cuidada, com um estilo lexical conforme a norma exige, espelhado no português padrão europeu. Porém, o autor, por retratar a realidade angolana, preferiu imergir nos falares à moda mwangolé, não só do calão, mas também do próprio PA, verificado principalmente nas falas dos personagens que representam o angolanismo puro, em interjeições que assinalam: (i) a forma em que admiramos (“epá!”, “ara chiça, omé!”), indicando sentimentos de insatisfação; (ii) a maneira como economizamos a língua (“ya tou a ver”, “O euro é que tá a ficar doce, tás a ver a coisa?”); (iii) a cultura de iniciação frásica com nomes/substantivos, suprimindo o artigo que o antecede e a situação dos erros de concordância (“maka só que estou com ela”, “qual gerador é esse?”). De forma sucinta, segue abaixo o conjunto de expressões em calão extraídas no excerto do romance *Os Transparentes*, de Ondjaki:

Tabela 10 - A inserção do calão na literatura angolana¹⁴⁰

Léxicos do CA <i>n’Os Transparentes</i> de Ondjaki	Significação no português padrão
Liamba/ diamba	= estupefaciente, erva
Cuia, cuiar	= referente a algo agradável, saboroso, prazeroso, muito bom!
Bazar	Ao contrário dos mercados ou lojas dos países orientais, bazar no calão angolano significa ir-se embora, ou deslocar-se, mas pode também significar desaparecimento, algo que pode ser retirado ou mesmo falecimento(curvar). Exemplo: <i>O coroa quinguila da esquina que trocava kumbú bazou na madrugada de hoje.</i> Tradução: O mais velho que fazia câmbio de notas (dinheiro) acabou por falecer na madrugada de hoje.

¹³⁹ Ondjaki, *Os Transparentes*, Companhias das Letras, São Paulo, 2013, p. 31-32.

¹⁴⁰ *Idem, ibidem.*

Fezada/casola	É uma expressão idiomática do CA que consiste em manifestar felicidade em dar-se bem em algo inesperado, o mesmo que sorte
Gamar	Os termos: gamar, aguentar, tramancar e privar são expressões usadas no calão angolano para se referir a aquisição de bens de outrem de maneira esforçada, furto, roubo.
Liambado/ diambado	O mesmo que ganzado, mocado em Portugal e pedrado no Brasil— são adjetivos atribuídos aos usuários de estupefaciente que fumam e são notáveis os efeitos da substância
Mambo	É um vocábulo originário do kikongo usada no CA, plural de diambo que significa “algo” ou coisa, pode também significar problema dependendo do contexto.
Puto	Diferente do brasil que diverge semanticamente o termo “puto” referindo-se a zangar-se, estar chateado/a, enervar-se etc. maior parte da lusofonia usa o termo no sentido de garoto, miúdo, jovem, rapaz ou mesmo filho.
Boelo/buluzento	É uma palavra proveniente do kimbundu, transladado para o calão angolano significando pessoa pouco inteligente, burro, estúpido.
Só dum coró	Expressão idiomática do CA polissémica, mas dentre várias aceitações pode significar disfarce, como se não estivesse a passar nada, fingir não fazer quando se faz, simular ou querer fazer passar por despercebido
Ficar doce/adoçar	Significa animação, apimentar o clima ou ver as coisas a melhorarem de um jeito surpreendente a correr tudo tão perfeitamente em alguns contextos pode também significar “cuiar”
Baba/trabuco	São termos do CA que significam revólver (arma de fogo), entretanto, baba também pode ser usado para se referir a agente policial

Operação Cardoso	É comum em português angolano e o CA os falantes inventarem ou atribuírem um código para alguma ação sigilosa no sentido de preservação de identidade caso as coisas não corram bem.
Bizno	Negócio geralmente clandestino realizado de forma ilegal
Gajo	Indivíduo indeterminado, cujo nome não quer ser mencionado. É similar as situações que designamos por fulano, tipo, sujeito.

CAPÍTULO III— Análise de Usos Linguísticos com Calão do Português Angolano vs. Calão do Português Europeu

3.1. Os riscos de inadequação nos usos do calão em fase experimental-adolescente.

O uso linguístico do português tem-se adulterado gradualmente por falantes com dificuldades de equilíbrio entre padrão e calão. Acontece frequentemente, em fase experimental, que boa parte dos adolescentes, pela convivência, se vão enraizando em linguagens próprias da idade juvenil, como o calão, sendo um grande desafio desapegar-se delas ou ter algum equilíbrio, separando contextos formais da linguagem popular de que vai criando hábitos. Os mais novos, por exemplo, usam “stor” para tratar os professores, criando interferências causadas por inadequação entre o padrão e o calão, e abrindo parênteses aos contras (desvantagens) por falta de domínio contextual entre a linguagem da moda, com os amigos do colégio, e um registo mais formal; um léxico mais inapropriado é usado na mesa de jantar, por exemplo, com os pais, em situação de manifestação de rebeldia e, mais tarde, em defesas de trabalhos académicos ou em entrevistas de emprego, os vícios de linguagem deixam de poder ser contidos. Sobre adequação, é importante o amoldamento contextual, o domínio, a competência discursiva e a noção dos riscos que a falta destes pode causar. São várias as dificuldades em colmatar problemas em adolescentes que, para dar alguns exemplos, misturam em redações vocábulos colonizados com português padrão, ou que, no tribunal, deixam escapar expressões indevidas durante o julgamento; há também pedidos de uma firma consagrada no mercado para apoiar um projeto com vocábulos descabidos, e situações há em que, devido à maneira de se dirigirem a uma entidade em conversação oral com um registo desacertado, acabam por passar uma impressão inconveniente. Estas e tantas outras desvantagens têm incongruamente desprestigiado o calão no quadro social. É necessário que tomemos consciência sobre como influenciar a camada púbere sobre os diferentes usos do calão, já que este também é possuidor de níveis. Curiosamente, existe calão leve, que consiste em articular palavras de uso normal, aquelas expressões que, bem selecionadas, poderíamos empregar normalmente, como “porreiro”, “fixe”, “bué”, “bacana”, “ya”, “sem makas”, entre outras. Existe o calão de expressões bastante duras, que, pelo carácter obsceno e elevada carga de significação, deveriam evitar-se ao máximo, uma vez que implicam palavrões. Existe também aquelas maneiras expressivas de calão

impactante, mas que se tornam amenas devido ao grau de intimidade, camaradagem e familiarização que surge entre amigos, parentes ou em relações conjugais, já que expressões pesadas podem tornar-se leves. Por exemplo, os vocábulos “caralho”, “porra” e “foda” são unidades lexicais obscenas, mas, se as analisarmos numa perspetiva conversacional que envolva bastante intimidade, despem-se da índole ultrajante. “Porra” pode possuir o valor de interjeição que expressa admiração; “caralho” pode converter-se em advérbio de intensificação quando este é remetido a enaltecer um amigo, e “foda” como sinónimo de bonito (por exemplo: “Porra! Bro, essa tua jaqueta é foda para caralho”). Em usos linguísticos correntes, é uma frase que consiste em elogiar de maneira íntima alguém muito próximo (“Uau! Amigo, essa tua jaqueta é muitíssimo bonita”). É tudo uma questão de adequação, intenção e grau de proximidade.

Sobre os três níveis de calão, o ponto seguinte apresenta o tratamento estatístico dos dados do inquérito elaborado por nós com o objetivo de recolher dados e analisar, entre falantes angolanos e portugueses, os seus domínios sobre expressões em calão e averiguar as que são por eles conhecidas e identificá-las tendo em conta o uso quotidiano, separando três alíneas: a) bastante duras, b) palavras leves e c) palavras fortes.

3.2. Gestão estatística de dados e descrição da amostra

3.2.1-Gráficos e recolhas preliminares:

- Total de inquéritos — 114, dos quais 81 a angolanos e 33 a portugueses;
- Língua materna predominante— 68,1%: português

3.2.2. Sexo

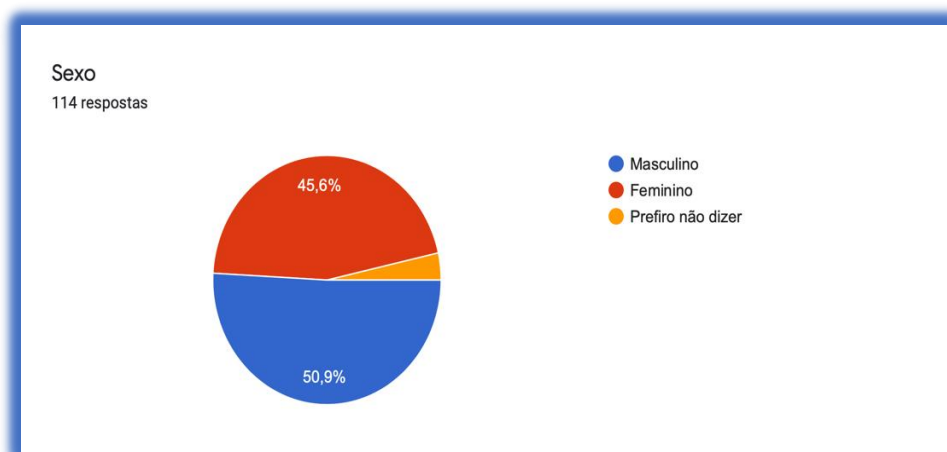


Gráfico 1 - Sexo

A partir dos resultados obtidos do gráfico preliminar referente ao gênero, 58 inquiridos são do sexo masculino (estatisticamente 50,9%, o que corresponde a uma fatia ligeiramente mais alta de respostas) e 52 inquiridos são do sexo feminino (com a percentagem de 45,6%) . 4 inquiridos preferiram a não identificação do gênero sexual, correspondendo a 3,5% da amostra.

3.2.3. Profissão

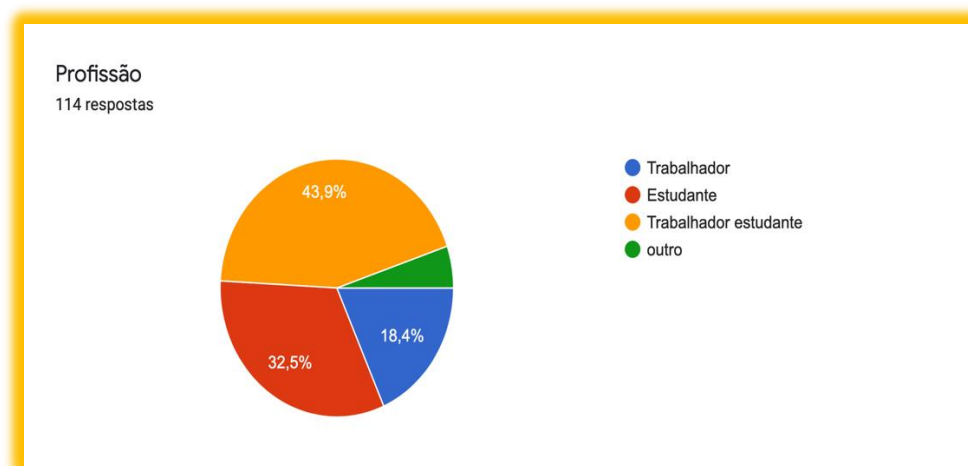


Gráfico 2 - Profissão

Relativamente ao segundo gráfico preliminar referente à ocupação profissional dos inquiridos, a maior quantidade de respostas obtidas foi de 43,9%, preenchidos por 50 trabalhadores-estudantes. Segue-se uma fatia de 32,5%, preenchida por 37

estudantes, 18,4% são trabalhadores e 5,3% é preenchida por 6 pessoas correspondentes a outros estatutos.

3.2.4. Idade

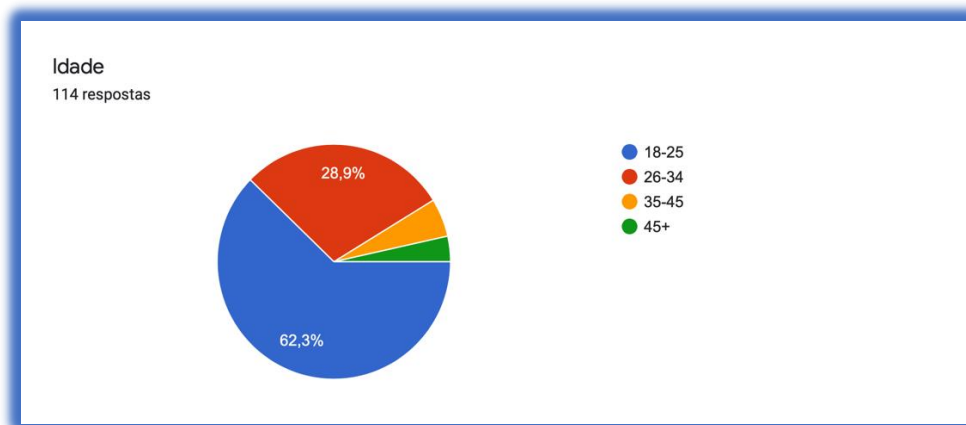


Gráfico 3 - Idade

Neste terceiro gráfico preliminar, procuramos averiguar o uso do calão quanto à faixa etária, e conseguimos buscar resultados eficazes dos intervalos de idades mais envolventes ao calão, tendo apurado 71 jovens de idades entre 18-25 anos, equivalendo a 62,3%, e 33 jovens de faixa etária entre 26-34 anos, que correspondem a 28,9%; 5,3% são inquiridos com idade entre 35-45, e 3,5% encontram-se acima dos 45 anos de idade.

3.2.5. Recolha de vocábulos em CA e CE (respostas mais frequentes em inquéritos).

Tabela 11 - Recolha de vocábulos em CA e CE

angolanos	portugueses
Cerveja =birra.	cerveja= jola.
Vestir-se bem= Dripar/grifar.	vestir-se bem= trajar.
Asneiras= merdas.	asneiras= merdas.
Fã= panco.	Fã= admirador.
A polícia prendeu a maconha = A bongó privou a diamba/bula.	A polícia prendeu a maconha= A bófia prendeu a erva.
Mãe= mamote; Kota.	Mãe= cota.
Traiu=espetou chifres.	Traiu= corneou.
Fico irritado= fico fodido.	Fico irritado= passo-me.

3.3—Gráficos de recolhas léxico-semânticas: a carga das palavras e seus significados

3.3.1. Caso 1 — “Puto, essa bunda não é para o teu camião”

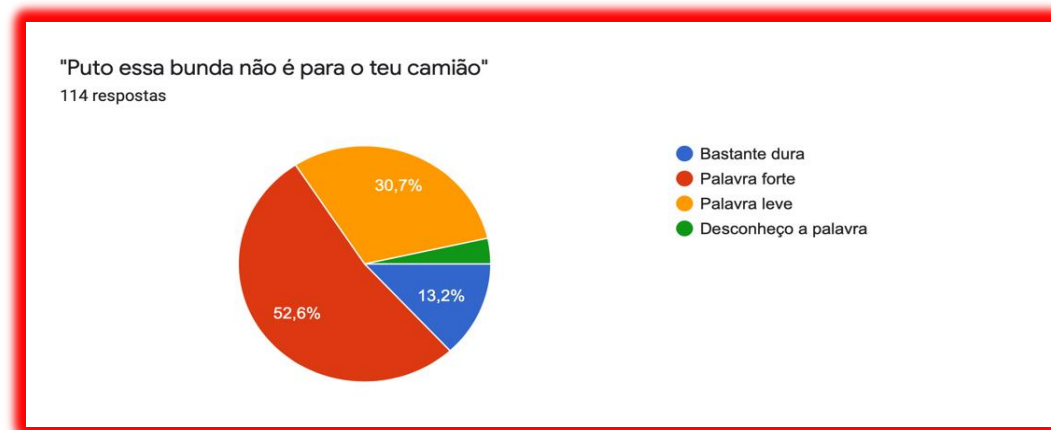


Gráfico 4- “Puto, essa bunda não é para o teu camião”

A trivial frase “Muita areia para o teu camião” transmite a ideia de não se estar à altura de algo superior por que nos atrevemos criar desejos. Comumente empregue em registos vulgares, tem a significação de “outro nível”, “demasiada carga”, mas nossa real intenção é aferir se a frase é conhecida entre as comunidades de falantes angolanos e portugueses e se for, qual é a carga das lexemas que a constroem. Mediante os dados recolhidos, 60 inquiridos, que correspondem a 52,6%, consideram-na uma frase com palavras fortes, ou seja, que poderiam ser usadas, mas em ambientes intimistas. Por outra, 35 pessoas classificaram-na frase com palavras leves, representando a percentagem de 30,7%; adicionalmente, 13% dos inquiridos consideram-na uma frase com expressões duras e 3,5%, que corresponde a 4 pessoas, desconhecem o significado dessa construção frásica em calão.

3.3.2. Caso 2 — "Estar-se / Tar-se a cagar (tô me a cagar, caga nisso)"

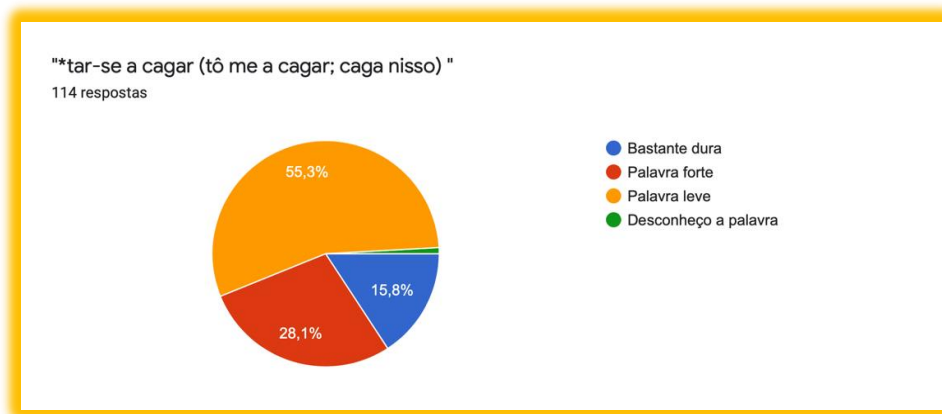


Gráfico 5 - "Estar-se / Tar-se a cagar (tô me a cagar, caga nisso)"

"Tar-se a cagar" ("estou-me / tô-me a cagar, caga nisso") é uma típica frase do calão frequentemente usado em Portugal que acabou por influenciar o CA, significando "mandar lixar", "não se importar". Em termos de recolhas de dados, 63 inquiridos (55,3%) consideraram-na frase como sendo composta por palavras leves; 32 participantes (28,1%) classificaram as palavras como fortes; outros, 15,8%, que equivale a 18 inquiridos, assinalaram-na como frase com expressões bastante duras e apenas 0,1% (1 inquirido) a desconhece.

3.3.3. Caso 3 — "Catingueiro do caralho"

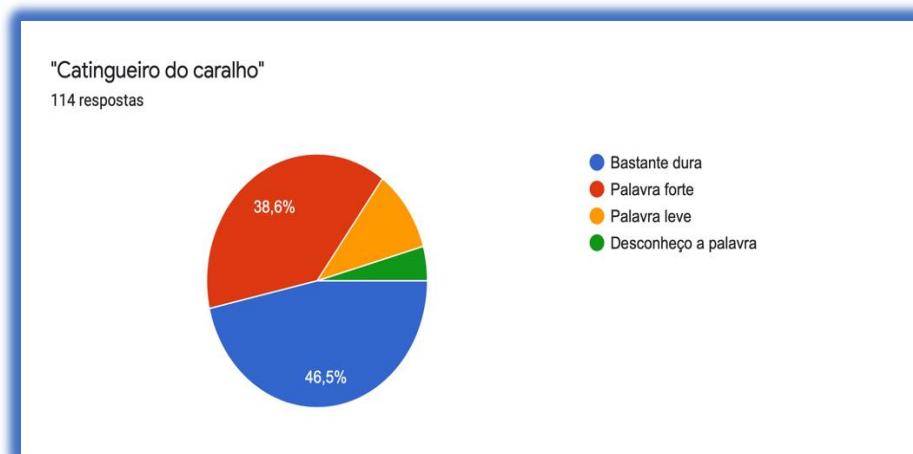


Gráfico 6 - "Catingueiro do caralho"

"Catingueiro do caralho", refere-se a um indivíduo malcheiroso. Além do palavrão "caralho", a expressão em si é frontal e bastante pesada e facilmente fere

sensibilidades, como os resultados demonstram: 53 pessoas (46,5%), correspondendo à maioria, assinalaram a frase como bastante dura, ou seja, dificilmente a usariam. 44 inquiridos (38,6%) consideram-na uma frase com palavras fortes; 12 pessoas (10,5%) classificaram a expressão como tendo palavras leves e 5 inquiridos (4,4) desconhecem-na.

3.3.4. Caso 4 – “Gajo que tchila até às seis horas da matina”

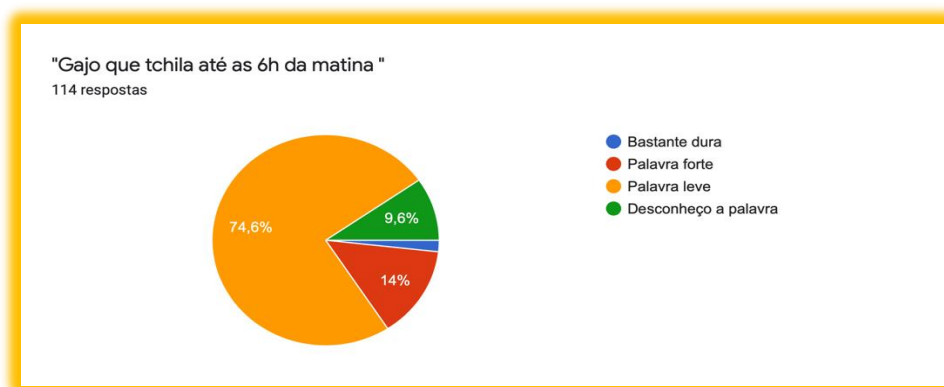


Gráfico 7 - “Gajo que tchila até às seis horas da matina”

“Gajo que tchila até às seis horas da matina” significa “indivíduo que bebe até as seis horas da manhã”. Esta expressão é maioritariamente considerada leve: 85 inquiridos, que em termos estatísticos correspondem a 74,6%, consideram a expressão leve; 16 pessoas (14%) assinalaram-na como forte; 11 inquiridos (9,6%) desconhecem-na; 2 pessoas (1,8%) classificaram-na como bastante dura.

3.3.5. Caso 5 – “Rata”

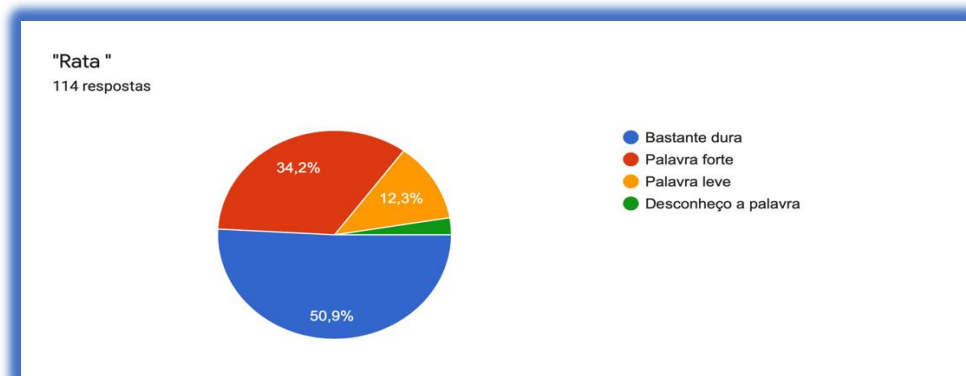


Gráfico 8 - "Rata"

“Rata” é uma expressão muito propensa a ser usada como palavrão, tendo em conta a carga semântica que a caracteriza. Não é daqueles termos que tomam total liberdade de

uso, embora se tenha tornado passível de ferir suscetibilidades pela grosseira maneira como se tem usado: referir, de forma pejorativa, o órgão sexual da mulher é um ato indelicado, pelo que se deve nivelar onde usar este termo, com quem o usar, quando o usar e como usá-lo. Entretanto, a maior parte dos inquiridos, ou seja, 58, que correspondem a 50,9%, classificaram-na uma expressão bastante dura; 39 pessoas (34,2%) consideraram-na palavra forte de se usar; 14 inquiridos (12,3%) assinalaram-na leve e 3 pessoas (2,6%) desconhecem-na.

3.3.6. Caso 6 – “Garina um coche atirada”

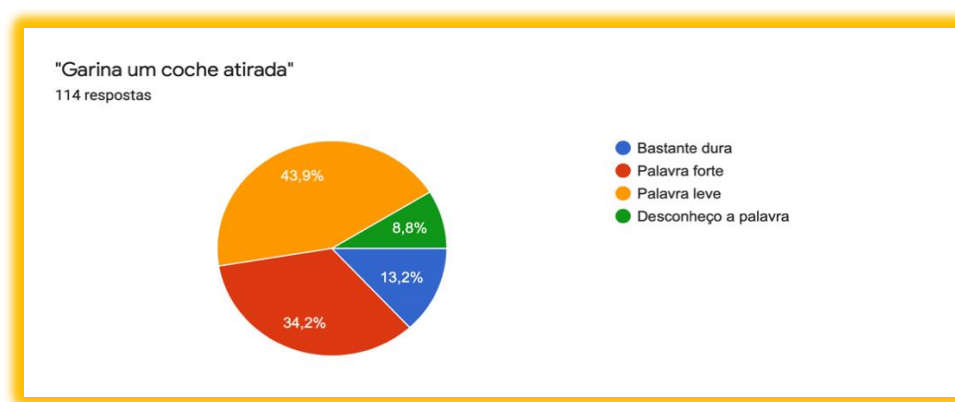


Gráfico 9 - "Garina um coche atirada"

“Garina um coche atirada” significa “mulher um pouco fácil”. De acordo os dados recolhidos, foi uma frase maioritariamente considerada por 50 inquiridos (43,9%) como sendo composta por palavras leves; 39 respostas (34,2%) classificaram-na como com palavras fortes; 15 inquiridos (13,2%) assinalaram-na como com expressões bastante duras; 10 inquiridos, que correspondem a (8,8%), desconhecem tal construção frásica.

3.3.7. Caso 7 – “Bumbar é uma merda”

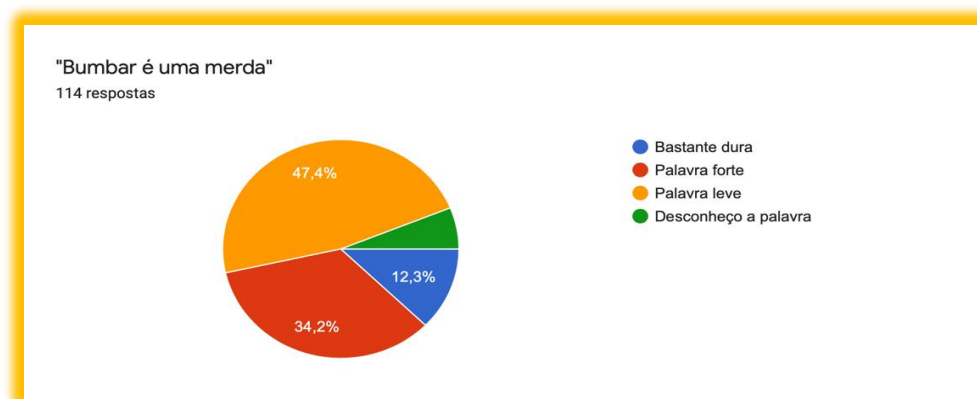


Gráfico 10 - "Bumbar é uma merda"

“Bumbar é uma merda” exprime a ideia de que “trabalhar é muito difícil e complicado quando o salário não compensa o tempo e o esforço”. Apesar de a expressão “merda” ser palavrão, vê atenuada a sua carga semântica quando incluída nesta frase. Pela atenuante significação, 54 inquiridos, que correspondem a 47,4% (ou seja, a maioria) consideram a expressão leve; 39 inquiridos (34,2%) classificaram-na como tendo com palavras fortes; 14 participantes (12,3%) assinalaram-na como frase com expressão bastante dura (“merda”) e 7 inquiridos (6,1) desconhecem-na.

3.3.8. Caso 8 – “Diamba”

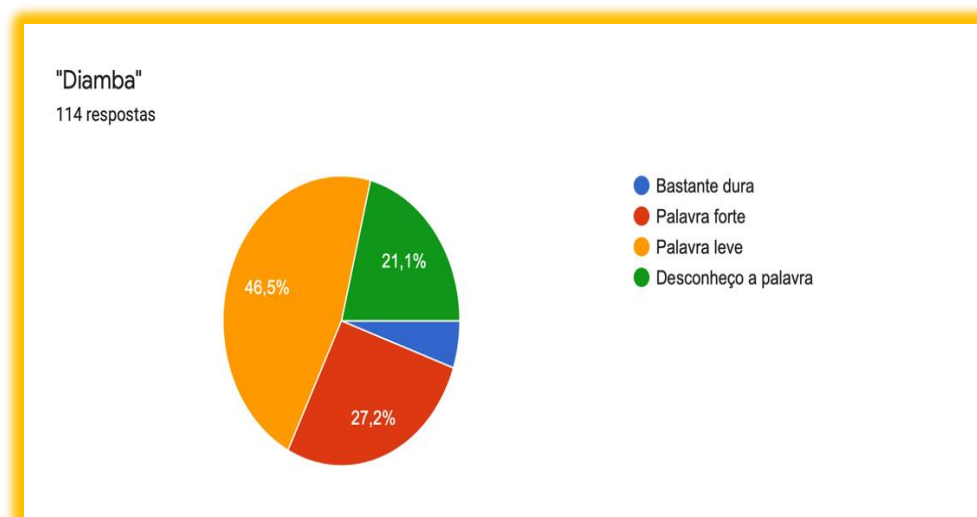


Gráfico 11 - "Diamba"

Diamba/liamba é uma expressão do calão angolano que, em linguagem padrão, significa estupefaciente, droga feita a partir do cânhamo que, em linguagem vulgar, se designa por “erva” ou “maconha”. De acordo os dados coletados, é uma expressão que,

embora ligada a um produto ilícito, é considerada uma maioritariamente palavra leve por 53 inquiridos, que correspondem estatisticamente a 46,5%; 31 participantes (27,2%) assinalaram-na como palavra forte; 6 inquiridos, que equivalem a 5,3%, classificaram-na expressão bastante dura e 24 pessoas (21,1%) desconhecem a sua significação.

3.3.9. Caso 9 — “Perar”

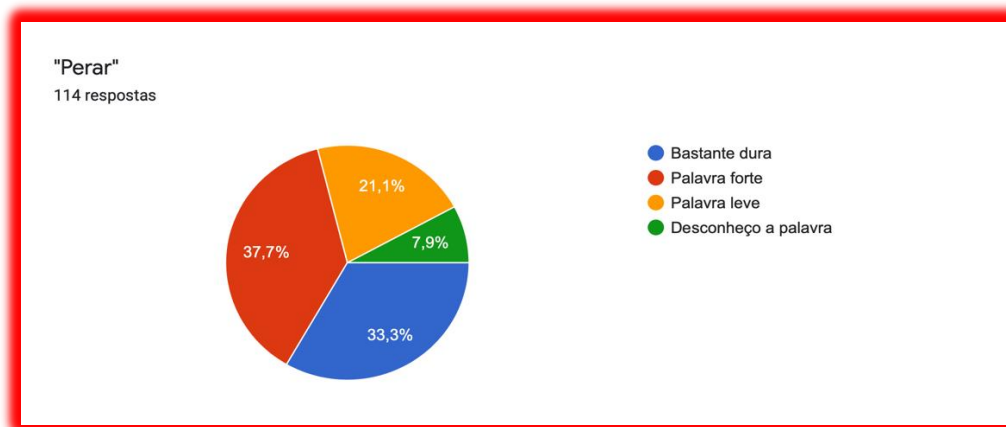


Gráfico 12 - "Perar"

“Perar” é uma expressão do CA que significa ter relações sexuais, fazer amor semelhante ao igual ao vulgarismo “pinocada”, “pinar” ou “dar uma queca” no CE. Segundo as amostras obtidas, é uma expressão considerada maioritariamente forte por 43 inquiridos, que correspondem a 37,7%; 30 participantes (33,3%) classificaram-na como uma expressão bastante dura; 24 inquiridos (21,1%) assinalaram-na como expressão leve, e 9 pessoas, que equivalem a 7,9%, desconhecem-na.

3.4. A mudança de paradigma dos usos do calão: Do gueto ao prestígio cidadão

Tal como um adolescente lusitano usa “stor” em vez de “professor”, em Angola a situação não é diferente. Existem alunos que tratam os professores por “prof” e “mamoite”, e existem situações mais alargadas; muitos falantes angolanos empregam o calão, principalmente os moradores de subúrbios, guetos e zonas cuja estreiteza de convívio e compadrio remete a indivíduos de baixa renda, cidadãos com pouco grau ou sem acesso a escolaridade por escolha, negligência ou mesmo porque as dificuldades obrigam ao abandono escolar para dar prioridade à subsistência. Esse é o caso de muitos zungueiros (vendedores ambulantes), engraxadores de sapatos, mixeiros, biscateiros, lavadores de carros ou lotadores de táxis. Falamos de cidadãos cujos repertórios diários

são 70% transformados em calão pelo constante contacto com as ruas. Pelas razões acima descritas, e pela crise financeira que afetou Angola entre os anos 2013-2014, tem-se verificado um significativo aumento de adolescentes e jovens em labutas informais que vão formando um aglomerado de falantes da mesma realidade social mediante apuração de factos. Em situações como essas, é mais propensa a circulação de vocábulos e construções fráscas de seus cardápios linguístico-populares em relação a usos de linguagens cuidadas ou correntes. Para vivenciarmos tal experiência, basta passarmos em locais onde eles praticam os seus ofícios, comprovando que, em cada dez construções fráscas, pelo menos sete empregam o calão.

Nos anos 2005 a 2012, a camada juvenil angolana era grosso modo envolvida em “staffs”, “gangues” e outros grupos de diversas finalidades, como organizadores de raves de festas noturnas, grupo de dançarinos, “matangas”¹⁴¹ causadoras de “bifes”¹⁴² e conflitos e guerrilhas com turmas melindrosas de outras zonas como demonstração de valentia, poderio e imposição de respeito no qual o calão era a língua de “atrofio”¹⁴³. O calão era também o veículo de propagação artístico-musical em muitos estilos de kuduro *underground*, lamentos, estilo dos cientes das favelas. Todos estes grupos e estilos foram os maiores responsáveis pela propagação do calão como tendência relacionada ao vandalismo, tanto que algumas famílias protetoras e religiosas, umas que tinham imagens a zelar, outras mais conservadoras e reservadas que velavam pelos ditos costumes do bem expressar-se e bom posicionamento, proibiam os seus filhos de se misturarem com grupos do género. Atualmente, o paradigma tem-se ultrapassado, pelo menos em conceções marginais, desde que o calão angolano deu dois saltos importantes: a adesão de todos as camadas e faixas etárias e o facto de ter transcendido as ideias preconcebidas de linguagem de margem, de bárbaros e de infratores para uma visão mais atenuante, porque já vem revelando uma quebra de correntes ideológicas, de tabus. Aliás, atualmente, um “kota” de posição social invejável pode comunicar quer em calão como em linguagem cuidada ou corrente sem que seja alvo de julgamentos. Exemplo disso é a situação vivida por Millier Gomes, diretor técnico da FAF, da qual preferencialmente mesclou usos linguísticos correntes com expressões em calão no mesmo texto:

Ao sair do carro, o puto engraxador (de sapato) disse:
- Kota, um brilho.
— Nada puto, estou sem moedas — respondi.
Aí ele retrucou:
— Não pagas nada kota, de borla.

¹⁴¹ Matanga: Expressão usado no calão angolano referente a grupo.

¹⁴² Bife: Ataques verbais, insultar, abusar.

¹⁴³ Atrofio/ atrofiar: são termos utilizados no calão angolano no sentido de amedrontar, impor respeito, ameaçar, intimidar, acovardar.

Me senti tentado a aceitar, mas simplesmente lhe fiz um sinal de ok, tá fixe e segui o meu caminho. Entrei para o banco e fiquei a pensar no engraxador. Sol ardente, sorridente e ainda por cima com coração bom.

Ao sair do banco, ia a entrar para o carro, o puto veio a correr:

— Kota, não vai assim com os sapatos sujos. É mesmo de borla.

O Kandengue me tocou. Decidi aceitar. Mas lhe avisei logo:

— Canuco to sem "kumbu pequeno".

— Mô kota não é pra pagar. Eu sei que o kota é "ciente". Rematou o gajo.

Ficámos os dois debaixo do sol, ele muito dedicado. E eu a pensar e a remoer o meu cérebro... “Há gente com milhões e este garoto mesmo sem tostões está aqui com dignidade”. No final da operação disse:

— Obrigado, meu rapaz. Bumbaste fixe

— Sem makas, kota. Chega bem.

Peguei em 1000 (mil) kwanzas¹⁴⁴ e paguei o serviço.

Vi o miúdo a chamar um outro para lhe arranjar trocos...

— Fica bem puto., amanhã estamos juntos.

Bazei.

Vi pelo retrovisor o rapaz a sorrir... Eu também sorri...

Tabela 12 - Vocábulos de usos linguísticos correntes versus usos colonizados em texto híbrido de Miller Gomes

Usos linguísticos correntes	Conversão em usos colonizados
Mais velho, uma limpeza nos sapatos?	Kota, um brilho?
Sem problemas, senhor	Sem makas, kota
Mais velho...	Mô kota
Senti-me comovido com o rapaz	Kandengue me tocou...
Menino, estou sem pequenas quantias de notas	Canuco tô sem kumbu pequeno
Sei que és um senhor que nos considera sempre	Sei que o kota é ciente
Disse ele...	Rematou o gajo...
Obrigado, rapaz, pelo excelente trabalho	Obrigado, meu rapaz, bumbaste fixe
Fui-me embora	Bazei
Sim, está bem...	Ok, tá fixe...

3.5. Relação léxico-semântica entre Mwangolês e Tugas

As notas introdutórias do ponto 0.2 remetem-nos para os propósitos de aferição entre as vinculações do CA e do CE, sobre os quais somos convidados a traçar e a nivelar as proximidades e distanciamentos de vocábulos. É de sublinhar que a importância deste

¹⁴⁴ Kwanza: Unidade monetária da nação angolana

exercício parte essencialmente dos vários fenómenos, culturais e demográficos, que conduziram a intercâmbios linguísticos entre Angola e Portugal.

3.5.1. Calão de igual significação em Angola e Portugal

Tabela 13 - Calão angolano / do português europeu¹⁴⁵

Calão angolano	Português padrão	Calão do português europeu
Bufo	Traidor, aquele que denuncia os outros	Bufo
Candongá	Pequeno negócio feito em mercado informal	=
Chulo	Indivíduo que vive à custa da mulher e sustentado por ela.	Chulo
Dar zebra	Falhar, plano fracassado	=
Tantã	Pessoa que não regula bem da cabeça	Tantã
Galheta	Bofetada	=
Esporra	Espermatozóide, esperma	Esporra
Badalho	Órgão genital masculino	=
Guito (a)	Dinheiro	Dinheiro
totó	Pessoa acanhada, menos inteligente, lerdo	=
Bazar	Ir-se embora	Bazar
Cuarra	Prostituta, mulher fácil	=
Snifar	Drogar-se	Snifar
Ferrar	Dormir, deitar-se	=
Bué, buereré	Muito, bastante, em abundância	Bué, buereré
Fixe	Bom, agradável	=
Nabo	Pessoa desajeitada	Nabo, totó

¹⁴⁵ José João Almeida, *Dicionário Aberto de Calão e Expressões Idiomáticas*, Braga, 2022. p. 23-122.

Gajo ¹⁴⁶	Indivíduo, pessoa, sujeito	=
Ya	Confirmação de concordância, sim, afirmativo.	Ya
Tchilar ¹⁴⁷	Festejar de forma intensiva, embebedar-se	=

3.5.2. Palavras homónimas entre CA e CE

Tabela 14 - Palavras homónimas¹⁴⁸

Calão angolano	Português padrão	Calão do português europeu
Camone	Amigo, camarada, companheiro	Turista estrangeiro
Entalar	Engravidar	atrapalhar
Buba	Telefone, celular	bebedeira
Maka	Problema, confusão, contenda, situação de difícil resolução	Maca= espécie de cama para doentes em casos de emergência
Cuca	Cerveja	Cuca= cabeça, cachimónia
Birra	Cerveja	Birra= fazer birra é fingir-se, simular grande dor, teatro, fitas
Estalo	Aspirações, Dar na gana, vontade	Estalo= pancada na cara
Teso	Ereção, atizar, estimular, motivação dos órgãos sexuais	Teso= estar sem dinheiro
Galar	Controlar, olhar atentamente	Galar= engatar, prostituta que anda a procura de clientes
Pifar	Avariar, danificar o bom funcionamento	Pifar= extorquir, roubar
Pilhar	Dar mão, apoiar, ajudar um amigo	Pilhar= sortear usando lenga lenga “pim pam pum”
Pinar	Extorquir, roubar, furtar	Pinar= fazer relações sexuais
Careta	Má pessoa	Careta= pessoa velha

¹⁴⁶ Vale assinalar a exceção da palavra gaja, que em Angola (“grande gaja”) pode ser uma forma valorativa de elogiar a posição social de uma mulher, mas que em Portugal é uma expressão depreciativa e pejorativa de mulher vulgar ou meretriz, por isso é importante que tenhamos atenção em utilizá-la.

¹⁴⁸ José João Almeida, *Dicionário Aberto de Calão e Expressões Idiomáticas*, Braga, 2022. p. 23-122.

Tutu	Pessoa feia	Tutu= referente a região das nádegas ou ânus, bunda, traseiro.
Piteu	Alimentação, comida	Piteu= mulher jeitosa, cavalona
Gato	Má ação, má conduta, má pessoa	Gato= gralha, erro
Broca	Mulher jeitosa, mulherão	Broca= cigarro feito a mão, mistura de tabaco e haxixe, ganza

3.5.3. Expressões diferentes entre o calão angolano e o calão do português europeu, mas com significado igual.

Tabela 15 - Palavras diferentes com igual significação ¹⁴⁹

Calão angolano	Português padrão	Calão do português europeu
Malaique	Má pessoa	Fatela
Mambo	Coisa	Cena
Bumbar	Trabalhar, labutar, ocupar-se	Bulir
Homenagear/pungo	Masturbar-se	Bater uma, punheta
Bongó, poliangué, baba, carico	Polícia	Judite, bófia
Bué	Muito, em abundância	Baita
Pica	Erva, maconha, marijuana	Pica= não possuir passe de viagem, trapacear o sistema de transporte
Pax	Passageiro	Pendura
Manga de dez	Adolescente do sexo feminino	Pita
Cachudo	Cheio de dinheiro	Podre de guita
Encher a cara	Embebedar-se	Apanhar uma puta
Birra	Cerveja	Jola, loira
Dioba	Fome em demasia	Tata larica
Pitar	Comer, alimentar-se	Trincar

¹⁴⁹ Queneth José Pires António, *Variação Léxico-Semântica no Mundo Lusófono: Os Casos de Angola e Portugal*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2018. p. 42-63.

3.6. Entre Angola e Portugal: as similitudes e os falsos cognatos linguísticos

A relação de convívio entre portugueses e países africanos de expressão portuguesa é também baseada na afeição, coleguismo e crescimento, ou seja, muitos adolescentes e jovens, quer portugueses, quer afro-lusos, que crescem nas mesmas zonas, acabam por fazer amizades. Os angolanos, em particular, criam amiúde ligações por intermédio dos bairros, das academias escolares e desportivas; alguns conhecem-se em ambientes noturnos ou ambientes laborais, entre várias situações. Entretanto, os fenómenos de aculturação e influências linguísticas são inevitáveis e, paulatinamente, diversos hábitos e expressões de origens diferentes vão ganhando espaços entre ambas as realidades, principalmente em zonas metropolitanas, onde o fluxo de emigrantes é exorbitante e também em distritos ou cidades académicas; pelo impacto universitário, as rotinas acabam por confluir e convergir, emparelhando-se amiúde. São disso casos congressos internacionais, praxes académicas, latadas, jantares de cursos, visitas guiadas ou excursões, entre tantas outras com intuito de partilha, familiarização e inclusão, como grupos de estudos, convívios em bares ou cafés, festividades, ou aniversários. Nesta vasta gama de convivência juvenil que envolve intimidades e diversão, a livre circulação de linguagens informais ocorre com frequência. Assim, um angolano inserido em amizades maioritariamente portuguesas facilmente descodifica que “guito” é dinheiro, “totó” se refere a um indivíduo desajeitado ou menos inteligente; consegue identificar as palavras “bulir” e “bumbar” como vocábulos sinónimos (até porque, em Angola já se usa a expressão “bulir” em construções fráscas como “tô a bazar bulir”, ou “vou trabalhar”. Por outro lado, um português inserido num meio maioritariamente angolano, para além das expressões mais conhecidas como “bué”, “pitar”, “ya” ou “fixe”, percebe normalmente que “bazar” quer dizer ir-se embora, deslocar-se. Aliás, este vocábulo já é empregue frequentemente em Portugal. Em contrapartida, existem os *false friends*, os falsos cognatos ou falsos amigos, aquelas palavras iguais, mas com significados diferentes, que por vezes causam desconforto e constrangimentos numa conversação. Imaginemos um português em conversação com uma angolana a dizer que está “teso” (querendo dizer que ficou sem dinheiro), quando estar “teso”, na linguagem vulgar angolana, significa excitação, ereção, vontade ou prazer sexual. No reverso da medalha, podemos imaginar uma portuguesa numa fila do banco em Angola a alegando que alguém na bicha a entalou querendo se referir a ação de obstaculizar ou atrapalhar, quando em Angola “entalar” significa engravidar, o que causará obviamente estranheza, cabendo porém aos interlocutores ou os que presencialmente acompanharam tais situações saberem digerir esta informação. Apesar das relações e algumas similitudes

entre as duas realidades linguísticas, existem também discrepâncias, portanto é normal um termo significar uma coisa em Angola e querer dizer outra coisa em Portugal e vice-versa. Por exemplo, “pica” em CA significa maconha, estupefaciente, e em CE significa o revisor de um comboio, que oblitera, ou seja, “pica” os bilhetes dos passageiros.

Considerações finais

A língua é para nós o principal fio condutor das relações interpessoais. É um espaço possibilitador da convivência humana, um privilégio único que se acentua como faculdade que concebe, que engendra, um meio que opera e se permite efetivar, um recurso que modera, concilia, corrige e se deixa corrigir, uma ferramenta de elucidação e transmissão de informações, de conhecimento e valores, um produto social que serve como fonte de unidade, de coletividade, de pertença, uma esfera, que pela complexidade, recusa a univocidade porque se perpetra de diversas maneiras, umas mais elaboradas e outras mais espontâneas, dependendo dos contextos situacionais em que se inscrevem. Pelo seu caráter versátil de se dinamizar, vem-se revelando cada vez mais fecunda e fascinante.

Mediante o exposto, estamos cada vez mais convictos de que a língua é do povo, criada pelo povo, veiculada por ele e para ele e que com eles tem seguido a caravana das modificações dos tempos, dos espaços, das realidades e das necessidades. É o mesmo povo que vem brotando as sementes daquilo que hoje chamamos de congruência, este que, mediante a língua, preservou a vitalidade humana desde os tempos antigos até à contemporaneidade, criando comunidades, comunhão, desenvolvendo diferentes meios e formas de comunicação (o oxigênio) da familiarização. De tanta autonomia e poder popular, a linguagem que tem apresentado mais variedades é a popular, porque não se circunscreve mas respira. Não se limita, recria-se. Não se sufoca, respira as linguagens familiares, coloquiais, vulgares, regionais, gírias e calões. Mais uma vez, o poderio popular evita os tiques-linguísticos homogêneos e transcende a heterogeneidade porque, se observássemos a língua como um fenômeno uno, exato, acabado, como uma projeção de inalterável elaboração subjacente a regência meramente normativa e culta, se os falantes da esfera global optassem pelas etiquetas, pela rigorosidade formal, seriam hipóteses fictícias de acordo com a nossa concepção. Enquanto existirem situações informais, enquanto prevalecerem os diversos fatores ou elementos externos que influenciam as línguas, enquanto existirem guetos, realidades campestres ou pastorícias, enquanto vivenciarmos as dualidades entre conservadorismos e modernismos, urbanismos e ruralidade, intelectualidade qualificada e analfabetismo, situações normativas e variacionais, as línguas e seus respectivos níveis continuarão revelando diferenças.

Em síntese, o calão é um exemplo de uma linguagem diferente por excelência, um estilo especial, ainda que à margem da obscenidade. Isto não é, porém, sinônimo de imoralidade, sendo necessário o exercício de um equilíbrio proporcional entre olharmos para o lado mais afamado dele e ganharmos hábitos de averiguarmos o outro semblante

que o caracteriza, já que o calão não é só uma linguagem irreverente, existindo uma outra face que se comporta como uma linguagem normal com vocábulos normais que podem normalmente serem articulados sem que nos submetamos a situações ultrajantes.

Quanto à importância do calão e ao seu contributo no quadro de formação da angolidade sociolinguística e cultural de um país plurilingue e multiétnico, pela complexidade que o mesmo apresenta, este tem auxiliado o português (LO) em questões de unificação. A diferença é que a aplicabilidade e utilidade do português é mais de carácter formal, servindo como língua-veículo de relações políticas e diplomáticas, a matriz de institucionalização, de despachos oficiais, a língua de cientificidade, de educação, do processo de ensino e aprendizagem, dos jornais e outros órgãos de informações, a língua das legalidades, oficialidades e certificações e é, sobretudo, a língua de agregação, de incorporação e de unidade na adversidade. O calão é também uma modalidade de unificação, mas de índole informal, linguagem suplente de união na diversificação. É símbolo da plebe, da realidade fora dos asfaltos, das ruas tal como elas são, o distintivo que espelha a idiosincrasia dos filhos da terra que vivem a meio termo, ou seja, dos que pouco conhecem o português e tão pouco dominam as línguas nacionais e têm o CA como via de recorrência na certeza de se fazerem perceber.

O calão angolano é também um dos emblemas de reconhecimento de um angolano para outro na diáspora. Para além dos sotaques, existem palavras de identificação imediata de um mwangolê em conversação. É uma das marcas que representa as particularidades, no o toque musical, artístico-cultural, nas vibrações, nas criatividade de constantes invenções de palavras novas que cada vez mais vão abrindo os apetites de aprendizado de uma maneira de se expressar intrinsecamente angolana.

Em síntese dos dados recolhidos pelo inquérito realizado por nós, a fragmentação preliminar obteve um número total de 114 inquiridos, dos quais 81 angolanos e 33 portugueses. Quanto ao género sexual dos inquiridos, para além de quatro pessoas, que por questões de escolha e confidencialidade preferiram não identificar o seu género, a disparidade numérica não foi assim tão distanciada, sendo pelo contrário, muito próxima, porque, de acordo as amostras, houve simplesmente seis inquiridos a mais do sexo masculino, totalizando 58 respostas de participantes do sexo masculino contra 52 inquiridos do sexo feminino. Ambos em termos de língua de primeiro contacto (materna), o português é a língua predominante, com a percentagem de 68,1%; um facto que nos chamou atenção em termos de ocupações profissionais foi termos obtido mais respostas da classe de trabalhadores-estudantes, que nos surpreenderam positivamente por terem sido 50 inquiridos correspondendo à percentagem de 43,9%, quando simples estudantes que julgávamos que seria a maioria se firmaram em segundo lugar, com 32,5%, equivalentes às respostas de 37 estudantes. Quanto à faixa etária, a fase mais

envolvida no uso do calão intercala-se entre 18 e 25 anos, com uma percentagem de 62,3%, que corresponde a 71 respostas de jovens desta escala.

De acordo com a recolha de vocábulos de natureza comparativa, constatámos uma significativa diferença de palavras e significados entre as palavras traduzidas em CA e CE, exceto duas, que foram iguais: “mãe”, apesar da escrita diferir, “kota” para os angolanos e “cota” para os portugueses e “asneiras” que foi traduzida por ambas as modalidades por “merdas”. Por conseguinte, a partir dos gráficos de recolha léxico-semântica, com a finalidade de aferirmos os níveis de conhecimentos dos significados das palavras, ou averiguarmos a carga semântica delas traçando três alíneas e uma opção de assinalar em caso de desconhecimento, obtivemos duas frases ou palavras fortes (“puto, essa bunda não é para ti” e “perar”. Segundo os inquiridos, estas são expressões que podem até ser usadas, mas em ambientes de proximidades, devendo em caso contrário ser evitadas.

Num total de 9 palavras ou frases selecionadas, incluindo as duas “fortes” suprarreferidas, cinco foram consideradas leves, ou seja, distanciadas de palavrões. Portanto, “caga nisso”, “gajo que tchila até as seis horas da matina”; “bumbar é uma merda”; “diamba” e “garina um coche atirada” podem ser usadas normalmente. Por seu turno, duas, pela dimensão e nível de vulnerabilidade, frontalidade e carga semântica que as caracteriza (“catingueiro do caralho” e “rata”) foram consideradas expressões bastante duras que devem ser evitadas em público e distanciadas do nosso repertório diário por questão de educação. Outrossim, é a expressão “diamba” assinalada como o calão que atingiu maior percentagem de desconhecimento de significação por parte dos inquiridos portugueses, pois em Portugal é mais frequente os termos “erva”, “*weed*” ou “ganza”, tendo correspondido a 21,1% dos inquiridos. A expressão assinalada como menos desconhecida foi a frase “estar-se/tar-se a cagar” ou “caga nisso”, sendo desconhecida apenas 1 inquirido, que correspondeu a 0,9%.

Referências bibliográficas

Araújo, de Érica Daniela, *A Linguística Geral de Beneveniste Como um Acontecimento no Espaço Político-Simbólico da Linguística: Língua, Cultura e Personalidade*, Uberlândia-Minas gerais, 2019. pp. 72.

António, Elsa Josina, *Criação e inovação lexical nos textos literários: o caso do romance os transparentes de Ondjaki*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2018. pp. 43.

António, Queneth José Pires, *Variação léxico-semântica no mundo lusófono: os casos de Angola e Portugal*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2018. pp. 42-63.

Almeida, José João, *Dicionário Aberto de Calão e Expressões Idiomáticas*, Braga, 2022. pp. 42-63.

Alves, Ieda Maria, “A Integração Dos Neologismos por Empréstimo ao Léxico Português”, São Paulo, Alfa Revista Linguística, vol.28, 1984, pp. 119.

Alves, Maria Ieda, “Integração de Estrangeirismo à Língua Portuguesa”, UPS- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana, São Paulo, pp. 1

Bagno, Marcos, *A Norma Oculta, Língua e Poder na Sociedade Brasileira*, São Paulo, Parábola Editorial. 2003, pp. 42-43.

Banza, Ana Paula, “Variação Linguística e Ortografia: Das Regras Renascentista ao A090”. In: Duarte, Sónia e De León, Rogelio Ponce (coord), *Estudos de Historiografia Linguística Portuguesa*, Porto, Clup-Edita, 2019. pp. 11.

Banza, Ana Paulo, “Uma Língua, Muitas Vozes: Para uma Política Linguística Pluricêntrica do Português” Évora, 2020, p. 3-4. in: Michael, Clyne: *Pluricentric Languages. Differing Norms in Different Nations*. Berlim/New York: Mounton de Guyter. 1992.

Bernardo, Ezequiel pedro, “Norma e Variação Linguística: Implicações no Ensino da Língua Portuguesa em Angola” Revista Internacional em Língua Portuguesa n° 32, 2017. ISCED-Cabinda, pp. 46.

Boléo, Manuel de Paiva, *O Interesse Científico da Linguagem Popular*. in: Daniela Patrícia Moreira Vieira, *Tiro e Queda Fanzine de Vocábulos do Saber Popular Tradicional Português*. Porto, 2017, pp. 4.

Cesáire, Aimé, *Discurso sobre o colonialismo*, Trad. Homem, Anísio Garcez, Florianópolis, Letras Contemporâneas Livros e Livros, 2^a ed, 2020. pp. 28.

Coseriu, Eugénio, *la geografia linguística*. Montevideo, universidade de la Republica, 1956. pp. 44-45. In: Cintra, Lindley e Cunha Celso, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, JSC editora, 2^a ed 1984, pp.7.

Cegalla, Domingos Paschoal, *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, São Paulo, Companhia Editora Nacional 3^a ed, 1989, pp. 535.

Coelho, F. Adolfo, *Os Ciganos de Portugal: Com Estudos Sobre o Calão*, Memória Destinada a X Sessão do Congresso Internacional dos Orientais. Lisboa, Imprensa Nacional. 1892. pp. 55.

Coste, R. Galisson e D, *Dicionário de Didática das Línguas* (Trad.) Dos Santos, Custódio L e Da Fonseca, Fernanda; Sampaio, José; Boléo, Maria I. Paiva; Sampaio, Maria Manuela A. M; Verdelho, Telmo, Coimbra, Livraria Almeida, 1983. pp. 513.

Conceição, Manuel, “Português na Casa do Mundo: Terminologias e Políticas Linguísticas” in: Barroso, Henrique (coord), *O Português na Casa do Mundo, Hoje*, Braga, Húmus, 2018, pp. 31.

Da Costa, Teresa Manuela Camacha José, *Umbundismos no português de Angola: Proposta de um Dicionário de Umbundismos*. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015, pp.104-170.

De Oliveira, Heloísa Tramontin, *A Relação das Línguas Com a Construção do Estado-Nação Angolana*, Universidade Federal de Santa Catarina, pp. 229.

Elias, Sílvio, *Sociolinguística: Uma Introdução*, São Paulo, Editora Contexto, 2014. pp. 72.

Faraco, Carlos Alberto, 2004, p. 40. In: Natália Silva, *A Adequação Linguística Enquanto Elemento Essencial a Diversas Práticas Sociais*, Universidade Federal de Uberlândia, 2015, pp. 21-22.

Faraco, Carlos Alberto, *Norma, Culta Brasileira Desatando Nós*, São Paulo, Parábola, 2008, pp. 73.

Faraco, Carlos Alberto, “Ensinar X não Ensinar Gramática: Ainda Cabe essa Questão?” *Universidade Federal de Paraná, Calidoscópico*, vol.4 2006. pp.25.

Fiorin, José Luis, *Figura de Retórica*, São Paulo, Editora Contexto, 2014. pp. 78.

Freitas, Tiago; Ramiro, Maria Celeste e Soalheiro, Elisabete “O Processo de Integração dos Estrangeirismos no Português Europeu, Instituto de Linguística Teórica e Computacional” Lisboa, 2012, p. 2-10.

S/L. Galrinho, António, *Palíndromo e Anagramas*, Grafismo, 2010. pp. 4-5.

Gonçalves, Maria da Silva, *O Calão no Português Europeu: Tendências e Utilizações*, Universidade de Minho, Braga, 2016, pp. 6.

Gonzaga, *História de Angola*, 1963. In: Zau, Domingos Gabriel Dele, *A língua portuguesa em angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011, pp. 47.

Leitão, Ana Silva, *A Língua Companheira do Império: Significados de Educação Ameríndia*, Universidade Estadual de Maringá, 2015.

Lima, Rocha, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 49^a ed. Rio de Janeiro, José Olímpio Editora, 2011, pp. 37-38.

Lima, Mesquita Augusto e Filho, Lopes João e Martinez, Benito, *Introdução à Antropologia Cultural*, Lisboa, 8^a ed., Editora Presença, 1990 pp. 151.

Calvet, Louis-Jean, *Linguistique et colonialisme*, Paris, Payot, 1974, pp. 236. In: Amélia A. Mingas, *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Porto, Campo das Letras Editores, 2000, pp. 52.

Mateus, Mira Helena, *Variação e Variedades: O Caso do Português*, Maputo, 2002. pp. 1.

Marcos, Abelina, “Empréstimos das Línguas Bantu no Português Falado em Angola: Kikongo, Kimbundu e Umbundo, Njila e Sepé São Francisco do Conde, vol. 1, n°2, 2021. pp. 155.

Marques, António, *O Interior: Linguagem e Mente em Wittgenstein*, Braga, Fundação Calouste Gulbenkian- Fundação Para Ciência e a Tecnologia, 2003. pp. 91.

Mingas, Amélia. A, *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Porto, Campo das Letras Editores, 2000, pp. 49.

Muzombo, Wakala Isaac, *O Kuduro Concretizações Literárias à Margem*, Universidade de Évora, 2020. pp. 3.

Moureau, Géraldine Chantal, *Influência do Calão Cigano nas Línguas Portuguesa e Castelhana em Contextos de Comunicação de Massa*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2010, pp. 23.

Melo, Miguel Manuel, *Diversidade Genética nos Principais Grupos Populacionais em Angola—Aplicação Forense*. Universidade do Porto. 2010. pp. 29.

Nezinga, Armando José, *A Presença de Neologismo em Jornais Públicos e Privados de Angola: Verificações de Frequências*. Universidade de Évora, 2019. pp. 54.

Neves, Orlando, *Dicionário de Origem das Palavras*, Lisboa, Notícias Editorial, 2001. pp. 73.

Ntongo e Fernando, *Angola: Povos e Línguas*, Luanda Editorial Nzila, 2002. In: Zau, Domingos Gabriel Dele, *A língua portuguesa em angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011, pp. 47.

Ondjaki, *Os Transparentes*, São Paulo, Companhia das Letras, 2013, p. 31-32.

Osório, Paulo (Coord.), Miguel, Afonso; Kingui, António; Suelela, David.; Adriano, Paulino Soma, e Costa, Teresa, *Da Fonologia à Lexicografia. Elementos para uma Gramática do Português de Angola*, V. N. Famalicão, Edições Húmus, 2022.

Poll, Margarete Von Muhlen, “Erro Linguístico e Seus Eufemismos”, *Revista Memento* V.1, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. pp. 28.

Ribeiro, Alice Maria Granjinho, *Variação e Normativização em Contextos Escolares: O Caso do Verbo Meter*, Universidade de Minho, Braga, 2012, pp. 15.

Redinha, José, *Etnias e Culturas de Angola*, Instituto de Investigação Científica de Angola e Banco de Angola, 1975. In: Coelho, Virgílio “A Classificação Etnográfica de Angola” (1ª parte) *Mulemba*, Rio de Janeiro, vol. 5. 2015. pp. 6.

Rodman, Robert e Fromkin, Victoria, *Introdução à Linguística*, Trad. Isabel Casanova, Coimbra, 1993. pp. 288.

Rocha, Acílio da Silva Estanqueiro, “Da Linguagem à Cultura: Globalização e Diversidades Culturais” Universidade de Minho, Braga, 1998, pp. 465.

Serrote, João Major, *Antroponímia da Língua Kimbundu em Malange*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015. pp. 19.

Silva, Serafim, *História da Língua*, 1952. p. 52. In: Silva, Rosa Virgínia Mattos, “Teoria da Mudança Linguística e sua Relação com a(s) da(s) Língua(s)” *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* vol. 3. 2008, pp. 46.

Silva, Maria Portocarrero, *Conceitos Fundamentais de Hermenêutica Filosófica*, Coimbra, 2010, pp. 6-11.

Tavares, Fernando Oliveira e Pacheco, Luis e Costa, Paulo, “História económico-social de Angola: do período pré-colonial à independência” *População e Sociedade*, Porto, vol. 29, 2018, pp. 85.

Teixeira, José, “O q é q é + Importantt N1 Smg?” Universidade de Minho, Braga, 2003. pp. 15.

Undolo, Márcio Edu da Silva, *Caracterização da Norma do Português em Angola*. Universidade de Évora, 2014. pp. 57.

Vayone, Francis, “Expressões e Personalidade In: Haquiara Osakabe (coord.), *Usos da Linguagem, Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita*. São Paulo, 7ª ed., Martins Fontes, 1998, pp. 465.

Valente, P. José Francisco, *Gramática Umbundu a Língua do Centro de Angola*. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar. 1964, pp. 25.

Werner, Kelly Cristini Granzotto, “A Intersubjetividade Antes da Subjetividade na Teoria da Enunciação de Benveniste” Universidade Estadual da Ponta Grossa, 2006, pp. 2.

Zau, Domingos Gabriel Dele, *A Língua Portuguesa em Angola: Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011, pp. 49.

Webgrafia

Axel Samba Tomba Justes, “Cosmogonia Bantu: Nzambi a Mpungo (Deus Supremo), A Criação da Natureza e do Homem Muntu”, *Wizi-Kongo*, 2016. p. 1. Disponível in: <http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/cosmogonia-bantu-nzambi-a-mpungu-deus-supremo-a-criacao-da-natureza-e-do-homem-muntu/> (acesso 29/04/2022).

Camolaquenda, Rosa, “O Kuduro e a Moda, Mwelo-Weto, 2018. Disponível in: <https://mweto.wordpress.com/2018/08/07/o-kuduro-e-a-moda/> (acesso 12/05/2022).

Clube das pipocas, Emílio, “Você Sabe Qual é a Origem da Pipoca?”, Disponível in: <https://clubedapipoca.com/blog/origem-da-palavra-pipoca/> (acesso 06/04/2022).

Fernando, C, “Calão, uma Língua Viva” O Pantifundio Observador Multicultural do Mundo ou Língua Portuguesa, 2008. In: Dade, Ermelinda Higino, “O Plebeísmo na Obra Os Cães e os Caluandas de Pepetela”. Disponível em: <https://monografias.brasescola.uol.com.br/educacao/o-plebeismo-na-obra-cao-os-caluandas-pepetela.htm> (acesso 07/05/2022).

Infopédia, Definição de Escrita, Dicionário da Porto Editora, Disponível in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/escrita> (acesso 23/05/2022).

Infopédia, Definição de Bailundo, Dicionário da Porto Editora, Disponível in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/repercussão> (acesso 20/04/2022).

Infopédia, Definição de Alembamento, Dicionário da Porto Editora, Disponível in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/alembamento> (acesso 19/05/2022).

Infopédia, Definição de Geringonça, Dicionário da Porto Editora, Disponível in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/geringonça> (acesso 17/05/2022).

Matalanca, I Love Kuduro-From Angola To The World, Buala, 2013, Disponível in: <https://www.buala.org/pt/da-fala/etiquetas/kuduro> (acesso 17/05/2022).

Master, Semba, *Retro Langa Langa*, “Youtube”. Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=IcxD7k1MgkA&list=WL&index=5> (acesso 21/04/2022).

Ouro Negro, Príncipe, Para Xofela com muito amor, *Fly Podcast*, “Youtube”, Luanda, 2022. Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=9jkUSCGMcBU&list=WL&index=4> (acesso 12/05/2022).

O que é soto-gari, Treinamento 24, Disponível in: <https://treinamento24.com/library/lecture/read/114766-o-que-e-o-soto-gari> (acesso 10/05/2022).

Ser ou não ser Langa, Jornal de Angola, 2018. Disponível in: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=409305> (acesso 26/04/2022)

Anexos

Anexo 1— Entrevista namayer: Fator diferença e ilustração da linguagem disponível in: <https://youtu.be/poqhK25RJPQ>



Anexo 2— Bobany king em entrevista: Da explicação e tradução vocabular à expansão do burguês desde as origens. in: <https://youtu.be/PiRBkdsWskU>



Anexo 3—Inquérito

Mestrado em Estudos Lusófonos



Questionário destinado para falantes angolanos (PA) e portugueses (PE)

Nacionalidade portuguesa Língua materna português Sexo F

Idade 24 Profissão (indicar grau se for estudante) estudante mestrado

1- A seguir serão apresentadas frases escritas no português padrão-normativo. Rescreva-as substituindo as expressões assinaladas a negrito por uma expressão em calão.

a) Com este sol infernal de verão apetece-me beber **cerveja**.

R: fino (expressão utilizada maioritariamente no norte de PT)

b) Quando é dia de sair com os amigos gosto de **vestir-me** bem.

R: _____

c) Tive que mudar de rotina, já não faço **asneiras**.

R: porcaria / merda

d) O noivo admitiu ser **fã** da sua parceira.

R: _____

e) A **polícia** prendeu a **maconha** do maior traficante da beira interior.

R: drogeda ; ervu

f) Nunca te esqueças da tua **mãe**, ela é o teu maior presente.

R: cota

g) Coitado do Pedro a namorada o **traiu**.

R: pôs os cornos

h) Fico **irritado** com facilidade.

R: passado

Mestrado em Estudos Lusófonos

Os vocábulos que se seguem, são expressões informais de uso quotidiano sobretudo em linguagens juvenis encontradas em músicas, filmes, redes sociais, internet e outros contextos de conversação que podem por vezes ser consideradas grosseiras, obscenas e com bastante carga semântica e outras que merecem ser censuradas em ambientes públicos.

Diga se as considera:

- a) **Expressão bastante dura** (dificilmente usaria)
- b) **Palavra leve** (poderia usar normalmente)
- c) **Palavra forte** (poderia usar em ambientes intimistas, familiares e amigos)

Caso conheça, diga o significado da palavra ou frase sublinhada e negrita e se a considera:

- a) **bastante dura**; b) **leve**; c) **forte**

Bué fixe

Conheço Desconheço

Significado Muito porreiro

a) bastante dura b) palavra leve c) palavra forte

Puto essa bunda não é para o teu camião

Conheço Desconheço

Significado É demasiada aberta para a tua camioneta

a) bastante dura b) palavra leve c) palavra forte

***tar-se a cagar (tô me a cagar; caga nisso)**

Conheço Desconheço

Significado Não quero saber disso / Pouco me importa

a) bastante dura b) palavra leve c) palavra forte

Catingueiro do caralho

Conheço Desconheço

Significado Mde-cheiroso (?) [intenso]

a) bastante dura b) palavra leve c) palavra forte